

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL

**BRASÍLIA TAMBÉM É GOIÁS: Memórias Entrelaçadas entre dois Brasis
Regionais (Goiânia-Brasília)**

Frederico Oliveira Alfaix Assis (Le Blue)

Rio de Janeiro
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL

Frederico Oliveira Alfaix Assis (Le Blue)

**BRASÍLIA TAMBÉM É GOIÁS: Memórias Entrelaçadas entre dois
Basis Regionais (Goiânia-Brasília)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito à obtenção do título de Mestre em Memória Social

Orientadora: Edlaine de Campos Gomes

Rio de Janeiro

2013

ASSIS, Frederico Oliveira Alfaix (Le Blue).

BRASÍLIA TAMBÉM É GOIÁS: Memórias Entrelaçadas entre dois Brasis Regionais (Goiânia-Brasília)/ Frederico Oliveira Alfaix Assis (Le Blue)– 2013.

Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

BRASÍLIA TAMBÉM É GOIÁS: Memórias Entrelaçadas entre dois Brasis Regionais (Goiânia-Brasília)

Frederico Oliveira Alfaix Assis (Le Blue)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito à obtenção do título de Mestre em Memória Social

Aprovada em:

Banca

Profª. Dra. Edlaine de Campos Gomes
(Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro /UNIRIO - Orientadora)

Profª. Dra. Andrea Lopes da Costa Vieira
(Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro /UNIRIO)

Prof. Dra. Rachel Aisengart Menezes
(Instituto dos Estudos de Saúde Coletiva, Universidade Federal de Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

AGRADECIMENTOS

Durante oito anos de pesquisa, nos quais dediquei tempo para conhecer memórias - regional, nacional e pessoal - percebi que no fundo, elas se ligavam de uma maneira surda e absurda. Desatar esse nó para poder transformá-lo foi uma aventura pitoresca, mas, por vezes, extenuante que consumiu muito fosfato e asfalto. Na vertigem dos descaminhos encontrei aliados na estrada, que fizeram parte da minha jornada pelo conhecimento artístico e científico ser menos solitária. Desse encontro de solidões, como que no pretexto para jogar conversa fora para dentro da minha pesquisa, se esboçou fio por o fio o pré-texto do que aqui apresento agora. Reproduzir toda a “aventura socrática” com essas pessoas não é trabalho fácil (nem para um Aristóteles), já que foram inúmeras pessoas que me ajudaram, e são por mim consideradas como co-autores e co-pesquisadores. Encontrei parceiros em Goiânia, Brasília e no Rio de Janeiro. Nessa cidade, aparentemente neutra em relação à memória das outras duas (o tema é quente e merece outra pesquisa de pós-graduação), é onde, de fato, defendo a pesquisa iniciada em Brasília sobre os meus conterrâneos de Goiás, migrantes na capital federal.

A história do meu mestrado (primeiro como sonho e depois como realidade) em Memória Social é feita dessas memórias v(i)ívidas do rodapé da vida, que, nem sempre, ganham o devido status no universo formalista em que vivemos, que nos obriga a escamotear as fontes primevas do saber em nome de uma suposta ética jornalística. Mas, já que este é o momento para homenagens verossímeis, agradeço a essas pessoas de sangue vivo que foram transmutadas em tinta preta. Entre elas, sempre incorrendo no risco de esquecimento, esclarecido ou não, vou tentar citar 20% delas.

Pode-se considerar que a pesquisa de campo sobre os estudantes goianos em Brasília ocorreu no começo de março até o início de Julho de 2005. Neste período, eu retornei a Goiânia, apenas 3 vezes. Esse desligamento foi interessante, porque permitiu melhor uma relativa desnaturalização dos meus vínculos com uma cidade para poder me deixar impregnar pela outra. A Pesquisa foi financiada com recursos próprios e familiares. Ao todo foram oito anos de dedicação quase que exclusiva aos estudos na área de antropologia iniciados no último ano de faculdade (2004), na ocasião da realização do projeto de pesquisa de conclusão de curso na UFG (Universidade Federal de Goiás), como graduando de Comunicação Social na FACOMB (Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia). Em seguida, na mesma UnB (Universidade de Brasília), esse interesse permaneceu ao ser aluno especial no PPGAS (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social). Na mesma linha fui aluno externo no PPGSA, na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Agradeço, desde já, aos inúmeros colegas e professores que me abasteceram com suas vivências de pesquisas, em distintas situações.

Entre eles, sou mais formalmente tributário à Marco Lazarin, Maria Luisa Mendonça, Rita Laura Segatto, José Jorge de Carvalho, Paul Little, Gabriel Omar Alvarez, Ellen Woortmann, Gustavo Lins Ribeiro, Roberto Cardoso de Oliveira, Evelyn Orrinoco, Vera Dodebei, Jô Gondar, Javier Alejandro, Santuzza Naves, Roberto DaMatta, Roberto Crema, CornéliaEckert e Karina Kuschiner.

Agradeço à minha orientadora, Edlainede Campos Gomes, e às integrantes da Banca de Qualificação, Andrea Lopes da Costa Vieira e Rachel Aisengart Menezes que, voluntaria e pacientemente, se dispuseram a refazer o caminho do meu deslocamento físico e intelectual e passá-lo a limpo à luz da Academia.

Cabe agradecer a algumas pessoas que foram importantes, tanto para eu me adaptar a cidade de Brasília (na época do campo) e seus ritmos, quanto para essa pesquisa sobre os migrantes goianos estudantes na UnB ou ambas: minha amiga descendente indígena Naíne (em especial, por ter transcrito as entrevistas e compartilhado um pouco de sua cultura ancestral e teatral comigo) Dany, Demerval, Rodrigo, Adailton, Adriana, Paulo Neto, Ana Flávia, João, Carol, Alessandro, Valdemar, bem como o gueto da antropologia, teatro, música e dança contemporânea.

Devo agradecimentos especiais a todas as pessoas que foram entrevistadas por mim, sem me esquecer de várias outras, que dedicaram parte do seu tempo para relatar casos e situações vividas, mas que, no entanto, terão seus nomes preservados.

Cabe lembrar que a responsabilidade pelo conteúdo do que será aqui descrito é estritamente minha. Essa pesquisa é dedicada a todos os que saem de suas casas para tentar sobreviver em novas paragens, à coragem e ousadia de todos eles, em especial, aos estudantes goianos migrantes em Brasília, no ano de 2005, a quem dedico esta pesquisa. Também a dedico *in memoriam* à memória dos antropólogos Gilberto Velho e Santuzza Naves.

Já, no Rio de Janeiro, precisaria de um Maracanã para citar todas as pessoas que de alguma maneira me estimularam, ou desestimularam, às quais sou até mais grato. Entre elas seria injusto demais, pois esquecimento é sempre injusto, não citar Jussara, que fez do meu mestrado o seu; Raquel, entusiasta do tema da pesquisa, que é um pouco no desagregador no Rio, porque poucas pessoas querem lembrar que existe Brasília. Parcerias acadêmicas, com a doutoranda Alexandra.

Por fim, agradeço aos meus pais Eduardo e Marly pela parceria de ambos na dedicação a sua “pesquisa filial” comigo há mais de 30 anos; aos meus irmãos pesquisadores com os quais comunguei vasta biblioteca; aos colegas de faculdade e escola, amigos de infância, que nunca entenderam direito

meu movimento de ruptura parcial com a nossa cultura (mudança de cidade e personalidade), mas no fundo, sabiam que eu sabia o que estava fazendo. Tal qual o xamã Quesalid ao desconstruir a eficácia simbólica por trás das vozes coesas e históricas a respeito da sua cultura local, pude tentar ser porta-voz dos silêncios interiores e verdades latentes de parte de meus conterrâneos e/ou contemporâneos através desta pesquisa. E agora terminando a lista, agradeço também a toda parentela, pois, afinal, não posso esquecer da minha tribo.

“Mas a sua solidão há de dar-lhe, mesmo em condições muito hostis, amparo e lar, e partindo dela encontrará todos os caminhos”.

Rainer Maria Rilke

Fio a fio, teço e sou tecido por minhas memórias individuais e sociais, como uma tecelã, a unir em pontos de cruz, seu passado, presente e futuro.

O Autor

RESUMO

A discussão sobre tradição e modernidade está presente na relação entre duas cidades, Goiânia e Brasília, qualificadas quase sempre como díspares e identificadas a códigos contrastantes, que se refletem nas identidades assumidas e atribuídas a goianos e brasilienses. O objetivo desta dissertação é analisar tensões identitárias presentes na relação estabelecida entre jovens goianos e brasilienses, sobretudo no tocante às crises de adaptação dos migrantes goianos em face aos novos mecanismos de inserção social que, aparentemente, não se assentam tanto na ideia de família patriarcal, característica da sociedade tradicional goiana. Foi adotado o método de pesquisa observação participante junto a um grupo de moradores da Asa Norte, nas proximidades da Universidade de Brasília (ano de 2005), caracterizado por uma situação específica comum: o movimento de deslocamento migratório para o Distrito Federal no intuito de realizar cursos de graduação nesta universidade. Estes estão em permanente trânsito e, por isso, levam consigo experiências marcantes em suas trajetórias, transformando (e sendo transformados pelos) os espaços que os recebem. Mas, mais do que isso, representam coletividades sociais amplas, em esfera regional e microrregional, que permitem pensar o tema da(s) brasilidade(s) a partir de perspectivas regionais não hegemônicas.

Palavras-chave: Migração; Memória; Análise de Conflitos Inter-regionais.

ABSTRACT

A discussion of tradition and modernity is present in the relationship between the two cities, Goiânia and Brasília, often qualified as conflicting social codes, which are reflected in the identities assumed and assigned to Goiás and Brasília. The proposal of this dissertation is to analyze identity tensions in the relationship established between young persons from Goiás and Brasília, especially in relation to the bouts of migrant adaptation of Goiás in the face of new mechanisms of social inclusion, that apparently did not sit well in the idea of patriarchal family, characteristic of traditional goiana society. It was adopted a method of participant observation research with a group of residents of the Asa Norte, near the University of Brasília (2005), characterized by a specific situation: motion displacement migration to the Federal District to conduct undergraduate courses at this university. These are in constant transit, taking with remarkable experiences in their trajectories and turning (and being turned by) spaces that receive them. But more than that, they represent broad social collectivities in regional and micro-regional sphere, which allow us to think about the theme of (s) Brazilianness (s), from non-hegemonic regional perspectives.

Keywords: Freemasonry; Memory; Heritage.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – E de Goiás fez-se o Novo (E de Brasília se refez o Brasil).....	12
CAPÍTULO I – HISTÓRIA DE GOIÂNIA OU PRÉ-PRÉ-HISTÓRIA DE BRASÍLIA E PRÉ-HISTÓRIA DA UTOPIA DESENVOLVIMENTISTA NO BRASIL	26
I.1 – Goiânia de Goyas: cidade planejada e tradição?.....	26
I.1.a –“Frutos da Terra”: jovens goianos em Goiânia.....	27
I.2 –Brasília (ilha no Brasil): a cidade e o moderno.....	33
CAPÍTULO II – NÓISTALGIA NO PLANO PILOTIS: NOVOS HORIZONTES COM VELHAS ROUPAGENS DOS JOVENS GOIANOS EM BRASÍLIA.....	41
II.1 –Sangue, Suor e Lágrimas (O Macro Drama da Micro Migração ou Migração Regional).....	43
II.2 – 200 KM ou 2 horas.....	45
II.3 – “Brasília: Ame-a ou deixe-a!”: Na Asa do Plano com Pé em Goiás.....	47
CAPÍTULO III - A CENTRALIDADE DE BRASÍLIA: RESSONÂNCIAS E IMPACTOS LOCAIS.....	63
III.1 – Centralidade e desenvolvimento regional: as ressonâncias da Capital Federal.....	64
III.1.a – Repercussões na Goiânia contemporânea: dança, música e turismo.....	66
III.2 –O espaço polifônico da UNB e os impactos nos jovens goianos.....	67
III.3 –Da agricultura ao agribusiness: impactos econômicos e sociais.....	70
III.4 – Brasilidade e goianidade.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	89

INTRODUÇÃO: E de Goiás fez-se o Novo (E de Brasília se refez o Brasil)

A família de meu avô paterno é proveniente de uma cidade do Sudoeste goiano chamada Jataí, que poderia não entrar para a história, assim como os membros de minha estirpe, se não tivesse ocorrido um comício presidencial naquelas paragens, nos idos dos anos cinquenta do século XX. Na época, o então candidato mineiro à presidência da República, *JK (Juscelino Kubistchek)*, tinha o costume de fazer um bate-papo após a exposição de suas propostas de governo. Segundo relato de um informante da cidade e membro da família, na ocasião deste evento o tempo estava chuvoso. Um parente, conhecido como “Tuniquinho”, emprestou um galpão de sua propriedade para sediar tão prodigiosa e prolixa comitiva. No momento mais informal do discurso, o proprietário do recinto indagou se JK tinha como proposta de campanha aplicar uma determinada diretriz da *Constituição Brasileira*¹, que previa a implantação da capital do país no Centro do Brasil. O candidato respondeu que era uma de suas prioridades seguir a Carta Magna em toda sua integridade, como havia prometido antes mesmo de ser avisado desse item esquecido.

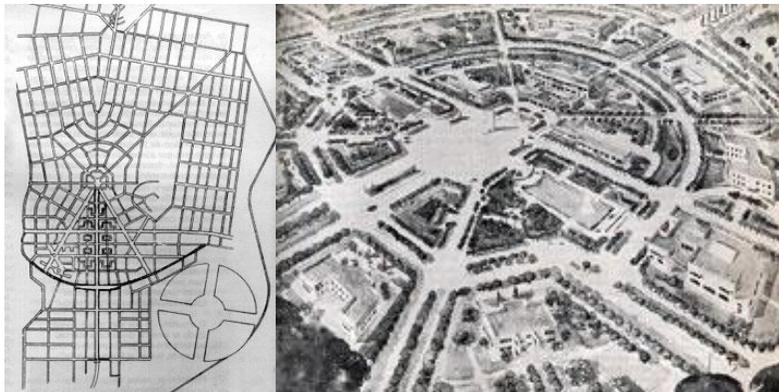
A narrativa familiar também é descrita logo no início do livro “Por que construí Brasília?” (KUBITSCHECK, 1975), com outra roupagem – a da escrita –, mas com forte ênfase na figura de “Tuniquinho”. Essa passagem praticamente invisível da história de Brasília demonstra a existência de micro-eventos, que foram banidos da pauta mais recorrente sobre a mitologia a respeito da cidade. É *mister* assim recompor um retrato menos utilitarista desta capital funcional carregada de simbolismos, utopias e afetividades.

Vale dizer que, antes da construção de Brasília, Goiás vivia um período de intensa expectativa política, desde um período anterior. Pedro Ludovico Teixeira, interventor *pós-revolução de 30*, havia fundado uma cidade planejada para 50.000 pessoas, que iria substituir Vila Boa de Goiás, com a função de se tornar a capital do Estado, por estar esta carcomida pelo poderio das oligarquias agrícolas. Surge Goiânia, uma cidade moderna, composta por prédios em arquitetura *artdeco*. A planta urbanística original traz em sua área central o formato de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil. Idiossincriticamente, distinguindo-se do Plano Piloto de Brasília, elaborado por Lúcio Costa, cujo formato é de um avião, símbolo da modernidade, Goiânia associa sua imagem originária à religião. Embora também seja uma cidade planejada, com características singulares, Goiânia só se tornou conhecida, inclusive internacionalmente, em decorrência do acidente que envolveu cápsulas radioativas de uma substância chamada Césio 137², que atingiu milhares de pessoas e repercute até os dias de hoje como o maior

¹ A proposta de transferência da capital do país para o interior esteve presente nas Constituições de 1891, 1934 e de 1946. (Câmara dos deputados, 2010 - <http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/revista-50-anos-de-brasilia>, acesso em 03.10.2012)

² Conferir <http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/09/maior-acidente-radiologico-do-mundo-completa-25-anos-nesta-semana.html>

acidente radiológico do mundo³. Mas seu protagonismo e maior é justamente o fato pouco comentado de que foi a maquete em tamanho real de uma experiência parecida, que viria a se chamar Brasília e distar cerca de 200 km dela.



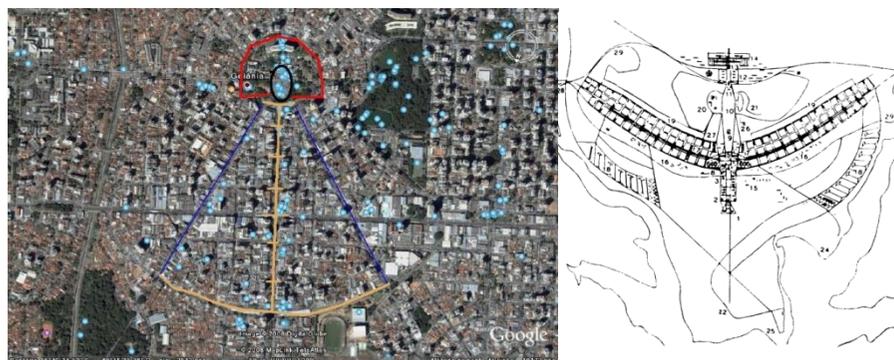
Segundo a pesquisadora Jaciara Rosa Pires, autora do livro “Goiânia – Cidade Pré-Moderna do Cerrado (2007) a capital de Goiás é um marco da arquitetura brasileira (não somente pelo sítio arquitetônico predial no estilo *Art Déco*), tendo sido idealizado pelo urbanista Atílio Côrrea Lima, que se pós-graduou no Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris (IUUP-Sorbonne), entre 1927-29. Para ela, o urbanista de Goiânia se influenciou pelo conceito das cidades-jardins, adaptado para a organização social da cidade (móveis do poder público e espaços de autogestão) através de uma espécie de bairros-jardins. O Setor Sul (bairro em que vivi até os 13 anos e que atualmente funciona como meca do *movimento underground*, por concentrar vários estúdios de gravação e o Centro Cultural Martin Cererê) é o exemplo mais emblemático, com suas vielas e fundos de vielas ajardinadas, que se entrecortam em um labirinto urbanístico.

Entre Goiânia e Brasília não existem, no entanto, pontos de intersecção em relação meramente à questão estético-simbólica do alto-relevo estilizado de seus traçados. Apesar de que, como propõe Halbwachs (2004), o espaço molda e é moldado pelas dinâmicas socioculturais de determinado grupo social ou corrente de pensamento coletivo (equilíbrio dinâmico entre povo e lugar). O mesmo conflito de (des)integração de memórias e utopias entre tradição-modernidade (velho-novo) que ocorreu no processo de mudança da capital nacional para Brasília (interesses das elites econômicas e políticas do Sudeste X restante do Brasil), anteriormente ocorreu em escala regional, de Goiás para Goiânia. No caso aqui, através do embate histórico entre as famílias coronelistas e latifundiárias da colonial cidade de Goiás e o fundador de Goiânia, Pedro Ludovico Teixeira, que representa a figura do visionário catalisador de

³ Abandonadas em uma máquina de *Raio-X* inutilizada no prédio de um hospital desativado no *Centro da Cidade*, onde é hoje, o *Centro de Cultura e Convenções*.

mudanças, assim como J.K. representou o mesmo arquétipo em relação ao Brasil. No entanto, ao afirmar que “Brasília também é Goiás”, busco apenas apresentar como Goiânia serviu de rascunho para modificações arquitetônicas, antropológicas e históricas, a partir da construção de Brasília.

Goiânia seria assim pré-moderna, segundo Rosa Pires (ibid.), por conciliar uma arquitetura tradicional com avanços arquitetônicos em uma escala bem maior do que a também planejada Belo Horizonte, construída décadas antes, apesar de haver semelhanças entre as antigas capitais de Goiás (Cidade de Goiás) e de Minas Gerais (Ouro Preto). A edificação de um Centro Cívico na Praça Central, largas avenidas, arborização em áreas centrais, o não rebuscamento das linhas da cidade, a preservação das áreas de vale, o modelo de bairros-cidades são oriundos das mesmas preocupações urbanísticas ocorridas em Brasília, com a diferença de que Goiânia retrata o período inicial de transição de paradigmas de estilos e opiniões para a arquitetura moderna. O pré-moderno pode ser traduzido como estilo eclético, em que estão unidos o moderno e o tradicional, bem como religião e arquitetura (arte-ciência), já que o traçado tem cunho religioso. E também pelo fato do planejamento urbanístico ter sido mal calculado em relação ao potencial de crescimento demográfico da cidade que hoje tem mais de um milhão (a previsão era de 50.000 habitantes)⁴.



Um mito de origem mais reconhecido da fundação de Brasília pode ser encontrado em várias publicações, com pouquíssimas variações. Este se remete a uma profecia. Em 1883, Dom Bosco teria sonhado que viajava pela América do Sul, quando chegou às coordenadas referentes aos paralelos 15° e 20° vislumbrou o que seria “a terra prometida”, detentora de “uma riqueza inconcebível”. Nota-se que tal visão do fundador dos Salesianos influenciou o processo de construção da cidade. A primeira edificação em alvenaria construída foi uma pequena capela em homenagem a São João Bosco, que se tornou

⁴ O perfil original da cidade vem sendo modificado e desrespeitado diversas vezes, como no caso da construção da Avenida 85-A (extemporânea ao traçado original) em antiga área de bairro-jardim no Setor Sul para beneficiar a Universidade Salgado de Oliveira, que criou um Shopping Center universitário em área residencial, o que causou transtornos ao trânsito do Centro.

padroeiro de Brasília, junto com Nossa Senhora Aparecida⁵, a mesma que foi homenageada em Goiânia (teriam as duas cidades a mesma matriz religiosa, já que muitos intérpretes de Brasília especulam sobre a possibilidade do formato de avião do traçado cartesiano do Plano representar uma cruz cristã?). O fato de o Brasil ser um estado oficialmente laico, mas possuir a bíblia sagrada no plenário do Senado corrobora essa suposta coerência de memória coletiva religiosa com o mito de origem da cidade.

A história *pós-história* dos pontos levantados todos já conhecem: Brasília foi construída como capital do país, modelo de cidade planejada no mundo. Mas o fato é que esses três episódios mencionados são mitos de origem presentes no imaginário consciente e/ou inconsciente dos que vivenciaram e construíram a cidade, seja em uma perspectiva micro e/ou macro, familiar e/ou nacional, regional e/ou global, tradicional e/ou moderno. O entrelaçamento dessas variáveis é de difícil mensuração, dada a dinâmica aglutinativa do próprio tempo-espço que se dilui no fato social. O que nos permite relativizar esses conceitos e até mesmo observar discrepâncias ou versões, que tornam metonimicamente a memória recente do Brasil mais visível, a partir de depoimentos aparentemente banais (como o relato de família que apresentei acima), eventos aparentemente desconexos (como a relação histórica e geopolítica com a mudança da capital de Goiás para o Centro do Estado, que serviram de ensaio arquetípico para a mudança posterior de capital nacional) e mitologias de origens de cidades e povos (como o da cidade de Brasília com sua carga de religiosidade latente pré-histórica influenciada pela capital de Goiás, estado de forte tradição católica rural). Afinal, os historiadores fazem história, enquanto os atores sociais fazem memórias (ou esquecimentos). Já o estudioso de Memória Social tenta problematizar esses dois pólos.

A ocupação do Cerrado brasileiro a partir de Brasília e a efervescência cultural trazida por ela permite a reunião de fatores para se consolidar um cenário propício para a expansão e interconexão das diferenças. A instalação da nova capital modificou hábitos, valores e costumes da região. Tal efeito pode ser expandido para o restante do país, segundo o que evidencia a pesquisa. O modelo arquitetônico adotado modernista-funcional, hoje considerado como obra prima e patrimônio da humanidade, minimiza e contrasta com a capital anterior, cercada pela influência de uma perspectiva política e cultural de forte acento colonial e passadista, ainda presente na cidade do Rio de Janeiro. Mas do que a construção de novos templos nacionais, a transformação do tempo também é patente: com a migração, muitos brasileiros e estrangeiros se lançaram na experiência de viver em uma cidade-máquina (funcional, tendo a figura do avião e do plano cartesiano da física newtoniana como símbolos) em plena era da produtividade fordista. Em termos gerais, Brasília impingiu a milhares de cidadãos brasileiros, goianos ou migrantes, a participação indireta em um experimento humano a céu aberto, com sua visão do horizonte, conformando um espaço polifônico e moderno. Instalada em uma região tida como atrasada culturalmente, a nova

⁵ Conferir no site <http://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasil50anos/not08.asp>

capital abriu um clarão de sugestões de ideais de nação e indivíduo.

Este estudo das implicações da construção de Brasília, a partir de tensões geradas na relação estabelecida com Goiânia clarividência co-influências da formação entre identidade regional e nacional. Os fluxos migracionais sazonais existentes entre moradores, que circulam entre as duas cidades, aqui nesta pesquisa representados pelos estudantes de Goiânia que vão estudar na UnB permitem apresentar o drama social da minoria regional goiana em Brasília, vítima de coisificação e estigmatização em sua experiência de modernidade. A presente pesquisa pretende tenta extrair um instrumental epistemológico etnográfico qualificado para apontamentos etnológicos futuros acerca do Brasil, a partir da região Central do país.

A megalópole em formação Brasília-Goiânia, mesmo por meio do material de memória social de sua história recente, já perpassa o imaginário nacional coletivo com símbolos e ícones culturais, políticos e sociais, que permite agregar ao estudo de brasilidade novos rumos ou, pelo menos, releituras capciosas e revisionistas dos brasilianistas. Esta pesquisa talvez possa contribuir para dimensionar o grau de modernização da zona rural e urbana do Centro-Oeste e os benefícios da descentralização política do Brasil, com a mudança da capital para Brasília. Sérgio Buarque de Holanda (2006) preconizou o final do coronelismo, da mesma forma, era esperado pelos construtores e entusiastas dos projetos de construção de capitais como Goiânia e Brasília, que os mesmos tivessem o efeito descentralizador das estruturas disfuncionais que “libertassem” Goiás e Brasília, respectivamente, das amarras sociais e políticas das velhas estruturas de poder.

Pode-se considerar que a pesquisa de campo propriamente dita realizada sobre estudantes goianos da UnB, em Brasília (Asa Norte), ocorreu entre os meses de Março a Julho de 2005. Nesse período retornei a Goiânia apenas duas vezes. Permaneci em Brasília vivenciando o mesmo afastamento sentido por meus informantes, já que também sou um goiano, que estava na capital federal. A diferença de meu procedimento etnográfico é que nos finais de semana esse sentimento de nostalgia se quadruplicava, visto que quase não havia mais “colonos” goianos para amenizar os impactos trazidos pelo urbanismo de Brasília modernista e cartesiano e a sociabilidade (relativa e relacionalmente) moderna e individualista (na maioria das vezes, pelo que pude perceber, meus conterrâneos ficavam, sobretudo, no período de provas, pois parecia ser difícil manter o mesmo ritmo de estudos em Goiânia com seus amigos de lá e convites sociais dispersivos). Minha prática de predominante ficar nos finais de semana, foi interessante, porque permitiu uma relativa desnaturalização dos próprios vínculos com minha cidade de origem, possibilitando que eu me deixasse impregnar pela outra (DaMATTA, 1978. No entanto, não deixei de empreender a travessia com estudantes goianos, visto que esta parecia ser metaforicamente a condição dos mesmos, que já não estavam “lá” nem “cá”, mas no ir e vir de uma mobilidade “sanfônica” tremenda e uma dupla-identidade, ou mesmo identidade fragmentada. O que faz desta pesquisa também um caso a ser pensado, à luz da bibliografia sobre Antropologia da Mobilidade (AUGÉ, 2010).

O estudo do fluxo migratório de estudantes goianos na Asa Norte, em Brasília, circunferentes à UnB, que representa parte desta pesquisa, permite recontar essa história familiar, regional e nacional, de forma a relativizar a dicotomia modernidade-tradição, que são associados à Brasília e à Goiânia, respectivamente. Os relatos de vida de jovens goianos dispostos a sacrificar seus vínculos cristalizados em Goiânia para conquistarem uma suposta vida melhor, por meio do estudo universitário (no caso aqui abordado), podem ser interpretados como metáfora da reprodução da história dessa região do país. Brasília passou a ser lugar de modernização e desenvolvimento, mas, no fundo, preserva suas características sertanejas, uma goianidade, mesmo que afetadas pelos atravessamentos da chamada modernidade.

Os percursos de alguns jovens goianos, por meio da experiência de estudantes no âmbito da Universidade de Brasília em 2005, serão tema do segundo capítulo. A visão sociológica, traçada por Berger e Luckmann (1974), de que o cotidiano, base do conhecimento do senso comum, influencia e se forma de maneira parecida com o conhecimento das ciências, é interessante para pensar a questão da internalização dos condicionamentos sociais e a dificuldade de adaptação ao processo de ressocialização ou 2ª socialização. Esta análise parece ser aplicável à situação crítica de contato inter-identitário, em que os goianos, em geral, não se adaptam à Brasília e aos brasilienses, e os brasilienses estigmatizam Goiânia e os goianos.

Entrevistei um conjunto de aproximadamente 20 informantes estudantes ou ex-estudantes da UnB, jovens que moravam na Asa Norte, em suas temporadas universitárias, ou recém-egressos provenientes de vários Estados do Brasil (MG, GO, RJ, DF e RS). Tentei observar as relações de sociabilidade de pessoas de outros Estados, para comparar com o discurso bastante cristalizado (quase oficial) por parte de goianos e brasilienses sobre os conflitos de identidade regional. Estes apresentam uma retórica pré-concebida, fundada na dicotomia de características excludentes. Veremos o exemplo da república dos goianos que tinha uma bandeira de Goiás na parede. Nesse sentido, observar jovens de outros Estados, ou mesmo jovens recém-formados, que possuíam interpretações próprias e teciam comentários positivos ou negativos sobre Brasília, permitiu-me não depender exclusivamente do grupo foco da pesquisa. Além disto, possibilitou um exercício metodológico e uma relativização de minhas próprias convicções, já que partilho da mesma origem que meus interlocutores goianos.

Ser aluno da mesma universidade era outra característica que compartilhava com os entrevistados. No entanto, diferentemente destes, procurei não retornar para meu lugar de origem todos os finais de semana, como a maioria fazia. Também não morava com outros goianos, bem como não passava a maior parte do tempo com conterrâneos, justamente para caminhar para um esforço de desconstrução e distanciamento que me permitisse observar e problematizar o lugar que ocupava na pesquisa, sem o peso de ter que “tomar partido”. Por outro lado, o fato de depender de brasilienses em minhas iniciativas de inserção, como será visto mais adiante, não me tornou insensível às análises dos efeitos disfuncionais da

vida cotidiana em Brasília.

Ambiguidade e tensão aparecem nesta ponte antropológica entre Brasília e Goiânia através do pesquisador em campo (também goiano e também morador de Brasília, como os estudados), e se configurou no que chamo de “abismo epistemológico do ser”. A realização da pesquisa não contou com o estímulo de meus colegas antropólogos do PPGAS (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UnB) no ano de 2005, moradores de Brasília e, muito menos, da parte dos amigos goianos como um todo. E mesmo dos conterrâneos estudantes goianos moradores em Brasília (“candagoianos”), que participaram das entrevistas. Fui, inclusive, desaconselhado por professores a tratar o tema por ser autobiográfico, o que dificulta a busca pela excelência no grau de isenção analítico. Mas acredito que tenha sido também, por inventariar uma arqueologia histórica e memorialista em relação a um tema próximo aos moradores de Brasília, de certa forma, como um todo, (os próprios professores da UnB, em muitos casos) que foi ou nenhum pouco explorado pela literatura sócio-antropológica brasileira: fenômeno contemporâneo da mobilidade social de estudantes jovens goianos em face da sociabilidade peculiar no Plano Piloto, alardeada como modernamente individualista e, ao mesmo tempo, supostamente regional e etnicamente tolerante em Brasília (será que o mesmo mandamento brasiliense da “diversidade” valerá para os vizinhos goianos?⁶)

Com isso quero dizer que não havia endosso social acadêmico e “leigo” para meu trabalho, por ser ele ligado demais ao cotidiano de todos esses agentes (familiares/amigos de Goiânia e professores/colegas de Brasília), que estavam por demais envolvidos em suas existências para desejar trazer à superfície confrontações sobre suas vidas. Cabe dizer que o fato de ser um pesquisador estreante, em uma pesquisa com certa centelha de ineditismo temático, tornou minhas dificuldades ainda maiores na cena acadêmica

⁶ Interessante refletir sobre como o globalismo e localismo não serem antagônicos nos mecanismos de pertencimento dos grupos sociais, pois é possível manter uma identidade multiregional e bairrista simultaneamente, mas em plano distintos. No caso de Brasília, trabalho com a hipótese surgida do campo que a tendência ao fenômeno da guetificação social dos jovens goianos estudante da UnB em Brasília, observada no ano de 2005, apesar de estimulada pelos próprios com seu repertório de ressalvas sociais da sua sociedade em relação à nova, em um movimento de exclusão coletiva fundamentalista, é fruto de uma negação da própria cultura brasiliense cosmopolita, que rechaça a figura do goiano com estigmatização social observável no senso comum. O valor da “democracia étnica e regional” em Brasília é válido, sobretudo, para moradores de Brasília no plano nacional dos regionais de Estados mais afastados do Centro-Oeste e mais fortes cultural e economicamente, (apesar de que a figura do nordestino relativiza um pouco esse argumento), visto que, no plano regional mais íntimo, daquele Estado (GO) que participa morfogeneticamente da construção de Brasília através do espaço e memória social do mesmo, o que observei foram conflitos inter-regionais ontológicos entre as dinâmicas socioculturais entre as duas cidades principalmente analisadas comparativamente (Goiânia e Brasília). O fato de a cultura goiana estar predominantemente mais associada, no imaginário cultural local e nacional, ao ruralismo patriarcal pouco individualista podem ser motivos para excluí-los das benesses cosmopolitas, que deveriam, segundo esta regra máxima em Brasília, que é a diversidade social na cidade, pelo menos, por parte dos brasilienses, contemplá-los. De tal forma, suponho que por serem, supostamente, mais preconceituosos os goianos são vítimas de preconceito, o que os levam a legitimar a suposição com comportamento de aversão aos brasilienses. Há motivos para perceber a questão também com nuances de questão territorial regional, como se os goianos reivindicasse com a vaga na UnB, simbolicamente, suas terras ancestrais perdidas (ou uma, espécie de contrapartida do sacrifício de vidas locais varridas para debaixo do tapete da história), antes do Estado de Goiás, para os bárbaros modernos, já que a noção de patrimônio e herança é também um traço associado à cultura rústica.

brasiliense, bem como na familiar-goiana⁷.

Ademais, em uma cultura de forte acento oral e tradicionalista como a goiana, faz com que os indivíduos de seu raio de influência, por mais que possam vez ou outra, em diferentes graus, quebrar esses ditames sociais, tendem a escamotear conteúdos negativos. E mesmo em relação aos brasilienses, que com seu elogio à diversidade exaltada, no entanto, esbarram no preconceito àqueles que são vistos negativamente como tradicionalistas, no caso, os goianos. Talvez se tivesse engendrado uma saga cinematográfica ou épico-narrativa, obteria mais êxito em meu empreendimento de aglutinar meus contemporâneos de Brasília e conterrâneos de Goiás em minha jornada acadêmica e existencial. Mas se observarmos com mais atenção, veremos que o capítulo (2) sobre Goianos em Brasília e Brasilienses em Goiás se aproxima bastante desse gênero, respectivamente.

Não por outros motivos a conclusão dessas reminiscências, individuais e coletivas, foi elaborada no Rio de Janeiro, (mais especificamente no espectro de atuação acadêmica do PPGMS/UNIRIO), cidade que considerava ser neutro para pesquisa. Esse deslocamento para o Rio permitiu o distanciamento necessário para compreender o “efeito sanfona”, no qual minha identidade (estudante e goiano) passou a sofrer com a experiência de morar nas duas cidades (Brasília e Goiânia), tão próximas, mas tão distantes. Antagônicas, mas no fundo complementares.

Assim, o fato de estar no Rio de Janeiro permitiu que eu encontrasse um solo fecundo (embora um pouco áspero), para que pudesse pensar sobre as relações recíprocas Brasília-Goiânia e Goiânia-Brasília. Mas a experiência no Rio de Janeiro trouxe também outras questões, fundamentais para a análise sobre identidades regionais no Brasil. Aqui me defrontei com o olhar sobre o Cerrado que, muitas vezes, encara Goiânia e Brasília sob uma ótica homogeneizante e, por este motivo, borra as fronteiras defendidas por goianos e brasilienses. O contraste, desta maneira, ocorre em outros termos. O Rio de Janeiro possui uma centralidade construída historicamente, mas que vem sendo abalada, marcadamente, devido à transferência da capital federal para Brasília.

O olhar do Rio de Janeiro em direção à Brasília é afetado particularmente por ser “lugar dos políticos” e da corrupção. A estigmatização social recai sobre o Distrito Federal, classificado como a maior obra de corrupção que já foi feita no mundo. Talvez nesta percepção esteja embutido certo sentimento de perda, por ter sido “roubada” a primazia de guardião da política brasileira, herdada pela família imperial, que escolheu a cidade para desfilas sua pompa real em períodos pouco nobres (invasões napoleônicas).

Há uma extensa bibliografia que discute esse tema, o que não será feito nesta dissertação. Cabe aqui apenas enfatizar o lugar ocupado pelo Rio de Janeiro no processo reflexivo deste trabalho, já que foi

⁷ Posso dizer que tive a mesma dificuldade nas redes de sociabilidade e trabalho goianas, das quais fazia parte e tentava despontar como mediador cultural (sem aqui querer incorrer em reducionismo, mas apenas para efeito didático em relação às reflexões sobre minha trajetória acadêmica e biográfica).

nesta cidade que a dissertação foi realizada e concluída. Além disto, muitas das considerações feitas sobre as retóricas identitárias existentes entre goianos e brasilienses foram possíveis ao redimensioná-las em comparação com a “centralidade simbólica” atribuída ao Rio de Janeiro em relação aos outros estados. Tal lugar, mesmo hoje sendo questionado (LOUREIRO, 2006), afeta o destino social de outras cidades do país, inclusive Brasília, por funcionar como irradiador e formador de opiniões, por distintos meios: esporte, música, teatro e novelas.

“A maioria dos estudos recentes sobre a metrópole carioca tem atribuído seu baixo dinamismo relativo, tanto econômico como demográfico, à perda do *status* de capital federal em 1960 e, quinze anos depois, à perda da condição de cidade-estado, quando a cidade do Rio de Janeiro passa a capital do antigo estado de mesmo nome, uma região populacional e economicamente esvaziada. Essa busca por um marco temporal pode ser entendida como uma legítima tentativa de estabelecer uma relação entre a origem e a permanência da aparente crise carioca, dado que sua dinâmica urbana esteve estreitamente vinculada à sua capitalidade”. (LOUREIRO, 2006)

Motta (2000) aponta a existência de duas “memórias sobre a capitalidade”, que discorrem sobre a transferência da capital. A primeira corrente de interpretação se pauta pela negatividade, ao entender que “ao glorioso passado de centro político e cultural do país teria sucedido o presente de decadência” (p.3). A outra

“considera que o pecado original do Rio de Janeiro foi ter sido capital por tanto tempo. A excessiva dependência do governo central teria impedido que a cidade se preparasse devidamente para resolver os seus problemas de forma autônoma, melhor maneira de produzir cidadãos e governos responsáveis” (idem).

Sobre a possível relação entre Goiânia e Rio de Janeiro, o que ocorre é sua ausência, já que raríssimas vezes a cidade do Centro-Oeste teve alguma visibilidade midiática, capaz de romper com esse não-lugar no imaginário dos cariocas. A desinformação é a tônica. Isto resulta em um tratamento superficial dos acontecimentos ocorridos em Goiânia e em outras regiões do Cerrado. A maior lembrança sobre a cidade é o caso da tragédia provocada pelo acidente radioativo com o *Cs 137*, fato que a marca

negativamente, de alguma forma.

O intuito desta dissertação é também de abertura de um debate franco, acadêmico ou não, com os formadores de opinião, criadores de políticas públicas, os grupos sociais envolvidos por meio do espelho antropológico que se abre no confronto aproximativo com o diferente. Em uma perspectiva “macro-filosófica”, discutir a problemática da fragmentação identitária, sobretudo em relação à dicotomia modernidade-tradição, a partir da situação exemplar dos migrantes goianos estudantes da UnB, moradores de Brasília, coletada em 2005 por meio de observação participante. Outra etnografia poderia ser utilizada para observar a dualidade e ambiguidade de diferentes pólos e papéis tendenciais de comportamento em relação a este tema prioritário que me disponho a discutir. Porém, escolhi esses sujeitos de pesquisa, por avaliar que os elementos de diferenciação regional estão ainda por demais arraigados naquele contexto, o que suscita uma visualidade emblemática bem delineada para verificar o fenômeno da dificuldade de adaptação e solavancos de identidade e memória social em situação de migração regional, mesmo entre cidades muito próximas.

Os aportes teórico-metodológicos da Antropologia passaram a ser obrigatórios para a construção e execução da pesquisa. O lugar do pesquisador no processo de pesquisa é ponto central da disciplina, que desde sua origem coloca em pauta a tensão entre objetividade e subjetividade. Outro aspecto importante é que o estranhamento e a identificação compõem o fazer antropológico (Gomes & Menezes, 2008). Nesse movimento dinâmico, conforme assinala Magnani (2002),

“o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de a cercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos. Ademais, não é a obsessão pelos detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento” (MAGNANI, 2002).

É neste sentido que proponho a análise de conflitos identitários entre goianos e brasilienses e sua carga simbólica e material, pautada pelo discurso modernidade versus tradição. Além disto, insiro na discussão atores sociais específicos, estudantes goianos, que passam a compor o diversificado contexto universitário, em um espaço acadêmico efervescente e representativo da centralidade da capital federal. Será explorada a dinâmica que envolve as trajetórias desses entrevistados no contato com a cidade e a universidade, bem como se pretende caracterizar o que esses lugares oferecem a eles, problematizando as

mudanças e continuidades nos estilos de vida, sociabilidades e relação com as origens.

No contexto da pesquisa, a partir de reflexões epistemológicas de Barth (2000), adotei a seguinte diretriz: não buscar obsessivamente coerência na explicação dos fenômenos antropológicos, em consequência da negligência das contradições em campo para salvaguardar os postulados teóricos⁸.

Ao entrar para o Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS-UNIRIO) nova literatura e novos docentes (e discentes) foram acrescentados à minha formação, seis anos depois de minha experiência duplamente antropológica, como goiano estudante de Antropologia Social

, como aluno ouvinte, na UnB (PPGAS). Tais referências especializadas relativas à construção da memória de grupos e indivíduos minoritários em um viés interdisciplinar, cujo conhecimento e experiência inicial travei em Brasília, serão úteis para pensar sobre o caso específico da relação de conflitos inter-regionais entre Goiânia e Brasília, mas também para repensar minhas considerações concernentes aos limites do conhecimento ciências (Epistemologia das Ciências).

Busco refletir, em última instância, sobre as complexas relações entre História, Memória Social e Antropologia, no sentido de aprofundar diferenças teórico-metodológicas e as possibilidades de diálogos e usos nas abordagens sobre identidade, como a encontrada na relação de goianos com a cidade de Brasília. Trata-se de um empreendimento que está para além desta dissertação, mas não há como negar que seja um nortear das questões que a perpassam.

Nesta segunda década do século XXI tem se consolidado no Brasil o estudo de Memória Social. A disciplina em questão, muitas vezes confundida com um irmão mais novo da História, tem em sua constituição justamente a interdisciplinaridade. O estudioso de Memória consegue trabalhar com os já consagrados materiais e métodos de pesquisa da história, mas ter menos constrangimento para adotar estilos narrativos e estéticos (designs etnográficos) múltiplos e inovadores, bem como, mixar cores de muitas disciplinas do espectro acadêmico: Psicologia, Antropologia, Arqueologia, Arquivologia, Comunicação Social, Museologia, Arquitetura, Filosofia, Análises de Sistemas, Medicina e Artes.

Se quisermos aprender Memória Social, não basta ler livros, escarafunchar documentos, cruzar dados, ouvir relatos, mas antes de tudo, é necessário adentrar no labirinto no próprio inconsciente, seja individual ou coletivo, que nos coloca os desafios de mapear conteúdos cujos significados são polifônicos, por vezes, divergentes, mas que convergem para um mínimo divisor comum social que é o código cultural em suas múltiplas escalas (global, nacional, regional e grupal (familiar e educacional) – por vezes, até mesmo o mesmo indivíduo pode oscilar entre interpretações sobre um mesmo fato, a depender do

⁸ Essa perspectiva vem se concatenar com a de Manheim (1986). O autor defende que a epistemologia só existe em função das ciências empíricas e negar esse movimento é negar a própria evolução da ciência. Acredito que reflexões sobre a trajetória das ciências modernas, bem como possibilidades teórico-epistemológicas mais flexíveis e alternativas podem contribuir para ampliar o campo de visão.

momento histórico de sua vida, ou seja, conjuntura favorável para um ou outro posicionamento, ou até mesmo silenciamento de uma sensação das nossas lembranças, como se refere às reminiscências o filósofo do tempo Bergson (2006). As memórias individuais e coletivas se fundem no indivíduo, em associações e sensações biográficas contextualizadas temporalmente que permitem dar uma marca única a cada um.

Nesta dissertação, a pesquisa pela via da Memória Social é realizada justamente pela capacidade desta trabalhar interdisciplinarmente com a ausência, o esquecimento, o invisível, o não dito e o maldito, para além das memórias oficiais legitimadas pela História. As memórias das coisas e pessoas estão para além do anteparo aparente das mesmas, ou seja, para além de sua existência material. Se o pensamento é uma entidade autônoma, como apresenta o paradigma logosófico (<http://www.logosofia.com.br/Conceitos.php>), então Memória Social é a capacidade de traduzir esses pensamentos divagantes de um tempo-lugar mesmo que não tenha sido expresso explicitamente. Da maneira como entendo o estudo de Memória Social, é justamente dessa capacidade de ler o sub-textual de forma hiper-textual que está a especificidade do estudo da Memória Social. É também neste sentido que não é possível desconsiderar minha própria trajetória nesta pesquisa. São múltiplas as afetações (FAVRE-SAADA, 2005) constantes no resultado deste empreendimento de pesquisa, diante da condição de dupla (ou múltiplas) pertença do pesquisador, o que não invalida a análise aqui apresentada. É com essas preocupações teórico-metodológicas que elaborei esta dissertação.

Esta dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo o enfoque será na formação das cidades de Goiânia e Brasília, com o objetivo de apresentá-las como espaços dinâmicos, nos quais goianos e brasilienses constroem suas trajetórias, conforme sugere Magnani (1996, p. 17)

“O cenário não é, nesta perspectiva, um conjunto de elementos físicos, nem deve sugerir a ideia de um "palco" que os atores encontram já montado para o desempenho de seus papéis. Aqui, é entendido como produto de práticas sociais anteriores e em constante diálogo com as atuais - favorecendo-as, dificultando-as e sendo continuamente transformado por elas. Delimitar o cenário significa identificar marcos, reconhecer divisas, anotar pontos de intersecção - a partir não apenas da presença ou ausência de equipamentos e estruturas físicas, mas desses elementos em relação com a prática cotidiana daqueles que de uma forma ou outra usam o espaço: os atores”.

Espaço e atores estão envoltos pela dinâmica tradição-modernidade, na medida em que tais “condições” ou “nomeações” dão a tônica das narrativas de brasilienses e goianos, e estão presentes como

categorias muitas vezes acusatórias⁹. Assim, este capítulo aponta as principais características dessas cidades, Goiânia e Brasília, qualificadas quase sempre como dispare e identificadas a códigos contrastantes, mas cada uma apresenta características singulares, bem como compartilham outras.

Goianos e brasilienses estão em permanente trânsito, levando consigo experiências marcantes em suas trajetórias e transformando os espaços que os recebem. Os impactos desses deslocamentos, nesta dissertação analisados a partir das trajetórias de jovens goianos estudantes da UNB, será foco do segundo capítulo. O objetivo é apresentar as tensões identitárias presentes na relação estabelecida por esses jovens goianos com os brasilienses e com Brasília. Nota-se que os vínculos de origem são realçados e mantidos durante a permanência na universidade, por meio de duas estratégias recorrentes de afastamento e aproximação: repetidos retornos à Goiânia e de convívio próximo com conterrâneos. A UnB tem papel fundamental por ser uma espécie de réplica do próprio Plano Piloto, a começar pelo seu prédio central, apelidado de “Minhocão”, que tem também o formato de asa de avião. Ao contrário de outras capitais, cujo *campus* universitários das federais do país ficam em zonas afastadas, como em Goiânia, por exemplo (*Campus Samambaia*), a UNB fica na área central da cidade.

Cabe aqui frisar que novas pesquisas devem ser realizadas, diante da construção da ferrovia que fará o deslocamento de passageiros entre as duas cidades (a ser construída pelo Programa de Aceleração do Crescimento do governo federal (PAC), prometida para 2017). Visto que novos contornos identitários podem ocorrer com esse novo equipamento urbano. A ligação entre essas cidades, relativamente próximas, em termos espaciais, mas distantes em termos culturais, trará uma dinâmica nova, capaz de gerar novos impactos identitários, coletivos e individuais (desde agora através de reportagens nos jornais locais e nacionais ou mesmo pela própria junção de mão de obra dos dois Estados na construção da linha férrea). Espera-se que esta pesquisa possa se somar a esses esforços integrativos por apresentar as semelhanças germinais e históricas, que podem até serem maiores que as diferenças aparentes em relação às duas cidades.

O capítulo final retoma questões centrais, pautadas pela discussão sobre centralidade. Em primeiro lugar discute as ressonâncias da construção de Brasília na região, como uma nova centralidade, e problematiza o discurso desenvolvimentista e transformações econômicas. O lugar da UNB nesse processo é analisado, considerando como ponto central sua característica polifônica e multifacetada, centralidade acadêmica e local de convergência de estudantes, provenientes de vários locais, em busca de qualificação. As experiências dos jovens goianos e brasilienses nesse espaço são apresentadas e discutidas a partir das categorias goianidade e brasilidade.

⁹ Em interessante trabalho sobre migração de japoneses para o Distrito Federal, Ellen Woortmann afirma que esse fenômeno é “(...) parte de um ideário no qual se identificam padrões de regularidades, em que valores tradicionais e a modernidade expressa na alta tecnologia não são mutuamente excludentes (1995, p. 2)”.

Para finalizar esta introdução narro um acontecimento. Recordo-me de que, quando criança, em Goiânia, costumava ir a um prédio de um amigo torcedor do Fluminense, no Setor Universitário, cujo nome era Super Quadra. Era um conjunto habitacional de prédios de quatro andares (sem elevadores), com apartamentos de dois quartos. Estes tinham uma numeração complexa, por blocos, que para minha idade da época tornava morosa a localização. Mais tarde, quando me deparei com a forma de endereços em Brasília, percebi que aquele conjunto de prédios de Goiânia, livremente inspirado em Brasília (inspirado, pois a distância entre os blocos não era tão grande, bem como não havia *pilotis* no térreo), era brincadeira de criança, perto da minha dificuldade de dar meu endereço para outras pessoas (para mim, a numeração parecia a de um chassi de carro, com aqueles números infinitos). O conhecimento da história permitiu perceber que em Goiânia também fora feito o mesmo planejamento modernista de Brasília (ou seria melhor dizer o contrário?), tanto quanto esta influenciou a Super Quadra de Goiânia. Na época de faculdade, uma colega mineira que morara em Brasília viera morar justamente ali, talvez, como estratégia de reatualizar a memória antiga dentro do contexto novo. Aos poucos entendi que aqueles predinhos azuis e brancos e aquela garota falsa magra sintetizariam muito bem o sentido de meu movimento *kamikaze zigue-zagueante* em torno dos entrelaçamentos de memória familiar, regional, nacional e global. Em Brasília viria a morar em uma Super Quadra tamanho família e a me tornar virtualmente um expoente tardio (penetra) do Clube da Esquina, ou Música Popular Mineira (BORGES, 2004), afinal, em Brasília, ao contrário de Belo Horizonte, não havia muitos amigos e nenhuma esquina. Esses elementos, hoje vejo, funcionaram como estímulo de origem motivacional da pesquisa.

CAPÍTULO I – NÓISTALGIA¹⁰ NO PLANO *PILOTIS*: GOIÂNIA E BRASÍLIA

“Parece-me que todas as nossas tristezas são momentos de tensão que consideramos paralisias, porque já não ouvimos nossos sentimentos que se tornaram estranhos; porque estamos a sós com o estrangeiro que nos veio visitar; porque, num relance, todo sentimento familiar e habitual nos abandonou; porque nos encontramos no meio de uma transição por onde não podemos permanecer” (RILKE, p. 46, 2003). “Talvez todos os dragões de nossa vida sejam princesas que aguardam apenas o momento de nos ver um dia belos e corajosos” (ibid, p. 70, 2003).

Este capítulo discute a dinâmica tradição-modernidade¹¹, a partir da relação entre duas cidades do Centro-Oeste brasileiro, qualificadas geralmente como dispares e identificadas a códigos contrastantes: Goiânia e Brasília. Goianos e brasilienses estão em permanente trânsito, levando consigo experiências marcantes em suas trajetórias e transformando os espaços que os recebem.

Para abordar dinâmicas socioculturais relativas a essas cidades, é necessário apresentá-las.

I.1 Goiânia de Goyaz: cidade planejada e tradição?

De acordo com Silva (1997), Goiânia serviu de ensaio matricial para a transferência da capital federal, sendo que nela também havia um traçado simbólico, como o avião cartesiano de Brasília. Nesse caso, era a figura da Nossa Senhora que foi representada, tendo a geometria do traçado de trapézio arredondado das ruas do centro, entre as Av. Araguaia, Tocantins e Paranaíba. Sua construção arquitetônica em *Art Déco* estava, assim, imbuída das ideias político-nacionalistas, já que era símbolo da modernidade, contra o atraso que dominava o lugar: seus sonhadores/construtores tiveram grande importância no projeto de construção política da nova capital federal, que seria, para eles, a consolidação de Goiás na era do desenvolvimento e da civilização (SILVA, 1997).

¹⁰ Derivação aglutinativa da forma coloquial de pronúncia do pronome “nós” com o substantivo “nostalgia”: utilizada aqui para se referir ao goiano genérico que tem nostalgia da vida e dos vínculos com suas raízes e, talvez, em relação aos goianos sertanejos que habitavam os arredores da região que viveu o apogeu desenvolvimentista e, que se viram desterrados da estrutura espacial estruturante de suas culturas e memórias.

¹¹ Em interessante trabalho sobre migração de japoneses para o Distrito Federal, Ellen Woortmann afirma que esse fenômeno é “(...) parte de um ideário no qual se identificam padrões de regularidades, em que valores tradicionais e a modernidade expressa na alta tecnologia não são mutuamente excludentes (1995, p. 2)”.

Há, no entanto, que se considerar que a maior parte das famílias que se destinaram para a capital goiana era proveniente do próprio interior de Goiás, enquanto aquelas que formaram a elite brasiliense vieram dos grandes centros urbanos (econômico-político-culturais) do país, em sua maioria, da antiga capital, Rio de Janeiro. O sentido do movimento desses dois desbravamentos, regional e nacional, é muito parecido, tendo sido aquele poucos anos antes deste, o que, no entanto, não nos permite mensurar de forma mais objetiva, de que forma a construção de Goiânia pode ter influenciado Brasília, ou Belo Horizonte, que também é uma cidade planejada, em relação à Goiânia.

I.1.a “Frutos da Terra”¹²: jovens goianos em Goiânia

Foram pessoas com visões de mundo muitas vezes originárias de uma cultura sertaneja que constituíram a nova capital de Goiás, Goiânia. A constituição demográfica da cidade é composta, em sua maioria, de famílias provenientes de cidades do próprio Estado, inclusive, da antiga capital. Goiás Velho uma vez por ano se torna capital novamente, com um evento de transferência simbólica do governo do Estado para lá. É claro que os goianos (principalmente a classe média ou a elite goiana) se inseriram cada vez mais no contexto globalizado, devido aos avanços dos meios de comunicação e transporte.

A roupagem cosmopolita¹³ de Goiânia não esconde a linguagem social marcada pelo sotaque caipira forte¹⁴, cujos valores de permanência e tradicionalismo são aspectos fundantes. No entanto, a economia é focada na agropecuária, que não é mais predominantemente de subsistência. Investimento na educação e no sucesso financeiro-profissional são valores que, a cada dia mais, estão presentes no cotidiano goiano em permanente tensão com valores tradicionais. O projeto individualista, focado na ascensão social e em projetos individualizantes (Velho, 2003) entra em conflito com a base mais tradicional de Goiânia, que, como visto se sobrepõe aos aspectos modernizantes. Esta tensão é muito sentida no caso das gerações mais jovens, já habituadas às novas mídias e valores globalizados.

Os bares e boates estão sempre lotados de jovens durante toda a semana, principalmente após o expediente de trabalho e horário das aulas. Os clubes e *shoppings* são outros locais de encontro¹⁵.

¹² Nome de um tradicional programa de TV de música típica regional em Goiás (TV Anhanguera, Rede Globo).

¹³ Há que salientar, como fez Gustavo Lins (2000), que o grau de inserção na cultura transnacional não é o mesmo para todos os lugares. Em relação à Brasília, essa inserção de Goiânia é bem menor.

¹⁴ Segundo Aragão (1988), a linguagem peculiar era um dos elementos constitutivos da cultura dos sertanejos e, nesse sentido, diz mais do que se diz. O modo de se expressar funciona também como uma forma de marcar identidade e reatualizar a memória.

¹⁵ Em termos de atividades culturais a cidade tem apresentado melhorias. As salas de cinema são praticamente todas voltadas para o circuito comercial, apesar de que no cinema do estado passam filmes mais autorais a preços convidativos, mas não é muito frequentado. O problema de divulgação deve também ser levado em conta, já que uma mostra de cinema tem obtido

Anualmente, ocorre uma imensa feira agropecuária com festas e shows que, praticamente, deixam desertos todos os outros lugares da noite goiana. Aqui parece haver um paralelo simbólico interessante, já que em um mesmo local, de dia são realizados negócios importantes para a economia do estado, e à noite, festa, festa e festa. Próprio desse espírito festivo e compassivo, as pessoas tendem a ser, em geral, solícitas e polidas, o que deu origem à percepção externa de que os goianos são “hospitaleiros”. Arrisco dizer que essa valorização do coletivo é originária de valores herdados da tradição rural, familiares ou religiosos.

Apesar de muitos jovens da classe média não serem religiosos praticantes, muitos tiveram uma educação familiar de inspiração cristã que nos remonta também às características tradicionais do sertanejo, como religiosidade e família. Estes são dois aspectos indissociáveis. “Amar ao próximo sobre todas as coisas” e “Honrar pai e mãe” parecem ser mandamentos enaltecidos na sociedade goiana, apesar da sociedade moderna, em grandes centros urbanos como Goiânia, também conspirar amiúde (ou estar mais propenso a) contra esses valores tradicionais.

A família é o mais importante pilar para a consolidação dos padrões de referência, do qual, normalmente, figuram valores *sagrados*, como a importância desse grupo se reunir para dividir o “pão” aos domingos. No sentido de família presente aqui se vale da premissa “ajudar os outros é ajudar a si mesmo”. Essa relação do grupo familiar com a memória coletiva dos goianos, de maneira geral, foi levantada por Gustavo Lins (2000, 220). De acordo com o autor, “apesar de estar atravessando uma rápida modernização, Goiás é marcada por uma tradição rural em que valores da vida familiar são muito presentes”.

O grau de exposição da vida pessoal é relativamente alto, mesmo na capital nos tempos atuais. Em função de uma vinculação cultural pré-histórica com a contação de histórias e a bisbilhotagem, a cultura goiana tende a suscitar (a variar o grau conforme o tempo, lugar, família e metabolismo/temperamento individual) uma oralidade marcante (o que é notoriamente percebido no imaginário sociocultural brasileiro, sobretudo, em função do sucesso de duplas sertanejas de Goiás e da poeta Cora Coralina). Receber visitas ou visitar as pessoas (mesmo sem avisar) faz parte do cotidiano sociocultural local, em que o culto ao ego ou indivíduo não é estimulado. A própria ideia do formato musical mais consagrado em Goiás (ou associado à) ser o de dupla sertaneja, sugere um certo grau de fraternidade social, em que a validação social depende prioritariamente de suas vinculações sociais e familiares. Mesmo os mais distantes ou somente conhecidos, às vezes, tendem a ter acesso a uma quantidade de informações sobre a

respaldo. Mas o fato de ela ser no período de férias pode contribuir para isso. Os espetáculos de teatro, danças e concertos de grandes orquestras são raros e, talvez, por isso mesmo, lotam. Em matéria de música, há poucas opções locais: predominam para o grande público as bandas de pop-rock e as duplas sertanejas. As grandes bandas e cantores comerciais têm espaço garantido tanto nas rádios e em shows. A cidade conta com dois jornais expressivos, mas que, no entanto, deixam a desejar em matéria de jornalismo mais opinativo e independente, do qual a mídia publicitária mais cara é a coluna social.

vida dos outros, com um bom grau de detalhamento.

Cláudia Fonseca (2004) tipifica os tipos de fofoca e sua importância para a conformação do grupo, particularmente inseridos em relações tradicionais:

“A fofoca seria instrumental da definição dos limites do grupo — não se faz fofoca sobre estranhos, pois a estes não se impõem as mesmas normas (...). A fofoca pode ter uma função educativa. Em vez de adultos explicarem as normas morais a seus filhos, estes, ao ouvir as histórias de comadres, aprenderiam as nuances práticas dos princípios morais do grupo (...). A fofoca também pode ter grande importância em termos de comunicação, sobretudo entre analfabetos; é assim que se descobre o novo endereço de um parente e o paradeiro de velhos amigos (ver Hannerz, 1969, sobre uma comunidade negra em Washington, EUA). Finalmente, a fofoca serve para informar sobre a reputação dos moradores de um local, consolidando ou prejudicando sua imagem pública” (FONSECA, 2004, 28).

Neste sentido, a fofoca pode ser entendida como um mecanismo de controle do grupo. As ações individuais ficam limitadas às regras sociais. O mesmo ocorre no caso das relações de amizade. Através dos amigos é possível aplicar o que é aprendido em casa. Conforme o que percebi nas repúblicas dos goianos em Brasília, esse processo se reproduz. Há muita liberdade entre si e pouca liberdade de si, já que devido ao grau de unidade entre eles, a influência do grupo acaba por ter um peso enorme. Essa característica se aproxima bastante das possivelmente verificáveis em cidades do interior, onde o grau de interesse na vida das pessoas, no sentido da relacionalidade é maior, já que o que está em jogo é a estabilidade, no maior nível possível, da memória coletiva do grupo (SIMMEL, 1987). Sobre o fenômeno da bisbilhotice em aldeias, Connerton (1999) afirma que ele mantém o espaço unido, já que se sabe tudo sobre todos. Resulta disso uma história comum contínua, em que todos recordam em comum, o que, em contrapartida, compromete o espaço para o “eu” na vida cotidiana. Halbwachs (p. 84, 2004) acrescentaria:

“Embora seja fácil ser esquecido e passar despercebido dentro de uma grande cidade, aos habitantes de um pequeno vilarejo não param de se observar mutuamente, e a memória de seu grupo registra fielmente tudo aquilo que pode dizer respeito aos acontecimentos e gestos de cada um deles, porque repercutem sobre essa pequena sociedade e contribuem para modificá-la.

Dentro de tais meios, todos os indivíduos pensam e se recordam em comum”.

Nesses contextos onde a vida pública (rua) e a privada (casa) tendem a ter uma separação bem mais flexível ou transponível, as relações sociais próximas são estimuladas, até porque, são valores fundantes e compartilhados. Como o cerceamento do grupo oprime atitudes desviantes com estigmatizações¹⁶, em alguma medida, os indivíduos, mesmo que não se conheçam de fato, podem esperar de todos, reações sociais muito próximas das que eles entendem como corretas. De alguma forma, essa característica é mencionada por DaMatta em “O que faz brasil, Brasil?” (2000) referente a uma brasilidade comum compartilhada. Defendo que há nuances e limites de aplicação dessas máximas heurísticas desses brasilianistas na tentativa de forjar pioneiramente uma visão de mundo brasileira. Pois seus lugares de falas são demasiadamente regionais para desconsiderar a variável regional como ideologias identitárias passíveis de complexificar esse mapeamento do “DNA” cultural brasileiro. Apesar disso, a pormenorização regional também deve ser relativizada, o que implica em levar as descrições que irei elencar nos próximos parágrafos de forma não totalitária. Apenas a guisa de ilustração de um sentido possível, que acredito hegemônico, de goianidade, percebida por mim após o meu deslocamento antropológico em Brasília em 2005¹⁷.

A importância da variável social religiosa, apesar de ser algo notadamente perpassante do Brasil como um todo, é uma faceta marcante da realidade de algumas dinâmicas socioculturais hegemônicas em Goiânia. A forte presença de valores religiosos indica a permanência dos laços tradicionais.

Nota-se que, por meio do baluarte da tradição rural, o machismo e o patriarcalismo tendem a ser ainda uma característica, não muito camuflada, presentes em graus variados nas famílias. Embora mudanças possam ser percebidas, como no mercado de trabalho e na manutenção dos gastos da casa, as mulheres participam cada dia mais ativamente. Nas relações de gênero são perceptíveis estruturas

¹⁶ O crescimento do cenário artístico de música *independente* ou *alternativa* em Goiânia, do qual nutro um interesse diletante, tem aumentado muito. Desse movimento surgiu, inclusive, um dos maiores selos musicais brasileiros do gênero. Goiânia já é apontada nacionalmente como “a Seattle brasileira” nesse meio. Como a cidade não figura no panteão das grandes capitais brasileiras, ser o centro da cena *underground* não deixa de ser curioso. Talvez, tenha sido essa a forma encontrada por alguns jovens para dar mais vazão a sentimentos não valorizados pelas dinâmicas socioculturais da cidade. Talvez, por meio da memória do rock, esses *outsiders* consigam unir forças para reatualizar valores como expressão e liberdade, que de outra forma, seriam minados ainda em fase embrionária no cotidiano relativamente mais homogeneizante que, como vimos, predomina em Goiânia. Esse cenário é suplantado por uma comunidade que respeita dinâmicas próprias, como se fosse uma cidade paralela e invisível. Até mesmo os lugares de encontro são diferentes. Alguns deles se reúnem aos domingos em um shopping, mas, justamente, o shopping que está em processo de falência pelo baixo número de frequentadores. O isolamento parece ser uma atitude de defesa do grupo que é bastante estigmatizado pelos outros goianos que os percebem como “revoltados” e “rebeldes”. O visual *black* parece ser uma forma de expressão que funciona como marca de identidade e memória para que aqueles que compartilharem dos mesmos valores se aproximem e os que não, se distanciem.

¹⁷ Há que se ressaltar aqui que operamos a partir dos conceitos de memória e identidade política de Pollak (1989) e “esquecimento esclarecido” de Ricoeur (1998, p. 81), pois, minhas memórias pessoais, por mais que me empenhe no sentido contrário, não estão imunes de minha identidade étnica e minhas limitações psicológicas.

definidas e rígidas dos papéis sociais que estipulam o que e como é ser homem e mulher.

Há, no entanto, que ressaltar que os marginais sociais ou *outsiders* são expressão do conjunto de possibilidades sociológicas de seu tempo, não fugindo à regra de uma memória coletiva mais ampla (*habitus*) que os norteiam, mesmo quando, no sentido ideologicamente contrário, das tendências mais predominantes em uma sociedade. Ou seja, algum tipo de tradição é pré-requisito para a modernidade, o que invalida qualquer discurso etnograficamente multissituado que tenta tipificar cidades, de forma a ignorar suas reentrâncias culturais fragmentadas e entrecortadas por vários discursos, por vezes, dicotômicos:

“As relações entre homens e sociedades são complexas, mas pode-se dizer com segurança que a qualidade que percebemos como “grandeza” e “genialidade” expressam uma relação de homologia entre uma dada pessoa e seu tempo e sistema social. A ideia de que alguém está “lutando contra um sistema” é apenas uma ideologia, já que se pode facilmente demonstrar que o lutador representa uma parte da própria sociedade em luta consigo mesma. Sendo assim, todo “grande homem” comete os grandes enganos e realiza as grandes proezas de seu tempo”. (<http://pt.scribd.com/doc/28211583/Roberto-DaMatta-Autor-Edmund-Leach>)”.

No trabalho de campo, o confronto com os *habitus* sociais em Brasília me fez perceber algumas especificidades em Goiânia. A partir de hipóteses aferidas da pesquisa, identifiquei padrões de conduta – não as ações em si, mas o corpo de princípios que rege o esquema de orientação das ações, no sentido de Barth (2000). As entrevistas, observações de campo, bem como literatura histórica sobre goianos já apresentada, evidenciam que estes tendem a ser (ou serem vistos) relativa e relacionalmente (como) mais receptivos a relacionamentos sociais, mais próximos, englobantes e atribuídos, características de uma sociedade tradicional. Embora as observações realizadas evidenciem a existência de determinados padrões sociais, que deduzo estar em consonância à era dos relacionamentos amorosos líquidos (BAUMAN, 2004), Goiás ainda apresenta uma mística de cidade casamenteira (“Eh, Goiânia. Avisa aqueles olhos lindos que eu já voltei...”, fragmento de letra de música de Tayrone Cigano).

Dados do IBGE sobre o Censo de 2010 apontam que Goiás é o terceiro Estado na taxa de nupcialidade, juntamente com D.F.– ambos com 8,6 % – (http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2031&id_pagina=1). Porém, este, apresenta também a maior taxa de divórcios no Brasil (censo de 2010) – 4,2% da população (<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2012-04-27/censo-2010-separacoes-crescem-cerca-de-20-em-dez->

anos-no-brasil.html), o que pode ser explicado por o D.F. ser a região do Brasil com maior taxa de ocupabilidade no mercado de trabalho por parte do sexo feminino – 46 para cada 100 mulheres, sendo a média nacional 42 –, bem como o maior número de famílias chefiadas por mulheres, 45 de cada 100 famílias, sendo que a média brasileira é de 34,9% – (http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2009/09/20/interna_cidadesdf,143232/index.shtml) Talvez, por estes motivos de competitividade maior entre homens e mulheres no mercado de trabalho (menor dependência da mulher em relação ao homem), apesar da discrepância salarial ser gritante em Brasília (ibid.), os relacionamentos amorosos tendem a ser tornar menos viáveis. No período que morava em Goiânia (até 2004), era muito comum o mito de que os brasilienses vinham invadir a praia dos goianos para conhecer “aqueles olhos lindos” da música citada acima.

Segundo longa conversa socrática sobre flerte, sexo e sexualidade as mulheres de Brasília com um informante brasiliense que caminhava pelas quadras em um dia frio (de idade e classe universitária), abordado aleatoriamente, as brasilienses são tidas como inacessíveis para relacionamentos casuais, nas baladas em boates. Afirmou também que há uma guerra fria de sexos velada entre homens e mulheres, que, em Brasília, se revela de forma acentuada, como pude constatar, quando me dediquei 6 meses a pesquisar o cenário pós-universitário da cidade, na disputa por vagas no concurso públicos e cargos de confiança comissionados no Governo Federal e Distrital. Acredito que o que possa aguçar uma espécie de corporativismo de sexo (e impacto social sobre o machismo) seja o fato de Brasília concentrar boa parte dos concursos públicos realizados no país, o que permite a muitas mulheres terem o mesmo nível salarial dos homens. Pois, a valorização das liberdades permite marcações de gênero menos rígidas. Assim, algumas mulheres têm um cenário mais propício para desenvolverem mais altos graus de independência financeira/emocional, o que pode intimidar muitos homens de Brasília, que também não estão imunes ao machismo. Fato é que hordas de brasilienses se dirigem para Goiânia em busca da “facilidade” das mitológicas mulheres goianas, mito também recorrente entre estudantes goianos em Brasília, saudosistas de sua cidade e mulheres (ou namoradas), cujos códigos hegemônicos são refratários aos brasilienses.

Em relação às trocas eminentemente sexuais, não se percebe o mesmo estímulo, já que aqui ainda há impedimentos fortes de ordem moral. Mesmo os goianos que não têm namorados em Goiânia, optam por se relacionar afetivamente com mulheres goianas, só que também estudantes da UnB. Durante pesquisa não observei nenhum caso de homem goiano em relacionamento com mulher brasiliense.

Os costumes tradicionais são a cada dia mais revistos em Goiânia, em função dos atravessamentos dos valores modernos e/ou contra-culturais, em especial, no que se refere às questões de gênero musical, conforme se pode perceber em algumas tribos urbanas de Goiânia ligadas ao movimento de música *underground* – que contrapõe a hegemonia da música *pop* e do sertanejo (com suas inúmeras variantes). Há uma cena de *reggae* na cidade também, a exemplo (ou por influência) do que ocorre em

Brasília, de forma que a banda brasiliense mais conhecida do gênero, *Natiroots*, foi bastante solicitada nos primeiros anos (anos 90) na cidade, cuja estética era embevecida por um bairrismo cultural através do imaginário de Brasília, do Brasil Central e do Cerrado. Tem-se, assim, um cenário muito ambíguo, que não comporta descrições absolutas e que está sob a égide de gradações muito sutis, a depender do indivíduo e sua história de vida junto aos vários grupos que o influencia.

Toda essa efervescência de valores e informações (moderno x e/ou + tradicional) pode gerar situações em que, às vezes, o discurso não corresponde à prática ou vice-versa. Por isso, temos que admitir que se trate de uma sociedade complexa e levarmos em conta essas descrições apenas para ter um esboço de alguns comportamentos observáveis que não tem, por isso, um caráter definitivo. Partimos aqui da perspectiva de Barth (2000), que não busca obsessivamente coerência na explicação dos fenômenos antropológicos e tenta não negligenciar as contradições.

Aspectos modernos relativos à esfera do consumo emergem de forma mais explícita nas formas de vestir. Parte-se do pressuposto de que a roupa, por exemplo, apesar de expressar um comportamento, pode ser enquadrada como um elemento discursivo. A publicidade, por exemplo, enquanto sistema totêmico associa magicamente produtos e marcas a elementos humanos valorizados (“Marca X. Moderna como você”), de modo que ao se usar um produto se consegue distinguir socialmente dos outros (ROCHA, 1995). Pode-se, assim, assumir uma identidade pessoal, por meio do tipo de produto consumido. Isto não significa abandono de valores tradicionais que, de alguma maneira, estão em complexa relação com os modernos. Como o consumo capitalista faz parte do que é ser moderno, poderíamos dizer, então, que o indivíduo pode adentrar, pelo menos, no jardim da modernidade, através do consumo em si e do uso de produtos de última geração.

I.2 – Brasília (ilha no Brasil): a cidade e o moderno.

Goiânia e Brasília são cidades vicinais com ritmos distintos, mas com histórias sociais semelhantes. Comungam do mesmo intento modernista-anticoronelista, o que na prática, depois de passar pelo escrutínio do tempo, se tornou quase que uma livre inspiração para suas construções.

Em relato feito pelo esposo de Nelita de Assis (irmã do ex-governador Maguito Vilela, prima de meu avô José Cassiano de Assis, vulgo “Tuniquinho”) na cidade de Jataí (GO) teria sido responsável por lembrar ao presidenciável J.K., que estava previsto em constituição a mudança da capital para o Centro-Oeste. Tal encontro incidental consta na primeira página do livro de J.K. (KUBISCHECK, 1975) sobre a “pré-história” de Brasília – antes da construção. As narrativas orais e escritas corroboram o mito de origem da cidade. Considero que não há hierarquia de valor entre o conteúdo oral, familiar, transmitido a mim, e o

que está no livro. O fato narrado, se considerado isoladamente, parece insignificante perto de outros mais notoriamente conhecidos, mas lança luz sobre distintas formas de transmissão da memória, seja familiar ou nacional. O próprio J.K. coloca esse relato como um mito de origem na primeiríssima página do calhamaço manuscrito de J.K. “Por que construí Brasília?” (ibid.). Acredito que possam haver outros aspectos que não foram mencionados por ele, mas por algum “motivo” ele optou por apresentar este e, por esse “motivo”, catalisou processos de mudanças urbanísticas e populacionais em uma região do cerrado sertanejo brasileiro, à época, praticamente inexistente no mapa. Afinal, a memória social não é um campo de disputa microfísico de vozes quase sempre dissonantes?

Embora as duas cidades (Goiânia e Brasília) tenham sido forjadas na mesma ideologia modernista-nacionalista, há uma diferença de grau em relação a seus impactos. Em Brasília, eles (os impactos) se deram em proporções nacionais, já que foi projetada para ser capital do país. Sobre o impacto da construção de Brasília, Lins Ribeiro observa:

“(…) trata-se de um grande projeto de alcance nacional, com diferentes impactos nas articulações das diversas regiões socioeconômicas dos países, nos fluxos migratórios, de mercadorias e informações” (LINS RIBEIRO, 2000, p. 83).

Tais impactos são sugeridos por Sérgio Duarte (1997), em livro sobre a construção de Brasília. O autor mostra como os ideários da construção da cidade despertaram o fascínio e a frustração de alguns goianos. É o que Berman (1986) chama de possibilidades e riscos da aventura da modernidade. A perspectiva faústica de colocar Goiás no mapa político-econômico do país alimentou vários goianos que trabalharam na construção da nova capital federal. Até se tornar o centro das atenções nos anos 50, Goiás era percebido da seguinte maneira pelos nativos:

“(..) estado marginal, dito de terceira classe na federação. Na busca de afirmação de sua identidade, ofereciam também uma ao Brasil. Os goianos esperaram muito de Brasília. Quando ela chegou, seguiram-se estranhamento e frustrações correspondentes” (SILVA, p. 45, 1997).

O desejo dos fomentadores de superar os sinais de um suposto atraso desenvolvimentista através de novos tempos, no entanto, esbarrou nos hábitos e mentalidades dos velhos tempos:

“Depois que chegou a tão esperada “nova mentalidade”, causou

distanciamento. As regras da dominação patrimonial (aquela que nasce do poder doméstico organizado) eram desrespeitadas no Distrito Federal. Quando dois deputados goianos foram impedidos de visitar o Palácio da Alvorada, a reação foi imediata” (SILVA, p. 46, 1997).

Na cidade de Corumbá, por exemplo, bastante atingida pelo impacto da construção de Brasília por causa da sua localização geográfica, o alto fluxo de máquinas e pessoas trazidas pelo influxo desenvolvimentista causava um estranhamento por causa do contraste dos costumes da cidade, pautados pela família, religiosidade e cortesia. Foi Brasília, que segundo os litorâneos era um portal de civilização no meio do sertão, que acabou por se tornar para os sertanejos o verdadeiro sertão (SILVA, 1997).

Para a grande maioria dos sertanejos, a modernidade, até então, era uma coisa distante e sua chegada foi sentida de forma fatalista e apocalíptica, sobretudo por aqueles que foram desapropriados de suas terras (ARAGÃO, 1988).

Mesmo os goianos que foram trabalhar em Brasília eram os que menos se adaptavam ao ritmo desgastante e clima hostil de trabalho nos bastidores da construção do D.F., por causa de seus costumes “regulados pela ajuda mútua e vizinhança da cultura rústica” (SILVA, 1997, p. 88.). Mas o principal era que a cultura moderno-industrial ameaçava a caipira, que tinha um modelo social e produtivo baseado no ciclo agrário, com pequeno excedente de produção e um sistema de festas de fundo religioso “que davam coloração e ritmo às atividades econômicas e de reprodução social (ibid. p. 88)”.

O trabalho, através da criação extensiva de gado e da agricultura de subsistência, era um meio de permitir fartura (ARAGÃO, 1988). Sem preocupação com lucro, sobrava tempo para festejos. Através da descrição das propriedades rurais, mesmo dos mais abastados, Aragão (1988) chama atenção para a rusticidade, também no que diz respeito às coisas da casa, e destaca a presença da foto da família reunida em torno dos patriarcas.

Os valores e sentimentos exemplificados são ainda características, sobretudo, das cidades do interior, também existente em Goiânia, apesar de seu caráter moderno, evidenciado por ser uma cidade planejada. É claro que na vida das cidades muitos dos hábitos estruturados desses habitantes do campo foram modificados, mas o *habitus social* estruturante¹⁸ permanecia o mesmo (WOORTMANN, 1995):

“(...) na sociedade de hoje, o passado deixou muitos traços, visíveis algumas vezes, e que se percebe também na expressão dos rostos, (...) e mesmo nos

¹⁸ De acordo com Bourdieu (1974, p. 355), *habitus* é “(...) princípio que define a maneira de se obedecer aos princípios (...)”. Cabe lembrar que para este autor os elementos estruturantes são também estruturados em algum grau e vice-versa.

modos de pensar e agir, inconscientemente conservados reproduzidos por tais pessoas e dentro de tais ambientes, nem nos apercebemos disto, geralmente. Mas basta que a atenção se volte para esse lado para que nos apercebamos que os costumes modernos repousam sobre antigas camadas (...) (HALBWACHS, 1950, 68)”.

Para Silva (1997, 67-68), a construção e a mudança da capital federal só foram possíveis devido ao encontro de várias forças ideológicas nacionais utopistas, formadas por intelectuais e políticos: os nacionalistas, os modernistas, os salvacionistas e os mudacionistas, os comunistas, integralistas, tenentes e positivistas. Em uma perspectiva de Memória Social, poderíamos cogitar nuances entre esses tipos de personalidade apresentadas pelo historiador Sérgio Silva, que pululavam o cenário político nacional, à época da iminência da construção de Brasília. Esses personagens sociais representam a panaceia de diversidade de pensamento coletivo que desencadeou a possibilidade do surgimento de uma figura política desenvolvimentista mineira do calibre de J.K.. Silva (ibid.) deixa bem claro qual é o denominador comum entre todas as figuras do panteão político cultural brasileiro. Os “conteúdos utópicos davam sentido a uma época em que a identidade era fornecida pelo sonho, ao mesmo tempo em que o sonho era a própria identidade” (1997, 67-68,). Sobre as perspectivas de um novo Brasil e novos brasileiros através de Brasília, podia se ouvir o seguinte discurso:

“Brasília criava uma nova mentalidade em todos aqueles homens que vinham de todos os rincões do Brasil, com suas ideias feitas, seus preconceitos, suas maneiras de verem e entenderem o mundo. Havia o choque entre as concepções: uma espécie de comércio entre todos, uma troca contínua de pontos de vista, noções, ideias, opiniões, entrechocando-se e gerando outras, abalando os alicerces das lógicas preconcebidas. Aqui tudo se renova. Ao contato desse dinamismo em criar, trabalhar, progredir. Vem da beleza do Plano Piloto, da beleza estupenda das criações de Niemeyer, do espírito viril, franco, intrépido de Juscelino! Tudo é novo, feito para o futuro. Aqui nasce de novo a nacionalidade (RAIMUNDO apud SILVA, p. 70, 1997)”.

Brasília haveria de ser o “marco zero”, em que as referências culturais seriam construídas também junto com a cidade (JESUS, 1998), sem estarem, no entanto, contaminadas por visões já viciadas. A arquitetura funcional permitiria uma maior praticidade e racionalidade à vida desses habitantes – que diz respeito, além dos aspectos físicos, à:

“racionalização da vida pública, nova proposta de percepção das categorias de tempo e organização da vida social, marcada pelo ritmo do trabalho três por quatro cada vez mais regulamentado em função da busca de produtividade do capital” (SANTOS apud JESUS, 1998, p. 28)”.

A experiência da modernidade se abria com várias possibilidades de mudanças, da qual muitas pessoas compartilhavam o espírito, sem imaginar, contudo, que o sacrifício para vivê-la seria grande, já que implicava o desapego das raízes coletivas, responsáveis pelo sentimento de continuidade (BERMAN, 1996). As ancestralidades pluri-regionais e internacionais dos pioneiros de Brasília também se configuram como um imenso cardápio de opções polifônicas que se revela, sobretudo, na culinária e artesanato, já que barracas em feiras, ou mesmo feiras inteiras ou comércios são dedicados exclusivamente a determinadas regiões do Brasil. O mesmo que ocorre em muitas festas juninas, que em Brasília são muito comuns, como veremos mais à frente, com as chamadas “barracas dos Estados” (cada Estado do Brasil tem um *stand* com artigos típicos). Essa colocação permite repensar que, em função desse ecletismo, pelo menos, uma festa junina não tem nada a ver com a visão caipira ou tradicionalista de mundo. A história da migração em Brasília parece ter sido feita basicamente por dois tipos de indivíduos: os que vieram por espontânea vontade e aqueles que vieram obrigados (LARAIA, 1996). Após a inauguração de Brasília, a utopia ainda resistiu aos problemas das invasões e de infraestrutura de lazer, tentativas dos cariocas de reproduzir seus hábitos de lá e as dificuldades dos mesmos de adaptação à nova cidade, já que sofriam de “brasilite”, de acordo com SILVA (1997).

Segundo Laraia (1996), os funcionários do governo, provavelmente provenientes do Rio de Janeiro, que foram transferidos para a nova capital, desenvolveram uma repulsa em relação à cidade, que pode estar na base dos muitos mitos negativos em relação a seus habitantes. O sentimento de ressentimento em relação a Brasília também aparece em relação aos cariocas que ficaram no Rio, em função da perda de função e de *status* político da cidade. Repleto de sentimentos nostálgicos de idealização do lugar de origem, juntamente com desejos de regresso que, em muitos casos, foram realizados, esses indivíduos são surpreendidos com as reações não adaptativas dos filhos que não estão acostumados ao caos urbano de cidades não planejadas.

Em vários prédios, monumentos e quadras se pode metonimicamente destacar o “plano subjetivo” da construção da cidade, que é preservado pela crença no mana dos patrimônios urbanos de cristalizarem uma era dourada perdida (Memorial J.K.) ou de um tempo de atraso superado (telas de Cândido Portinari sobre a miséria do sertão). A importância dos lugares de memória é evocada por Halbwachs (2004).

“(…) os lugares participam da estabilidade das coisas materiais e é baseando-se neles, encerrando-se em seus limites e sujeitando nossa atitude à sua disposição, que o pensamento coletivo do grupo dos crentes tem maior oportunidade de se eternizar e de durar: esta é realmente a condição da memória (ibid., p. 166)”. “(…) (os grupos sociais permanentes em algum território ou não) “imprimem de algum modo sua marca sobre o solo e evocam suas lembranças coletivas no interior do quadro espacial assim definido. Em outras palavras, há tantas maneiras de representar o espaço quantos sejam os grupos (ibid.)”, “(…) imitam a passividade da matéria inerte (ibid., p. 143)” que nos tocam com sua “insensibilidade aparente” (ibid., p. 141)”.

Há semelhança entre o que propõe Benjamin (1994) a respeito do conceito de aura e Mauss (2003) sobre o poder pessoal, ou mana, os artefatos (objetos ou obras de arte) originais têm capacidade de conservar um valor agregado, para além de seu custo material. Em Brasília, inclusive áreas e anexos construídos, como o Memorial J.K., no ano de 1981, buscam imortalizar a memória desenvolvimentista e visionária de J.K. Mesmo os objetos de decoração como grandes telas originais de Cândido Portinari sobre a miséria no sertão não estão colocados no interior dos prédios públicos gratuitamente.

A UnB perpassa quase metade das quadras da Asa Norte. Uma construção de relevante impacto histórico e sociológico no cotidiano da cidade. Criada em 1962, o complexo de prédios que a compõe, segue os ideais aglutinadores do projeto de Brasília, que são reforçados (SILVA, 1997) e posteriormente reprimidos. Tratava-se de um projeto à altura da nova capital: a planta do prédio principal da universidade até parece ser uma miniatura da asa do avião do plano piloto. Em seu bojo, a UnB trazia uma ideologia mais autônoma e livre para a educação que, logo depois, seria reprimida pela ditadura, já que por ela ter se tornado um ambiente cultural efervescente, ficou bastante visada pelos militares, que ali viam um antro de marxistas (SILVA, 1996).

Com a criação, a partir dos anos 1970, da orquestra sinfônica do Teatro Nacional e de grandes escolas de idiomas, se insere em Brasília uma perspectiva mais mundializada de cultura (JESUS, 1998). Nessa mesma época, os funcionários das embaixadas de vários países passaram a morar em Brasília e, junto com os habitantes já instalados, que provinham de todas as regiões do país, contribuíram para formar uma sociedade eclética e cosmopolita (LARAIA, 1996). Adicionem-se a esse caldeirão cultural os migrantes oriundos de seitas místicas, que segundo Roque Laraia (idem), se dirigiam à Brasília numa espécie de salvacionismo milenarista.

Apesar de essa diversidade saltar aos olhos e ser uma característica da cidade bastante valorizada,

pelo menos retoricamente na fala de seus habitantes¹⁹, seu projeto não parecia levar em conta as diferenças sociais. O sonho de se construir uma nação primeiro mundista não estava desvinculado daquele que previa a construção de uma vida social e econômica melhor, por parte dos migrantes (SILVA, 1997). Durante a construção da cidade muitos lotes foram distribuídos para os operários, com o compromisso de serem devolvidos. Muitas invasões também foram efetuadas, em virtude da carência habitacional (LINS RIBEIRO, 1999). Sobressequente ao término da “obra-prima”, os trabalhadores se viram no direito de reivindicar um pequeno quadrado no Distrito Federal. O planejamento urbanístico do Plano Piloto não comportava a realidade socioeconômica da nação, que do alto de utopias megalomaníacas, foram abstraídas (SILVA, 1997, p. 59).

A partir daí, segundo Lins Ribeiro (1999), foi implantado um modelo de remanejamento dessas populações para espaços segregados e afastados (cidades-satélites), o que gerou inúmeros conflitos com os moradores, que não queriam se desvencilhar dos lugares em que já estavam estabelecidos:

“Ruía a utopia de Lúcio Costa. O Plano Piloto encontrava desde já a sua verdadeira vocação de paraíso da classe média. Estava traçada a primeira linha definitiva do mapa da configuração espacial urbana por classes do Distrito Federal. (...) estabelece-se a solução das cidades-satélites como maneira de manter o Plano Piloto imaculado da presença da tão incômoda classe operária. Estamos diante da gênese da contradição Plano Piloto/Cidades-Satélites. O operariado é mantido na periferia, enquanto os funcionários da administração federal tinham assegurado seu domínio sobre “a cidade mais moderna do mundo (LINS RIBEIRO, p. 84, 1999)”.

Essas configurações históricas de Brasília dizem muito sobre as dinâmicas socioculturais da cidade atualmente, até mesmo porque, em virtude dessa segregação social, a essência das ideologias primeiro-mundistas foi preservada e perpetuada. Outro fator importante é que Brasília, por ser capital federal, faz com que um número muito grande de pessoas, mercadorias e informações, nacionais e internacionais, circulem em uma velocidade globalizante (SILVA, 1998).

Brasília, com sua utopia “edificada” (edificante ainda não se tornou), parece plainar acima da terra, em descompasso com a realidade urbana de outras capitais brasileiras. A cultura capitalista-individualista-moderna-cosmopolita nela se apresenta para a classe média como uma opção de vida mais viável, da qual sua própria arquitetura é um arquétipo e marca de memória. Mas o Brasil não acaba nem começa no Plano

¹⁹ “Brasília é diversidade. A TV Nacional também” (http://stream.agenciabrasil.gov.br/estatico/tv_nacional.htm).

Piloto. Brasília é, no fundo, o símbolo máximo de um país periférico e colonial, com suas altas desigualdades. Representa o abismo entre dois Brasis, exemplificado pela distância entre o Distrito Federal e as cidades-satélites, que ficam cerca de 40 Km afastados. Estas estão mais próximas da realidade urbanística e econômica de outras cidades brasileiras.

CAPITULO II – OS JOVENS GOIANOS EM BRASÍLIA: NOVOS HORIZONTES COM VELHAS ROUPAGENS

O processo de deslocamento e seu impacto nas trajetórias de jovens de Goiânia para Brasília é o foco deste capítulo. A escolha da metodologia etnográfica de observação participante adotada com a realização de entrevistas de campo nesse estudos de migração e mobilidade urbana entre cidades vicinais visam ilustrar os movimentos psicossociais no eixo da relação nós-outros. Os aportes teóricos da Sociologia/Antropologia e Memória Social/Psicologia se complementam, no sentido de buscar capturar algo tão fugidio como as experiências pessoais, sempre coletivizadas e coletivizantes, envoltas por valores tradicionais e modernos que se entrecruzam em matizes ambíguas e simbióticas. A opção por acompanhar jovens que se deslocaram de Goiânia para Brasília, com o objetivo de estudar na Universidade de Brasília (UNB), permitiu observar em um grupo específico que, *“num relance, todo sentimento familiar e habitual nos abandonou; porque nos encontramos no meio de uma transição por onde não podemos permanecer”*, conforme Rilke sugere na epígrafe que inicia o primeiro capítulo.

O desafio da pesquisa ou a pergunta que levou ao interesse pelo aprofundamento teórico que a norteia, é como lidar com questões de entrecruzamentos identitários em que estão implicados lugares espacialmente tão próximos, mas com valores aparentemente excludentes, ao menos em termos retóricos?

O objetivo é apresentar as tensões identitárias presentes na relação estabelecida por esses jovens goianos com os brasilienses, marcadamente moradores da Asa Norte, nas proximidades da UnB, em uma situação específica, caracterizada pelo vínculo com a Universidade de Brasília. Nota-se que se faz necessário considerar que o próprio acesso à universidade já se pauta pelo aspecto da mudança. Assim, temos vários estranhamentos passíveis de serem analisados, que, em combinação, caracterizam os conflitos vivenciados pelos interlocutores desta pesquisa. Estes vão ser discutidos a partir das categorias “estrangeiro” e *outsider*, propostas por Simmel (1983) e Elias & Scotson (2000), respectivamente.

Neste aspecto as noções de projeto e campo de possibilidades, elaboradas por Velho (2003), contribuem para a discussão sobre os novos horizontes apresentados nas trajetórias desses jovens estudantes, considerando que:

“Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro um campo de possibilidades. Não operam num vazio, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo, são complexos e indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórios (ibid., p. 46)”.

No processo de deslocamento (em todos os sentidos: temporal, espacial, subjetivo) de uma cidade à outra há um encontro com o diferente, mas também permanecem as influências atribuídas (família e religião, por exemplo):

“Família, trabalho, religião, lazer, opções políticas, entre outros, configuram um campo de possibilidades em que os atores individuais se movem, mais ou menos impelidos e pressionados, mas com uma gama básica de alternativas e opções (ibid., 79)”.

Vale referir que, embora o trabalho de campo tenha sido realizado em 2005, as questões levantadas nesta dissertação, relativas às dinâmicas identitárias, permanecem atuais. Considera-se, especialmente, que as trajetórias e biografias estão em permanente mudança. As entrevistas e as observações realizadas lançam luz sobre a dinâmica entre estabelecidos e outsiders (ELIAS & SCOTSON, 2000), aqui traduzida na relação entre estudantes universitários goianos e estudantes universitários brasilienses.

De acordo com Velho (2003):

“Os projetos, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus projetos. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente. A heterogeneidade, a globalização e a fragmentação da sociedade moderna introduzem novas dimensões que põem em xeque todas as concepções de identidade social e consistência existencial, em termos amplos (ibid., 48)”.

A discussão se apropria também dos conceitos de identidade contrastiva e relacionalidade, respectivamente, propostos por Cardoso de Oliveira (1976) e DaMatta (1987). E a noção de distanciamento cultural proposta por Eduardo Galvão (1979), que é didático e elucidativo para entender a transcendência da pequena distância física entre Goiânia e Brasília para uma ponte quilométrica, sentida como relativa e aparentemente intransponível. Importante também frisar que sou tributário das ideias de uma etnografia dinâmica de Barth (2000) – mais apropriada para uma etnografia multissituada interativa (Goiânia-Brasília), que aqui tento empreender, por não buscar enquadrar as realidades sociais distintas em quadros estruturais de pesquisa bibliográfica prévia. Mas que, no entanto, considera o efeito cumulativo das representações sociais em interface com os contornos sub-tonais da observação empírica de campo (ambiguidades de identidade e incoerências de discurso), mesmo que o material coletado apresente flexibilidade e antagonismo que impossibilite reducionismos teóricos simplificadores (desumanizadores

também)²⁰.

Outro autor importante para esta discussão é Fredrik Barth. A proposta de Barth (2000) é a de conceber os fenômenos culturais e sociais de maneira mais dinâmica, flexível, experimental e incompleta. A intuição do pesquisador, através de insights, passaria assumidamente a ser incorporada à análise científica, sem deixar de lado o rigor que lhe é habitual. Para ele, o conhecimento contextual, em que a Antropologia está legitimada, resulta em um “localismo míope”, em que só se podem efetuar comparações em termos de estruturas gerais por demais abstratas e desumanizantes que perdem toda uma sutil gradação de variações. Assim, o fato de descrevermos um determinado padrão generalizante não significa que ele se apresente como é descrito no discurso institucional e formal, e nem que não há outros padrões, até mesmo contraditórios em atuação na mesma região. Mas isso não diminui a força daquele que percebemos como central para a fundamentação do pensamento e da criatividade dessa mesma região.

II.1 Sangue, Suor e Lágrimas (O Macro Drama da Micro Migração ou Migração Regional)

Processos de deslocamento coletivos ou individuais (migração, turismo, trabalho, estudo etc.) são acompanhados de situações de estranhamento, reconhecimento, convivência e evitação nas quais o drama²¹ do pertencimento e da sobrevivência é colocado de forma pungente. Nestes casos ficam expostos a situações, pessoas e lugares estranhos. É quando se confrontam as convicções identitárias com a experiência da alteridade e se evidencia a intersecção sutil e entrelaçada dos referenciais atribuídos à

²⁰Partindo da Sociologia do Conhecimento, Barth (2000) pretende entender as articulações e entrecruzamentos sociais que permitem os indivíduos poderem entender a si mesmo do jeito que entendem e fundamentar seu pensamento e sua criatividade do jeito que fundamentam. Para mostrar a viabilidade dessa proposta antropológica, Barth propõe uma comparação entre duas grandes regiões etnográficas: Melanésia e o sudeste da Ásia. Enquanto naquela o processo de criatividade e reprodução cultural é influenciado pelo paradigma do iniciador, que consiste numa perspectiva preciosista do conhecimento, nesta é pelo o do guru, que consiste em uma perspectiva massificadora do conhecimento. O seu objetivo é mostrar “as fontes de duas economias informacionais basicamente distintas, através da identificação das pressões que direcionam os esforços intelectuais daqueles que assumem esses dois papéis muito diferentes”, “demonstrar os efeitos cumulativos da performance desses diferentes papéis sobre as próprias tradições que são transmitidas” (BARTH, 146, 2000). Ele ressalva, porém que: “(...) apreender as características gerais do gerenciamento e da transmissão do conhecimento, assim como da resultante economia informacional de comunidade e regiões; não se trata de buscar a estrutura de determinadas relações instituídas” (BARTH, 157, 2000). Barth exemplifica: os gurus propagavam seus conhecimentos em seus deslocamentos territoriais. Os iniciadores por estarem presos ao contexto, e seu conhecimento só ser repassado em condições especiais, não tiveram o mesmo raio de difusão cultural que os gurus. Para reforçar a legitimidade de generalizações tipificantes tais como a de guru e iniciador, Barth propõe mostrar que só são alcançados quando se a partir das diferenças internas em cada região. Ou seja, essas características convergentes seriam às “características mais gerais e difundidas das variantes culturais (BARTH, 161, 2000)”. Não deve, assim, necessariamente haver um isomorfismo entre os insights e os objetivos daqueles que vivem de acordo com o padrão a ser descrito: “etnografia crítica da percepção” (BARTH, 162, 2000) que atores têm de si sem tomar os relatos em termos de validade hegemônicas no contexto analítico. Por exemplo, por mais que a ideia de guru esteja assentada no ideal de desapego do conhecimento, o guru não tem em vista a homogeneização do conhecimento, já que isso implicaria a anulação de sua atividade. Os padrões podem ser descritos assim de forma integral: macro por envolver os processos históricos e as instituições e o micro que permitiria apontar as variações causadas por efeitos cumulativos.

²¹A noção de Drama Social (Turner, 2008) possibilita a incorporação do aspecto subjetivo da experiência à dinâmica social.

relação eu/outro.

Simmel avalia que “(...) a distância nas relações significa que o próximo está remoto, e o ser estrangeiro ou o estranho, contudo, seria aquele que se encontra mais perto do distante (SIMMEL, 1983, p. 266)”. Neste sentido, os distantes são os estabelecidos, os donos do pedaço. Magnani (1998) define a categoria pedaço dizendo:

"O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade." (MAGNANI, 1998, p. 116)".

Ao entrar no pedaço do outro, em nosso caso, goianos em Brasília, o encontro é marcado por um estranhamento mútuo. Percebe-se que não se é compreendido pelos “estabelecidos” (ELIAS & SCOTSON, 2000) nessa nova cidade, estado ou país, detecta-se que os outros também não são codificáveis imediatamente.

A instabilidade e tensão gerada nessa relação acionam referências identitárias. Os outsiders são quase afogados por um turbilhão de reminiscências de um tempo e espaço, em que supostamente não identificam ruídos causados por mal-entendidos ou estranhamentos culturais. A nostalgia, sempre pautada pela releitura do passado, qualificado como mais “feliz” e “organizado” do que o presente é recorrente (sobre isto, vide vasta literatura sobre memória e migração em Ellen Woortmann). A referência a temas vinculados às origens emerge sob a forma de nostalgia e de saudade.

Passada a intensa agitação inicial, o migrante, dependendo do grau de abertura às novas formas de enquadramento do mundo, pode proceder ao menos de duas maneiras gerais – de acordo com seus limites, objetivos e vontades, sem evidentemente, uma excluir a outra: 1) fecha-se para o porvir e se liga mais ainda aos tempos de outrora, através de um processo de re-atualização constante da memória (HALBWACHS, 2004) ou 2) encara o encontro inevitável com o diferente que é ao mesmo tempo um encontro consigo mesmo (LAPLANTINE, 2003), com sua solidão. Outro caso também seria factível de ser cogitado como resposta ao drama da migração: abrir-se para a experiência da mudança, para o novo, mesmo com nostalgia ou saudade.

As diferenças regionais ou de qualquer outra ordem são complementares e dialógicas. A pergunta-chave que tem nos instigado é justamente essa: “Qual o sentido da palavra “perda”, quando, às vezes, o que se perde é o que se pode ganhar”? Tememos tanto as mudanças de visão de mundo, mas nos esquecemos que só somos o que somos porque mudamos o tempo todo. É claro que a maior parte delas

ocorre morosamente, de forma a nos garantir uma estabilidade, ao menos, relativa (HALBWACHS, 2004). A perspectiva de evitar relativizar as diferenças para não perder os laços umbilicais com o que somos e de onde viemos, esconde uma perda que, longe de julgar se é maior ou menor, é a de não chegar a conhecer ou viver o que poderíamos ser e para onde poderíamos ir. Essa é, em resumo, o sentido de toda e qualquer nova experiência que sempre traz, no entanto, riscos identitários para aqueles que quiserem ou puderem nela se aventurar.

II.2 200 KM ou 2 horas

Em dinâmicas socioculturais que envolvem deslocamentos entre cidades próximas, aparentemente, poderia ser cogitado que possíveis conflitos identitários seriam amenizados, diante da possibilidade de realização de intensas trocas. No entanto, não é possível desconsiderar que estamos lidando com a complexa questão das fronteiras (BARTH, 2000; HANNERZ, 1997), temática vastamente abordada pelas Ciências Sociais. Intensas trocas (simbólicas, materiais, culturais) são somadas ao estabelecimento de limites (identitários, territoriais, morais, religiosos). Essa ideia de proximidade sociocultural pode ser aplicada às cidades do Centro-Oeste brasileiro, marcadamente Goiânia e Brasília, que distam cerca de 200 km ou 2 horas uma da outra (tempo médio de viagem de carro). A capital federal está situada no centro do estado de Goiás. Porém, trata-se de uma falsa impressão, já que nem sempre a distância física corresponde à “distância” cultural²².

Atraídos pela proximidade geográfica e pelo renome institucional da Universidade de Brasília (UnB), jovens goianos, sobretudo de classe média, expoentes dos melhores colégios pré-vestibulares, optam por cursar sua graduação nessa instituição pública²³. Apesar dos inúmeros mitos negativos sobre a dificuldade de sociabilidade (LARAIA, 1996) que pesam sobre ela, não imaginam que se sentiriam tão estrangeiros. Tradicional e moderno figuram como pontos centrais e opostos no processo de inserção dos “de fora” em relação aos “de dentro”.

Jovens goianos são caracterizados como “mais tradicionais” que os jovens brasilienses, que convivem com o *ethos* moderno do distrito federal. Os estudantes goianos se concentram em repúblicas, em grande parte, e restringem seus laços afetivos ao interior de suas inserções sociais, conformadas por estudantes provenientes da mesma região. Essa proximidade atua como suporte identitário, no sentido de

²² Eduardo Galvão (1979) mostra como a classificação das civilizações indígenas com base no conceito de área cultural é imprecisa já que, nem sempre, grupos de uma mesma região geográfica possuem traços culturais parecidos.

²³ Segundo os dados disponibilizados para esta pesquisa via e-mail para mim pelo Centro de Processamento de Dados (CPD/UnB), os goianos, pelo menos, nos anos de 2002, 2003, 2004 e 2005 só perdem para os brasilienses na classificação quantitativa dos estudantes da universidade, por estado de origem (UF).

pertencimento no contexto pautado pelo encontro com o outro (alteridade). Há, no entanto, aqueles que, através de um processo de negociação conseguem, devido a múltiplas circunstâncias, em aspectos e graus variados, fugir da tendência mais corrente: a de idealizar exageradamente os seus valores através da comparação ideológica-etnocêntrica com o diferente (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976).

Por outro lado, o brasileiro estudante da UnB tende a reagir à interação inter-regional operando por meio de um processo de estigmatização em relação aos goianos, tanto os goianos estudantes da UnB, como a goianidade de uma forma geral, em um movimento semelhante de autoafirmação contrastiva (idem).

O preconceito dos goianos contra os brasileiros se alimenta também da discriminação dos brasileiros, mas também remonta à “pré-história” da construção de Brasília em território geopolítico até então goiano. Isso porque, perto das promessas de eldorado para a região fronteira com o Distrito Federal, os avanços foram poucos. Em relação aos goianos que vão estudar em Brasília, como que Macunaímas em busca de seu muiquitã (ANDRADE, 1997), a estigmatização dos brasileiros ocorre na defensiva da corrente de pensamento hegemônica em Brasília. Principalmente, por esta não perpassar com muita ênfase, valores tão caros para esses, como altruísmo social, visão contemplativa e cultura oral. Fatores como territorialismo e xenofobismo regional, pelo fato dos goianos ocuparem muitas das vagas na Universidade mais disputada de Brasília, também concorrem para conferir complexidade a essa zona de fronteira. Assim, reforça-se mais esse processo de aguçamento dos contrastes. Nesse caso, não há como negligenciar o outro lado da moeda: as noções que os estudantes brasileiros expressam sobre os goianos.

A noção de contrastividade (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976) indica que uma identidade coletiva se afirma em relação (ou negação) a outra. Assim, nessa análise, considera-se a dificuldade dos brasileiros de também relativizar seus valores e convicções na relação que estabelecem com os goianos²⁴, para o desenvolvimento da tolerância com o diferente (DAMATTA, 1987).

O que está em jogo aqui é a reprodutibilidade dos pensamentos coletivos de cada grupo, (HALBWACHS, 2004), tanto para os “estrangeiros”, quanto para os brasileiros. É claro que para esses “migrantes”, suas identidades e memórias coletivas correm menos riscos de serem descontinuadas, já que,

²⁴ Goianos são todos aqueles que nascem em Goiás. Por tabela, goianienses são os nascidos na capital de Goiás. Vilaboenses são os nascidos na antiga capital chamada oficialmente de cidade de Goiás (antiga Vila Boa), vulgarmente conhecida como “Goiás Velho”. Seria então Goiânia “Goiás Novo”? Os relatos de campo nesta pesquisa sobre migração de estudantes (em sua maioria de Goiânia) em Brasília (UnB) vão mostrar que nem sempre, já que, em alguns contextos e casos observados, há um sentido de goianidade aguçado que engloba todos os goianos, principalmente, em situações de migração – nesse sentido a hierarquia regional capital-interior pode, por vezes, ser também esmaecida, já que a nova sociedade envolvente, no caso, os habitantes de Brasília (Plano Piloto/Asa Norte), tende a não reconhecê-la e validá-la, até por falta de informação histórica e geográfica mais precisa sobre essas variantes de categorização regional. Mais a frente, veremos um caso, relativo aos estudantes goianos no curso de Mecatrônica na UnB, onde eles eram maioria em relação aos brasileiros, em que esse fenômeno citado há pouco, não ocorre.

apesar de apresentarem uma identidade social diferente da que predomina em seu novo local de residência, eles não estão longe da rede social a qual originalmente pertencem.

Cabe ressaltar que partimos do referencial de que as identidades são relacionais (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976) e que, por isso, as diferenças entre os jovens de Goiânia, que no contexto regional são percebidas implacavelmente, tendem a ser abstraídas em Brasília. O sentimento de goianidade mais geral é que passa a ser aguçado. O mesmo processo ocorre com os goianos em São Francisco (LINS RIBEIRO, 2000), com o detalhe que a expressão de goianidade lá é sublimada pela de brasilidade. Naquele contexto, ser goiano ou brasiliense não *faz diferença*, assim como ser goianiense (nascido em Goiânia) ou vilaboense (natural da Cidade de Goiás), em Brasília. Os goianos se tornam, pelo menos, simbolicamente, comedores de pequi em Brasília e passistas de escola de samba em São Francisco, mesmo que alguns deles odeiem pequi ou nem saibam sambar. Assim, quando comparamos Goiânia com Brasília, levamos em conta os goianos do interior também, já que, no Ensino Médio, ou no terceiro ano, muitos deles vão para a capital estudar em escolas mais gabaritadas para, assim, terem mais condições de pleitear vagas nos vestibulares.

II.3 “Brasília: Ame-a ou deixe-a!”²⁵: Na Asa do Plano com Pé em Goiás

Para compreender de que maneira os goianos se inscrevem como habitantes de Brasília, foram realizadas entrevistas com goianos que foram estudar na UnB (que participam do mesmo macro evento de morar em Brasília), buscou-se compreender como percebem espacial e temporalmente a cidade. A partir desses relatos (colhidos em pesquisa etnográfica na Asa Norte de Brasília, entre junho e julho de 2005, na qual constam também entrevistas com brasilienses e pessoas que moram na cidade desde a infância.) foi possível refletir como as diferenças dos padrões de referência socioculturais, sustentadas por histórias de povoamento diferentes, influenciam a situação de contato entre goianos e brasilienses.

O que está em jogo aqui é a transmissão das memórias do grupo, assim como nos apresenta Halbwachs (2004), não só para grande parte dos migrantes goianos, mas também para muitos brasilienses²⁶. Memórias são compartilhadas entre grupos contrastivos, em nosso caso os que estigmatizam (os brasilienses) fazem isto por conta da relação dos goianos com a chamada cultura sertaneja. Segundo Aragão, (1988) esta era pautada por uma simplicidade ascética: produção de subsistência com ênfase no lazer, religiosidade e família. Silva (1997) observa que esses costumes baseiam o sistema de ajuda mútua e

²⁵ Frase coletada de um informante. Coincidentemente, corresponde ao lema da ditadura, a qual muitos críticos associam sua eficácia em termos de governabilidade à cena política desenrolar em Brasília, cidade que teria um potencial de minimizar os efeitos da massa com excesso de grandes distâncias entre prédios muito blocados e cimentados.

²⁶ Há relatos de que brasilienses que se mudaram para Goiânia e que enfrentam dificuldades de se deixar impregnar pelas dinâmicas socioculturais mais predominantes.

as relações de vizinhança.

A situação de migração é crucial para a discussão. A mudança de uma cidade para outra que tenha trajetórias históricas e dinâmicas socioculturais aparentemente bem distintas, é uma boa oportunidade para percebermos como indivíduos ou grupos relativizam ou reificam suas relações anteriores. Mas não é somente o encontro com outras espacializações e temporalizações que faz eclodir momentos de angústia e desolamento. É também a própria mudança/deslocamento de espaço, em si, um fator de tensão, já que em parte o sentimento de permanência dos grupos é alicerçado pela propriedade inerte da matéria (HALBWACHS, 2004). Somos ligados ao espaço pela capacidade explícita de nos remeter a um determinado momento, correntes de pensamentos coletivos e grupos (subgrupos) sociais²⁷.

Segundo Halbwachs (2004), os grupos estão em constante equilíbrio com o ambiente onde habitam e que se tornam projeções dos seus valores, elementos de memória. Mesmo com o progresso desordenado, as cidades ainda conseguem conservar santuários de memórias (algumas até os recriam quando ele se encontra por demais depauperado pelas ações das intempéries, guerras e má conservação). Circular pela cidade é passear pela história do grupo e reforçar os laços com o mesmo²⁸:

“(...) todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido de que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, ao menos, daquilo que havia nela de mais estável” (HALBWACHS, 2004, 139).

No caso de Brasília, as ideologias utópicas desenvolvimentistas modernas (de várias vertentes), que fomentaram ideologicamente sua construção (SILVA, 1997), durante os anos 50 e 60, que através do espaço (projeto do Plano Piloto) estruturam as dinâmicas socioculturais atuais (*background* cultural ou *habitus* sociais) e reatualizam mitologicamente esse tempo passado de bonança e nacionalismo de Brasília, Impregnados pelas correntes de pensamentos coletivos de subgrupos de brasileiros visionários, fomentadores e desenvolvimentistas do projeto do Plano Piloto, a cidade parece suscitar seus pioneiros e entusiastas através de seus signos de memórias (icônicos, simbólicos e indiciários): monumentos, prédios e

²⁷ É por isso que muitos dos sonhos se passam na casa da infância, por ter esse lugar um caráter ontológico e morfogénico no nosso imaginário psíquico, como bem nos mostra Bachelard (2009).

²⁸ Por exemplo, em Curitiba, capital do Paraná, por exemplo, há memoriais em homenagem aos vários grupos estrangeiros que compõem a cultura local.

obras antigas e/ou recentes referentes às suas primazias exemplares.

Mas o projeto utópico de modernidade de Brasília e a valorização da mudança e abertura à diversidade, que é algo ali “tradicional”, também são afirmados através da inserção automática da cidade nos jogos das relações políticas da diplomacia internacional. Como a circulação de informações na cidade é considerável, por ser uma Capital Federal, sedia organismos e embaixadas de outros países, a pioneira e a segunda geração de brasilienses do Plano “tem mais condições relativas” de desenvolver com maior facilidade esse sentimento de cosmopolitismo. O que, no entanto, não inclui a minoria regional goiana que, pelo que observei em 2005, era rechaçada, talvez por sua vinculação à memória sertaneja da cidade, que chamo de “pré-história”, considerada como região atrasada. Brasília abre oportunidades para projetos individuais, marcados por: liberdade individual, que “pode” permitir maior respeito à diversidade, e mecanismos de ascensão social, que “podem” permitir maior engajamento para o crescimento financeiro-profissional. Sobre isto uma brasiliense, residente em Brasília desde pequena, mas com família em Goiás, comentou:

“Se você aqui em Brasília tem oportunidade de estudar, ler, ter acesso a uma série de coisas que tão rolando no mundo, música, cinema, teatro, espaço universitário, tudo isso. Se você tem essa oportunidade, isso abre a “possibilidade” de você construir como um valor importante na sua vida a liberdade e a autonomia. (...)a pessoa tem acesso a uma diversidade muito grande de informações, de mundos diferentes, né, de você, de repente na sua família você tem pessoas que vieram, né, de regiões de países diferentes, você pode tá antenada com o que tá rolando no mundo. Brasília tem uma tradição de música, rock, agora de música eletrônica. Então, Brasília é uma cidade que tem uma coisa de tá antenado de coisas que tão rolando no Brasil e no mundo. Então, isso abre os horizontes”.

“Brasília é assim mesmo. O carro do fulaninho, do desconhecido pifou, azar o “dele”, o carro é “dele”. Ele que resolve o problema dele. Então assim, é uma coisa ligada ao individualismo”.

Assim, valores considerados tradicionais, como solidariedade, são “perdidos” nas grandes cidades, como Brasília. A perda dos laços afetivos e intercâmbios de experiências (BENJAMIN, 1994) vem caracterizando as distinções entre metrópoles modernas e cidades pequenas (SIMMEL, 1979). Ao se

mudarem para Brasília, os jovens goianos se depararam primeiramente com uma cidade que é um dos maiores marcos da arquitetura moderna, (Patrimônio Cultural da Humanidade), considerada uma verdadeira obra de arte a céu aberto. O traçado modernista do Plano Piloto expressa, assim, em alto grau, muitos dos valores modernos que passaram a fazer parte das dinâmicas socioculturais da cidade, já que o espaço conserva a memória dos grupos²⁹. Sobre isso, um informante goiano, entusiasta de Brasília, compartilhou a seguinte impressão:

“(...) quando as pessoas estão acostumadas a viver num espaço urbano, onde tudo é tumultuado e tudo uma coisa em cima da outra, os prédios altos, você não vê o céu, você não vê o horizonte, quando uma pessoa não está acostumada com esse ambiente, e vai para um lugar aberto como Brasília, eu tenho a impressão que essa amplitude pode trazer uma sensação de não ter controle da situação, de tá num lugar maior que você tá acostumado e é uma arquitetura muito impessoal, (...). (...) gosto muito daqui, da quantidade de área verde, da distribuição dos prédios, bastante espaço, com bastante espaço entre eles, para que as pessoas possam circular livremente, ausência de muros, entre os prédios, a circulação livre por baixo deles (...)”.

Para os goianos, acostumados com uma cidade mais “tumultuada”, em que prédios e pessoas são muito próximos um do outro e onde a sensação de liberdade, em função também disso, é relacionalmente menos sentida, Brasília e os brasilienses podem intimidar. A arquitetura de Brasília impõe dinâmicas socioculturais distintas daquelas encontradas em Goiânia, marcadamente a impessoalidade constante em sua concepção, ampliando o estranhamento gerado pela mudança de cidade, como nos casos dos jovens goianos que estudam na UnB.

²⁹Desde a construção já era assim. O sonho utópico de um país era construído junto com o sonho de pessoas (SILVA, 1997) e, nesse sentido, o projeto era piloto para elas também. Esse experimentalismo moderno, evidentemente, não funcionou da forma como todos esses aventureiros planejaram. Longe de suas redes sociais, muitos deles criaram repulsa em relação à cidade, sobretudo os que foram transferidos para Brasília, (LARAIA, 1996) e conheceram o outro lado da experiência moderna (BERMAN, 1996). Mas a cidade concreta enquanto planta desse projeto de vida e país é uma marca de memória viva para os habitantes, sobretudo, os que nasceram aqui ou foram trazidos muito cedo. Esses não têm para onde voltar e seus *habitus* sociais foram formados por valores correntes no espaço e no discurso de uma sociedade, que apesar de ter sido criada por seus pais, não parece compensar para muitos deles, as saudades dos tempos de casa. Um informante relatou esse drama, no momento, em que estava à procura de um apartamento para ele e alguns amigos: “Moro praticamente desde que nasci, e agora meus pais estão pensando em mudar pra Minas Gerais, Belo Horizonte, (...). (...) meu pai e minha mãe, não gostam muito daqui, não tem parente nenhum, estão pensando em voltar pra lá”. Encontrei outro brasiliense que queria montar uma república, não porque seus pais iam voltar, mas por desavenças ideológicas com eles: “Meus pais não se dão muito bem entre eles, e eu não me dou bem com meus pais, acho que isso é uma situação bem comum aqui, choque de gerações, acho que as concepções de vida são bem diferentes, principalmente quando você vem de famílias com tradições em serviços públicos, eles ficaram muito estáticos, na vidinha deles e a gente tá procurando conhecimento, tolerância, eles não têm aquela visão reta”.

Numa cidade funcional, com os prédios bem setorizados³⁰ e afastados uns dos outros, os indivíduos podem internalizar esse traço de alguma maneira nas relações sociais. A própria cidade, construída sobre esse valor, legitima arquetipicamente ações desse tipo. Se em função desses vastos horizontes livres e abertos e do caráter artístico dos mesmos³¹ as pessoas têm uma sensação maior de liberdade é porque a cidade inspira esse valor, do mesmo jeito que ele serviu de inspiração para sua construção. O próprio Plano Piloto pode permitir recordar a liberdade individual e o funcionalismo social, já que se trata, ao mesmo tempo, de um avião, símbolo moderno de liberdade, e um plano cartesiano, símbolo de ordenação geométrica.

As longas distâncias entre os prédios e os espaços abertos fazem recordar valores como a ênfase no espaço individual e a vida funcional. Nesse cenário de grandes distâncias a serem percorridas com o mais rápido fluxo de tempo, o automóvel³² se torna indispensável, já que, além se locomover mais rápido nas *highways* de Brasília, permite coibir encontros incidentais dispersivos no espaço público. Uma informante goiana comentou:

“Não vê gente na rua. As pessoas estão sempre dentro de casa, ou dentro dos núcleos. Ou então passam andando rápido, não tem abordagem. Não sei se posso dizer que as pessoas aqui são mais frias, você mal conhece seus vizinhos. Às vezes, os seus vizinhos saem com você e não te cumprimentam”.

Mas mesmo se você andar a pé, a estruturação da cidade ainda permite aos grupos recordar esses valores comuns, já que há tanto espaço livre em meio aos vastos horizontes entre um bloco e outro que, certamente, se diminui a probabilidade de se encontrar alguém no meio da caminhada (DRUMMOND, 2001).

“Você vai na padaria, você sai, vai pelo caminho que você escolher, por baixo do bloco, vou passar por aqui, por ali, não tem um trajeto típico que as outras cidades tem, você vai pegar essa rua, seguir por esse quarteirão, chegar na padaria”.

³⁰ Remeto aqui à divisão de setores tipo Esplanada, Lago, Asa (Comercial ou Residencial), Setor Industrial, Setor Cultural, Setor de Autarquias, Setor de Lazer, Setor Hoteleiro, e ao sistema de matrizes numéricas na nomeação dos endereços.

³¹ “Céu de Brasília, traço do arquiteto, (...)” (Fragmento da letra da música “A linha do Equador”, Djavan).

³² Cabe lembrar que na época da construção de Brasília, a indústria automobilística ajudava a cristalizar os ideais de desenvolvimento de uma potência mundial. O fato de um carro ter recebido o nome da cidade, pode sinalizar uma ligação entre Brasília e as máquinas de se ganhar tempo.

Até mesmo o sistema de endereços, que foi pensado justamente para otimizar o tempo nos deslocamentos, é uma maneira de lembrar ao grupo que a organização e o planejamento é indispensável para se chegar a algum lugar (metas). Certamente, esse é um dos primeiros aspectos que chamam a atenção. E a dificuldade dos goianos (mesmo entre estudantes de engenharia) de se adequar à essa funcionalidade aguçada, pode representar uma tentativa de evitar a ruptura da continuidade relativa de suas durações. Eles estavam ligados a um espaço que concebia os endereços de uma forma distinta, (des)organizados em sua ordem assistemática de endereços, e nem um pouco funcional. No entanto, quando chegam em Brasília, novos códigos precisam ser incorporados no cotidiano.

“Era muito difícil, achava ruim, a questão das comerciais, eu nunca sabia onde tinha as coisas, eu não conhecia, não entendia, demorou um pouco para me adaptar”.

Com exceção de alguns bairros originalmente planejados, nos demais, com o crescimento urbano desordenado, é bastante complicado encontrar os endereços pela primeira vez. Em compensação, se tem quase certeza de que os transeuntes terão paciência e disponibilidade de tempo para explicar o caminho. Sobre pedir referências em Brasília e em Goiânia, um estudante da UnB que morou nas duas cidades relatou:

“Eu vim pra cá no dia da matrícula só, aí não conhecia porra nenhuma, fui, cheguei de carro, perguntar onde fica a UNB, ninguém sabe te falar não, só fala vai indo reto, lá pra frente vira a direita ou pergunta pra alguém mais pra frente, e eu não consegui chegar fácil aqui na UNB não (...). Não é, se são ruim de recado, mas todo mundo sabe as coisas aqui no Plano Piloto, porque a grande maioria do pessoal vem pra cá trabalhar, mas não sei, medo do pessoal dar informação, ser indiferente ao outro, né? Cara que se lasque, vou correr minha vida aí (...) (Em Goiânia) O cara só falta montar dentro do carro, sério mesmo (...) só faltou o cara montar dentro do carro um dia aí, até o telefone da loja dele ele ofereceu pra ligar lá onde nós queria chegar. Ele pegou ligou, pra saber se funcionava lá, pegou e ensinou o caminho pra nós de boa”.

Mas esse sistema revela também uma impessoalidade na configuração do próprio espaço³³, que é um dos elementos da construção da memória em Brasília, e ajuda a manter esse traço nas condutas gerais da cidade. A ausência de nomes de pessoas até em avenidas pode fazer os habitantes do grupo de Brasília reproduzir constantemente um valor de distanciamento da realidade humana por parte do indivíduo e se aproximarem mais das máquinas planificadas, como um avião, por exemplo. Mais próximos de homens-máquinas, o máximo distante da imprecisão humana, a disponibilidade para atividades lúdico-sociais são reduzidas, já que a racionalidade de Brasília transcende o espaço físico e diz respeito também à:

“(…) racionalização da vida pública, nova proposta de percepção das categorias do tempo e espaço e organização da vida social, marcada pelo ritmo do trabalho três por quatro, cada vez mais regulamentado em função da busca de produtividade do capital” (SANTOS, 1997 apud JESUS, 1998, p. 28)”.

Vários informantes mencionaram essa ligação dos habitantes de Brasília com a produtividade progressista que, por sua vez, remontam aos ideais positivistas estampados na *enorme* bandeira da Praça dos Três Poderes, e que também influenciaram no projeto utópico de *produção* de uma *onipotência* (SILVA, 1997). A própria cultura imediatista capitalista mundial moderna ávida por consumo e resultado que em Brasília é visivelmente sentida, contribuí também para a reprodução desse valor:

“(…) criada para ser a capital do país, sinônimo de trabalho, avançar, progredir (...)”.

“Muitas vezes, as pessoas entram numa roda viva, onde acabam eliminando certos espaços de sociabilidade, de relacionamento humano na sua vida, vivendo muito pro trabalho”.

Apesar de o número de habitantes no Plano Piloto ser relativamente pequeno, o que poderia gerar mais facilidade para aproximações pessoais, se tem a sensação de anonimato social em lugares públicos, o que está na base da manutenção da liberdade individual, que não é desprovida de ancoragem social. Em Brasília, isso se dá também através de subgrupos sociais exclusivistas, funcionais e especializados que se dedicam (com hora marcada) a reuniões e encontros de seus pares, mas, cuja cumplicidade só serve para

³³ “(...) muito separadinho, extremamente organizado, não tem esquina, não tem rua fulano de tal, esquina tal, aqui é eixão, eixinho, l2, w3, quadra 1,2,3,4,5,6,.. a cidade é muito organizada, bem separadinha, o que é classe media tá ali, classe baixa tá ali (...)” – estudante da UnB radicado em Brasília há muito tempo.

fortalecer ainda mais a distância entre o sujeito e o outro social (que não pertence a essa roda em questão)³⁴. É justamente pela falta relativa do anonimato, que em cidades como Goiânia, por maior e mais urbana que seja, é que existe uma relativa interferência social entre os indivíduos. Há dificuldade para o surgimento de diferenças, já que as mesmas comprometeriam a sensação de estabilidade do grupo, como já foi mostrado.

Com base nos relatos da pesquisa de campo percebi que divórcios e filhos que moram (ou pretendem morar) fora de casa antes de se casarem são situações bem comuns. Há, assim, razões para pensar que a noção de projeto, conforme Velho (2003) norteia as trajetórias dos jovens brasileiros. Outra característica observada, diz respeito aos usos dos espaços da casa, cada vez mais fragmentada. A sala de estar, o “espaço público” da casa é o local mais sagrado nas repúblicas goianas, o lugar das trocas de experiências. Ao contrário, para os brasileiros que pesquisei e ainda moravam com os pais, a ênfase espacial é dada especialmente à figura do quarto, que é o domínio do indivíduo, da privacidade e da liberdade do uso do espaço, como fazer sexo e usar drogas, comportamentos identificados como transgressões por famílias tradicionais, como as dos nossos informantes. Esse tipo de individualização também está expresso nas ruas.

Para os goianos, em geral, se sentir na rua e em casa não parece ter tanta diferença: se está sempre praticamente em casa. O que não anula o sentido da *dicotomia casa-rua* proposta por DaMatta (1997), em que casa figura como lugar de pessoalidade hierarquizante, em contrapartida a impessoalidade anônima da cidade. No caso, das tendências culturais goianas, a sacralidade da variável *casa* aparece, sobretudo, no costume de traços patriarcais e rurais de se fazer as refeições em domicílio sob uma disposição de cadeiras muitas vezes fixas e o elencamento de preferências culinárias.

Brasília representa um risco, justamente por “produzir” individualizações que gerariam as transgressões promovidas pelo excesso de “liberdade”. É recorrente a mídia noticiar fatos sobre a juventude transviada de Brasília, com a interpretação de que esta canaliza a “liberdade” para o vandalismo, brigas de gangues e homicídios. Dois moradores antigos de Brasília comentaram o assunto:

“Tem nego que quer ser feliz de forma deturpada, você vê o bicho que queimou o índio. Pessoa que não sabe ser feliz. (...)”

O que se tem é uma sensação de desconfiança e tensão muito forte. Todos são suspeitos de um crime que nem foi cometido ainda, mas, se presente prestes a acontecer:

³⁴ Aqui operamos conceitualmente com a clássica balança entre a variável “nós” e “eu”, sociedade e indivíduo, sociologia e psicologia, de Elias (1984). Faço uso empírico de minha experiência com alguns grupos sociais em Brasília ligados à Escola de Música de Brasília, à Universidade de Brasília, a Centro Cultural Renato Russo e ao Centro de Valorização da Vida (CVV).

(...) a antipatia nos protege de ambos esses perigos típicos da metrópole, a indiferença e a sugestibilidade indiscriminada. Uma antipatia latente e o estágio preparatório do antagonismo prático efetuam as distâncias e aversões sem as quais esse modo de vida não poderia absolutamente ser mantido (...) o rosto é o lugar por excelência da teoria, não faz, apenas fala. Desde o primeiro olhar, sabemos com quem lidamos, e mesmo que estejamos errados na avaliação, ela continua operante. O olhar não é apenas investigativo, é também expressivo. O encontro dos olhos é reciprocidade absoluta: sujeito e objeto em explícita interação (SIMMEL, 1973: 17)”.

Por não se enfatizar tanto a fala, em detrimento do olhar na cultura místico-brasiliense de que nos fala Laraia (1996), situação de contato entre goianos, acostumados, em geral, a uma comunicação mais verbal pode estar nas origens dos conflitos inter-regionais. Estranhamentos desse tipo vão obrigá-los a se depararem com novas formas de se enxergar o mundo. Expostos a uma espécie de *solidão coletiva*, já que nunca se está sozinho (HALBWACHS, 2004), mas se pode estar sozinho com todo mundo.

No sentido de evitar uma ruptura profunda na continuidade de suas durações, causadas pelo desrespeito aos valores que eles tinham como moralmente corretos, os goianos possuem estratégias. Para que suas memórias durem, dois movimentos de reprodução do passado tendem a ocorrer.

O primeiro deles seria a formação de grupos intercomunicáveis sob a tutela de uma comunidade de migrantes, prioritariamente de minoria identitária goiana, que vão permitir aos indivíduos fazer um retorno nostálgico-mitológico aos tempos paradisíacos de Goiânia. Os jovens de Goiânia, por sua tradição festiva que remonta à cultura sertaneja (o que não significa dizer que todos sejam extrovertidos, mas que os tímidos podem ser mais facilmente integrados), possuem o costume de se visitar, para conversar, assistir jogos de futebol e organizar churrascos nas repúblicas. O detalhe é que algumas das repúblicas tinham até nome, e uma delas mantinha a bandeira de Goiás pregada na porta, como forma de “marcar o território”. Mas parece que essas festividades não são muito bem aceitas em Brasília, já que, em certa medida, ela agride as liberdades individuais, sob o ponto de vista dos brasilienses. Vários grupos disseram que seus vizinhos reclamam do barulho. Um grupo falou que já chegaram a receber até avisos de despejo, com base na Lei do Silêncio de Brasília e lamentaram que esses problemas fizessem com que eles diminuíssem o *volume* (duplo sentido) das festas.

Os grupos de goianos, no entanto, podem englobar também vários migrantes de outros Estados, que compartilham um sofrimento comum, principalmente os “primos mineiros”, como os quais parecem ter também muitas afinidades culturais, apesar de o *status regional* ser diferenciado, principalmente, por

ser J.K de Diamantina (MG)³⁵. Mas encontrei até mesmo uma carioca na comunidade goiana, cujo Estado em muito influenciou as dinâmicas de Brasília, e que no contexto da classe média parece ter um esquema de amizades bem semelhante. Ela só foi perceber isso agora, quando estava do outro lado e precisava fazer amigos. Mesmo sendo um grupo funcional individualista (no meu caso composto por amigos da Escola de Música de Brasília, do Centro Cultural Renato Russo, da Pós-graduação em Antropologia da UnB, do prédio, e do Centro de Valorização da Vida, etc.), ele apresenta uma disposição de integração iniciática não muito permutável, de forma, que eu representava uma espécie de mediador social³⁶ dos mesmos. Por exemplo: se fosse comemorar meu aniversário em Brasília, dificilmente faria uma festa em um único dia, com todos os amigos funcionais ao mesmo tempo, pois cada um requer um comportamento grupal muito especializado. Isso pode ser bem compreendido a partir das observações de Velho (2003), quando versa sobre a “teoria dos papéis sociais” (p. 46), que, talvez, em Brasília se apresente de forma muito didática.

O segundo movimento de reprodução da nostalgia seria o retorno físico. Pois, apesar desses estudantes que moram juntos se tratarem como elementos da mesma “família”, tendem a sentir uma lacuna referente à falta dos pais, elemento estruturador de suas memórias, que os impingem retornar também fisicamente e se comunicarem com estes várias vezes durante a semana por telefone. Este retorno físico às origens geográficas e afetivas, em função de amigos e de namoros, principalmente, por parte dos homens, mantidos em Goiânia, que não é senão uma forma de reatualizarem um padrão de relações entre/de gênero familiar.

De uma maneira geral, são poucos os que conseguem incorporar as dinâmicas socioculturais, tanto homens como mulheres, já que isso implica abrir mão de continuidades estabilizantes. Percebe-se que tende a ser mais fácil, entre os que conseguem emprego em Brasília, para os que pretendem prosseguir em profissões que não terão oportunidades de emprego em Goiás e os que são de cidades do interior afastadas

³⁵ Interessante pensar que os diálogos interculturais entre os estados vizinhos, Minas e Goiás, remontam ao período da construção da cidade, principalmente por ter o ex-presidente J.K. escolhido Goiás duas vezes: para a construção da nova capital e para se lançar senador após a construção de Brasília (<http://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasil50anos/not04.asp>). Não deixa de ser esse fato, representativo do mesmo efeito citado, mas só que também entre Brasília e Goiás, uma espécie de endosso social da importância daquele empreendimento para a região, pelo menos, para maioria dos goianos não envolvidos diretamente com memórias e patrimônios da mesma.

³⁶ Mediador Cultural: “Esses indivíduos “radicais” e extremamente singularizados podem elaborar projetos que tenham como objetivo a facilitação (e também a intensificação, a aceleração, a instituição) das trocas e outros tipos de relações entre dois ou mais “mundos” que participam da heterogeneidade cultural das sociedades complexas (VIANNA, 2010, p. 42)”. “Esses *brokers*, mediadores, tornam-se especialistas na interação entre diferentes estilos de vida e visões de mundo. Embora na origem pertençam a um grupo, bairro ou região específica, desenvolvem o talento e a capacidade de intermediarem mundos diferentes” (ibid., 81). “(...) na Sociedade Moderno-Contemporânea os indivíduos transitam não entre dois sistemas mas entre *n* domínios e/ou níveis socioculturais. Por outro lado, quando se fala em ajustamento, sabemos que é altamente problemático pensarmos tendo apenas *um* sistema como referência, desde que, por definição, os indivíduos transitam entre mundos e esferas diferenciadas, cujas relações não só não são lineares como não são regulares, aproximando-se, em sua extrema complexidade, de modelos caóticos (ibid., p. 80)”. Para Velho, os agitadores culturais “desenvolvem a capacidade de lidar com dois ou mais códigos. Seu sucesso profissional e pessoal depende de seu desempenho como intermediários (ibid., p. 82)”.

de Brasília e, por isso, são obrigados a tentarem se acostumar com a cidade, uma alternativa não excluindo a outra. Uma das informantes a quem tive o cuidado de levar o texto da pesquisa para ela me dar um *feedback*, moradora da cidade de Rio Verde (GO), próxima a Jataí (GO), demonstrou alto grau de vínculos com a cidade por meio do seu namorado brasiliense, em função de que sua cidade era na divisa de Goiás com Minas.

Ellen Woortmann (2001), em sua pesquisa sobre os migrantes alemães, observa que a impossibilidade de voltar ao seu país de origem pode acionar, até mesmo, mecanismos limites que permitem apagar os fatos antigos da memória. Ao afirmar isso não queremos dizer que não se considera a intencionalidade do indivíduo, no sentido de que, mesmo influenciado e condicionado por inúmeros fatores, que dificultam ou facilitam sua adaptação, não há espaço para uma gama variada de escolhas que o permita direcionar seus esforços para esse ou aquele caminho. De toda forma, não é o caso aqui, já que as cidades em questão ficam a poucos quilômetros de distância.

Além da distância geográfica entre as cidades, a comunidade de goianos em Brasília funciona como estimulador para a ponte rodoviária Goiânia-Brasília que se verifica – em uma dessas idas e vindas que fiz para reconhecer o fenômeno de migração sazonal de goianos moradores de Brasília (co-moradores de Goiânia), conheci um antropólogo nativo que me permitiu o “*start*” *inicial* para perceber que se quisesse vivenciar de fato a alteridade antropológica, teria que plantar raízes na modernidade de Brasília.

Como muitos voltam para a cidade de origem, cria-se um sistema de caronas sofisticado quanto às relações sociais da comunidade, onde um indivíduo conhece praticamente todos os outros: “Ofereço carona para Goiânia. (61) 84188494” era o anúncio no mural da UnB, em que não havia a menor preocupação em ter que compartilhar algumas horas conversando durante a viagem com uma pessoa que, até então, poderia ser desconhecida³⁷. Ao agir assim, novamente, eles conseguem imobilizar o tempo, em que as pessoas estão sempre prontas para dizer “Bom dia! Como vai?”. Cabe a ressalva de que, em ocasiões próximas às provas ou para colocar o estudo em dia, os goianos preferem ficar em Brasília. Na fala de vários informantes percebi haver a percepção explícita de que, se fossem para Goiânia nessas ocasiões, não conseguiriam o rendimento ideal nas notas na UnB. Sobretudo em relação aos estudantes de Engenharia Mecatrônica (Mecânica e Eletrônica), curso considerado exigente, onde os estudantes de Goiás apareciam em grande número (dados de 2005).

A própria cidade de Goiânia é um meio de recordar lembranças, do mesmo jeito que a arquitetura do Plano Piloto, onde moram, pelo menos corporalmente, está ligado ao que muitos brasilienses são e muitos goianos temem se tornar. Um informante veterano disse que ao conhecer a cidade, pensou: “Eu não quero gostar de Brasília”. Mas não há como se fechar totalmente por muito tempo para as dinâmicas

³⁷Eu liguei para o rapaz do cartaz e quase cheguei a ir para Goiânia com ele, não indo por causa de choque de horários.

socioculturais locais, já que até mesmo suas alamedas reforçam esses traços o tempo todo. Assim, em alguma medida, os goianos podem consolidar valores modernos em suas personalidades. Essa possibilidade, em geral, não é forte o suficiente para romper com tradições coletivistas – importância da família e dos amigos. Mas, em muitos casos, deixam de ser como eram antes, os goianos de Goiânia passam a ser os goianos de Brasília em um processo visível de ressignificação da goianidade fora de Goiânia e Goiás, assim como nos mostra Halbwachs (2004) em relação a memória coletiva dos migrantes e que, muitas vezes, podem atrapalhar o alcance dos objetivos pessoais. Como no caso dos migrantes japoneses em Brasília, em que “perderam-se hábitos, mas não o *habitus*” (WOORTMANN, 1995, p. 14).

Há, no entanto, alguns goianos que vislumbram a proposta da cidade e não pensam em voltar. Mas a maioria sente dificuldade de se integrar aos novos grupos sociais que valorizam o “estar só”. Em parte, isso explica porque grande parte não gosta de Brasília e até dizem odiá-la. É importante ressaltar que a diferença entre um goiano que fica apenas poucos meses em Brasília antes de abandonar o curso e outros que se tornam “goiano pero no mucho”. Existem distintos graus de adaptação, passando evidentemente por aquele que consegue ter duplo pertencimento e se relacionar como goianos entre goianos e como brasilienses com brasilienses, assim como nos casos de dupla identidade mostrado por Lins Ribeiro (2000). Esta pesquisa aborda o caso dos brasileiros que migraram a cidade de São Francisco, nos Estados Unidos, que empreendem (e sofrem) um processo de homogeneização cultural reducionista, que esvazia as diferenças culturais para ser inserirem na cultura americana, ao mesmo tempo em que aguçam características nacionais clichês como temas ligados ao carnaval, por exemplo.

Mas há que se pensar o seguinte: apesar do discurso da valorização das liberdades individuais (respeito à diversidade), em relação à minoria identitária goiana nos cursos da UnB, nem sempre ela se verifica. Padrões de referências relacionalmente mais modernas são baseados em valores que se confrontam com os mais tradicionais. Assim, os goianos colocam em risco a continuidade das durações brasilienses pautadas por valores como mudança e o crescimento individual, por fazerem recordar aos brasilienses elementos da “memória subterrânea” que se conservam implícitos³⁸. Afinal, Brasília também é em Goiânia.

Os jovens goianos, particularmente, os que faziam Mecatrônica³⁹ na UNB, diziam ser a maioria no curso. A condição de maioria era enfatizada, como que uma espécie de contraposição à situação inversa que experimentavam fora desse contexto.

As diferenças intermunicipais sempre emergem por meio de apelidos jocosos, isto extrapola a relação Brasília-Goiânia, já que há pessoas do interior de Goiás, cujos apelidos são os nomes de suas

³⁸POLLAK, M. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: Estudos Históricos, nº 3. São Paulo, Vértice, 1989, p. 4.

³⁹Junção de fundamentos de Mecânica com Eletrônica: curso que atende a demanda crescente pelo processo de robotização da indústria, sobretudo, em montadoras de veículos.

idades. O mesmo goiano que é vítima de preconceito fora do curso, é o que ridiculariza algum colega por este falar “r” mais puxado do que as pessoas da capital. Talvez, porque há condições de ele se desgrudar, assim, um pouco do estigma caipiresco com que os goianos, como um todo, tendem a ser retratados pelos brasileiros⁴⁰. Evitado o principal foco de tensão, que é o tradicional *versus* moderno, e invertida a identidade (de minoria passa à maioria), tem-se instauradas melhores condições para amizades entre brasileiros e goianienses.

Outrossim, partimos do pressuposto de que o processo de construção de identidades ocorre contrastivamente (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976). Na contemporaneidade tais dinâmicas se complexificam. *Pari passu* a muitos jovens de Goiânia terem ainda muitos vínculos de lealdade com as origens interioranas (se for o caso de terem esse *backgorund* predominante em Goiás), podem também fazer uma imersão no chamado mundo globalizado através, por exemplo, pelo acesso e uso de tecnologias, como a internet, que, a princípio, desterritorializa as relações (mas, também podem reterritorializar)⁴¹.

Há maior diversidade cultural e protagonismo pessoal no curso de Relações Internacionais, em que a UnB recebe alunos com origens e trajetórias diferentes (inclusive, filhos de embaixadores de outros países que não necessitam fazer vestibular). Há uma diferença para o de Mecatrônica, no qual os estudantes goianos são percebidos como maioria (referente à 2005), pois que, talvez aqui, sem serem hegemônicos, os estudantes goianos desse curso possam usufruir de ambiente mais propício para o contato com pessoas de outros estados e nações, o que diluí os estigmas e bairrismo regionais.

É interessante notar que, em cada curso, haverá uma composição diferente de tipos de pessoas e origens que poderá influenciar nesse processo, como se diferentes cidades surgissem dentro de uma mesma cidade. Mas mesmo assim, o fato de alguém estar no curso de Relações Internacionais não significa que irá perceber uma Brasília de forma diferente do que a maioria dos goianos. Tudo vai depender dos interesses, histórias, vontades (metafísicas ou não) e momentos de vida de cada um.

Entrevistei ao mesmo tempo duas meninas do curso em um dos momentos mais emocionantes da pesquisa. Nela pude perceber bem o contraste de possibilidades e visões de uma realidade comum. Uma das meninas terminara o curso seis meses mais cedo para poder voltar para casa e estava de malas prontas

⁴⁰Luis Roberto Cardoso de Oliveira analisa a noção de insulto a partir da dicotomia consideração/desconsideração. De acordo com o autor: “Tal categoria remete a um tipo de atitude importante na definição das interações sociais e articula-se com pelo menos três tradições de reflexão sobre o tema, as quais têm marcado o desenvolvimento do meu trabalho: (a) discussão em torno da noção hegeliana de *Anerkennung* (reconhecimento) e da sua ausência expressa na ideia de *Mißachtung* (desrespeito, desatenção), retomada contemporaneamente nos trabalhos de Taylor (1994) e Honneth (1996); (b) debate francês sobre *considération* (e seu posto, *déconsidération*), que remonta a Rousseau e que alguns desdobramentos recentes diretamente relacionados com meu foco de interesse foram reunidos numa publicação de Haroche e Vatin (1998), em que o tratamento relativo à consideração é definido como um direito humano; e, (c) discussões associadas à noção maussiana de dádiva ou reciprocidade” (2008, p.1)

⁴¹ De acordo com Haesbaert (2008, 20) “mais do que a perda ou o desaparecimento dos territórios, propomos discutir a complexidade dos processos de (re)territorialização em que estamos envolvidos, construindo territórios muito mais múltiplos ou, de forma mais adequada, tornando muito mais complexa nossa multiterritorialidade”.

para a viagem, enquanto a outra, apesar do tom saudosista, dizia que sabia que jamais voltaria para sua cidade.

A estigmatização dos goianos como “provincianos”, “acomodados” e “sertanejos” revela uma dificuldade dos brasilienses relativizar suas próprias dinâmicas socioculturais – que privilegiam o progresso individual e diminuem a necessidade dos momentos destinados às interações sociais⁴². No ambiente da UnB que é onde essas tendências das dinâmicas socioculturais de Brasília se mostram bem explícitas, podemos observar que no Restaurante Universitário (R.U.) muitas pessoas comem sozinhas e, muitas vezes, não trocam mais que olhares durante uma garfada e outra. Na biblioteca central da UnB, é alto o fluxo de pessoas que costumam estudar nos fins de semana – inclusive, concurseiros e vestibulandos. Nos gramados do campus não é difícil descobrir pessoas atrás de árvores em estado contemplativo, (para o caso específico dos brasilienses, como afirma Laraia, (1996), estes são místicos.

A diversidade em Brasília permite um contato maior com diferentes visões de mundo e “pode possibilitar” uma maior relativização das diferenças. O preconceito social existe e está ligado ao projeto elitista do Plano Piloto, que segregou os espaços através das Cidades-Satélites e revelou “sua verdadeira vocação de paraíso da classe média” (LINS RIBEIRO, 1999, p. 84). A arquitetura da cidade, mais uma vez, pode servir de elemento da memória para lembrar que cada grupo social tem que *estar em seu devido lugar*. Essa falta de mistura social, segundo alguns informantes, está na base do individualismo e elitismo dos brasilienses⁴³.

⁴² Além de reduzidos, esses momentos são marcados por um eixo instrumental, e são constituídos, principalmente, por afinidades e interesses de diversas ordens (econômico, inclusive). Há pouco espaço para encontros casuais e novas amizades. Mesmo entre amigos, as pessoas não têm muita liberdade de se visitarem sem avisar, como ocorre em Goiânia. Há uma tendência de agendamento dos encontros, já que o espaço do outro deve ser respeitado. Um exemplo interessante é que um morador estabelecido em Brasília, não quis me passar o telefone de outros amigos seus para que eu pusesse fazer a pesquisa com eles. Entre os goianos, como as liberdades individuais são menores, vários dos entrevistados me passavam telefones e endereços até de colegas. Esse mesmo rapaz, assim como outro entrevistado, de origem mineira, mas criado em Brasília, fizeram questão de salientar que eles só me deram entrevista por causa da educação que evidenciei que eles acreditam ter sido um pouco diferente da maioria dos outros brasilienses. Vale dizer que eu abordei pessoas estranhas na rua, como uma forma de testar a receptividade. Evidentemente que ao longo da entrevista eles percebiam o caráter da pesquisa e, por isso, podiam assim se posicionar como diferentes dos outros brasilienses que supostamente agiriam de forma hostil, em um discurso mais ou menos para o pesquisador ouvir. Acredito que a origem das famílias em muito possa dizer sobre as personalidades serem mais flexíveis em relação às práticas casuísticas, mas também não entendo que os outros brasilienses, até mesmo, filhos de brasilienses, não teriam perfeitamente concedido o relato nesses moldes que operacionalizei. Por trás dessa receptividade desses dois brasilienses pude perceber que havia uma seriedade nas respostas, que envolvia entre outras coisas, uma vanglorização por serem párticipes de uma pesquisa científica, característica que não percebi entre os goianos, devido à alta dose de informalidade da mesma, em que, às vezes, mais se assemelhava a uma conversa corriqueira. Isso implicou, no entanto, principalmente, em entrevistas coletivas, em situações estranhas à primeira vista, em que, entrevistados saíam da sala e voltavam, como se eu fosse de fato uma visita, “já de casa”, mas que são tão ou mais reveladoras de suas práticas sociais quanto o que estava sendo dito.

⁴³ Há que se considerar que esse valor de desenvolvimento progressivo é reiterado pelo grupo através da própria cidade, que como espaço físico, também se conserva imutável. Isso nos mostra que mesmo a incorporação de valores modernos dificilmente se dá sem o auxílio de estruturas coletivas idênticas às dos valores tradicionais. A diferença é que isso vai de encontro ao ideal moderno de desapego e desenraizamento. Se, para ser moderno, é preciso se lembrar do que é ser moderno, então, ser moderno não é ser tão moderno assim. É necessário relativizar isso, já que as cidades também estão em constante transformação, mesmo as que passam por processo de tombamento. Talvez isto tenha relação com o território, o espaço físico, que também pode ser alterado, mesmo sendo mais difícil.

De acordo com Berman,

“ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos (1996, p.15)”.

Os padrões de referências goianos que perpassam suas dinâmicas socioculturais, talvez mostrem aquilo que os olhos dos brasilienses, aparentemente sensíveis às diferenças, não querem enxergar. Não estigmatizar os indivíduos mais tradicionais pode fazer recordar as formas de se conceber a vida, que não sejam tão focadas na mudança e no indivíduo, que muitos brasilienses pretendem se desligar. Os goianos, em geral, representam simbolicamente a ameaça da aventura da modernidade de muitos brasilienses. Apesar de, no plano do discurso, eles relacionaremos brasilienses ao que se pode ganhar por viver em uma sociedade mutante.

Pelo menos uma vez por ano isso acontece com os brasilienses, que sob o pano de fundo estereotipado das festas juninas, entram em contato explicitamente com valores tradicionais (JESUS, 1998). Mesmo se esforçando por esquecê-los ao valorizar cada vez mais a sociedade da mudança, que tem a mudança como valor imutável, também sentem necessidade de experiências que remontem às suas necessidades de continuidades que valorizem a permanência. Segundo Jesus (1998), o deboche seria uma maneira de disfarçar esse sentimento.

A pesquisa evidenciou que, por meio de um “esforço comunicativo especial” (BARTH, 2000, 138), há possibilidade de relativizações nas relações interidentitárias entre goianos e brasilienses. Encontrei essa situação lindamente expressa na amizade entre um grupo de goianos, ligados ao curso de Mecatrônica, e um brasiliense que não era do mesmo curso. Ao mesmo tempo em que este reconhecia as qualidades amistosas dos goianos e criticava o lado perverso de muitas relações em Brasília, seus amigos goianos reconheciam neste uma voracidade por informação e conhecimento, mesmo que sarcasticamente, que é uma forma de limitar diferente, mas também de reconhecê-lo. Como Geertz afirma, “em Bali, ser caçado é ser aceito” (1989, p. 187). Este brasiliense, por sua vez, parecia um pouco incomodado com a ideia de se expor, já que era bastante reservado, mas após ter tomado duas doses da cachaça goiana, que seus amigos ofereceram, ele tomou coragem e resolveu compartilhar suas experiências sobre goianos e brasilienses, quem em muito ajudaram a ilustrar como é possível provar da boa e velha cachaça goiana e repetir a dose. Enfatizo o fato de ele ter se despertado para os ritmos goianos do que o contrário, porque nas condições mundiais e brasilienses atuais, isso parece ser bem mais raro. Mas que Brasília tem muito a oferecer para

os goianos, não se pode discutir. Se não, por que outro motivo os goianos deixariam sua terra tão idolatrada – minha, pois se me dediquei tanto a discutir goianidade em contextos de modernidade ao longo desse trabalho é porque, mesmo que tenha me afastado da cidade, ainda persisto com as mesmas dificuldades de adaptação de todos aqueles goianos que fizeram Brasília (seja como entusiasta, construtor, morador ou estudante), mas com a missão de amar à distância e fazer da saudade meu objeto de estudo.

CAPÍTULO III: A CENTRALIDADE DE BRASÍLIA: RESSONÂNCIAS E IMPACTOS LOCAIS

A transferência da Capital Federal para o Centro-Oeste brasileiro foi baseada no discurso desenvolvimentista e modernizante. Vale lembrar que a região que recebeu o atual Distrito Federal era considerada sob uma óptica “economicentrista”, que a concebia como atrasada cultural e economicamente. Essa retórica norteou o tom do processo de ocupação, em que a cultura nativa sofreu perdas consideráveis em prol de um suposto progresso nacional⁴⁴.

As diferenças existentes entre as duas cidades, se entendidas como tipos sociológicos opostos, tradicional e moderno, podem acarretar uma leitura superficial. Reconheço, no entanto, que a atratividade exercida pelo novo, pelo diferente, pela alteridade, temas que por um esforço comparativo inicial associei à Brasília, dificultou o reconhecimento dos indícios de modernidade também presentes em Goiás, desde sua construção. Além disso, dado importante a ser considerado é o fato de que sou goiano e fui estudante da UNB, como explicitarei na introdução.

Foi necessário o afastamento dessas duas cidades para que fosse possível um “estranhamento” em relação ao material coletado e, porque não dizer, de minhas próprias percepções sobre elas, já que fui “nativo” em ambas. Além disso, como avalia Favret-Saada:

“As operações de conhecimento acham-se estendidas no tempo e separadas umas das outras: no momento em que somos mais afetados, não podemos narrar a experiência; no momento em que a narramos não podemos compreendê-la. O tempo da análise virá mais tarde (2005, 160)”.

Tais obstáculos foram por mim superados com o tempo e com o deslocamento para o Rio de Janeiro, local em que pude perceber que o imaginário social do interior do Brasil (principalmente o Cerrado) é mais ou menos o mesmo: configura-se como lugar de atraso comportamental e cultural. O interessante é que mesmo Brasília muitas vezes é percebida desta maneira, embora seja uma capital indiscutivelmente moderna. Posta em contraposição ao Rio de Janeiro, assume características mais parecidas com cidades interioranas ou provincianas. Talvez, neste caso, tal antagonismo seja decorrente da tensão existente pela substituição da capital federal, ou certa rivalidade, ainda presente no imaginário das

⁴⁴ Apesar disso, os nativos goianos, diferentemente dos incontestes paranaenses e catarinenses na região do Contestado durante o governo de Hermes da Fonseca, na ocasião da construção de ferrovia americana na região, não apresentaram resistência oficial ao projeto desenvolvimentista, até porque os proprietários das terras seriam indenizados. O que não aconteceu no Contestado já que os revoltosos não tinham a propriedade legítima das mesmas, o que os obrigou a se aglomerarem em redutos para dificultar a desapropriação das terras por parte do capital internacional (vide o filme “O Contestado – Restos Mortais: revelação de uma guerra insepulta” (2010), de Sérgio Back).

duas cidades.

III.1 – Centralidade e desenvolvimento regional: as ressonâncias da Capital Federal

As ressonâncias da experiência da construção de Brasília, concebida como símbolo do desenvolvimento e modernidade, gerou impactos sociais, culturais e econômicos importantes para a região do Cerrado, particularmente no que tange ao Estado de Goiás, que comporta Goiânia e Brasília, numa distância de 200 Km, como já acentuado.

O Plano Piloto apresenta um dos maiores PIB's brasileiros e é composto por moradores com altos salários e poder aquisitivo, proveniente, na maioria das vezes, da máquina pública. Esse cenário contribuiu para a consolidação de um bolsão primeiro mundista de luxo com obras de grande porte e controle urbanístico acentuado, bem como eventos culturais e cursos artísticos gratuitos.

Em termos econômicos, o Estado liga-se ao *agribusiness*, que será abordado mais adiante. No entanto, a indústria ganhou espaço: por exemplo, a cidade de Anápolis (aproximadamente equidistante de Goiânia e Brasília), na qual se localiza uma das bases áreas da Aeronáutica, desenvolveu um dos maiores parques farmoquímicos do país (Pólo Farmoquímico de Anápolis) com empresas do gabarito da Teuto e a Neoquímica, que se tornaram referência na produção de remédios genéricos no Brasil.

A construção de Brasília impulsionou o crescimento de setores vinculados à construção civil.⁴⁵ Porém, bem antes da nova capital ficar pronta, cidades como Anápolis (GO) e Goiânia (GO) já haviam se tornado pontos estratégicos de abastecimento no processo de construção da cidade:

“Anápolis vivia um ciclo diferente de sua economia. Grande centro de produção de arroz deixara de limitar suas plantações por temor da falta de mercado. Em face da nova realidade, já não faltavam compradores para o que seus campos produzissem. Máquinas de beneficiamento de cereais sucediam-se, formando ruas, e a porta de cada uma delas, viam-se caminhões que chegavam, recebiam a mercadoria e arrancavam para atender aos comerciantes, com estoques sempre baixos. Um pouco mais ao norte, convertera-se num entreposto de gêneros e de material de construção que servia a uma área cujos limites semanalmente eram ampliados (KUBITSCHECK, 1975, p. 143-4)”.

⁴⁵No mercado de construção civil brasileira a Incorporadora Encol, originalmente de Goiânia, foi uma das maiores empreiteiras do Brasil, mas foi à falência em 1999. A falência da construtora gerou um escândalo nacional, com a não entrega de prédios residenciais, “deixando na mão 42 mil famílias que compraram seus imóveis”, de acordo com reportagem da Revista Isto É (disponível em [tp://www.istoe.com.br/reportagens/32318_A+MALA+DA+ENCOL](http://www.istoe.com.br/reportagens/32318_A+MALA+DA+ENCOL), acesso em 24.11.2012)

Há que se considerar que Anápolis e várias localidades no Distrito Federal se tornaram também áreas estratégicas de inteligência e treinamento militar, o que também se constitui em avanços urbanísticos e informacionais. A ocupação desse espaço do sertão do cerrado goiano, ao longo do tempo, levou em consideração a demanda histórica de proteger militarmente a nova Capital Federal. Neste sentido, a localização de Brasília é operante, por dificultar possíveis ofensivas bélicas. Um documento elaborado pelo IBGE menciona o caráter histórico da transferência da capital para o interior do país, presente desde a época do Império⁴⁶, que evidencia dois pontos centrais: resguardar o poder, diante de uma ameaça de invasão, mas também para desenvolver as outras regiões.

A centralidade de Brasília, além do intuito de permitir maior integração nacional, aponta para a metáfora da perspectiva do modelo panóptico *benthaniano* de dispositivo disciplinar⁴⁷, no sentido de maior controle militar das fronteiras brasileiras. É interessante estabelecer uma comparação: a torre de TV em Brasília, em especial, seria a metáfora da metáfora da centralidade, já que está situada quase no meio da perpendicular do Eixo Monumental e Rodoviário (as duas retas principais da coordenada cartesiana do Plano Piloto). Por esse motivo permite uma visão de longo alcance sobre os horizontes da cidade e do cerrado goiano, que aqui no caso representa metaforicamente a “visibilidade axial” (FOUCAULT, 1997, p. 190), que se pretende em relação ao Brasil inteiro.

Alguns avanços atribuídos à Capital Federal podem ser observados em cidades do interior de Goiás: 1) a construção e o asfaltamento de várias estradas (GO's e BR's), que propiciaram a integração regional entre as cidades goianas; 2) o maior fluxo de circulação de pessoas e mercadorias no Estado. Exemplo disto são as cidades de Caldas Novas e Rio Quente, atualmente o maior balneário hidrotermal do mundo, com um fluxo de pessoas e de investimentos acentuados, com a construção de clubes de águas quentes, como os do SESI e do SENAI. Destaca-se o *resort* privado Pousada do Rio Quente, opção

⁴⁶ O documento diz que: “A transferência da Capital, do litoral para o interior do Brasil, está presente praticamente desde o início da colonização, não só para resguardar o poder de uma invasão, como para levar o desenvolvimento a outras regiões do país. É atribuída ao Marquês de Pombal a ideia mais antiga que se conhece de transferir a Capital do Brasil para o interior, mas não como sede do governo da colônia e sim do próprio reino de Portugal (...). A ideia foi tomando vulto, até que em 1823 José Bonifácio encaminhou a Assembleia Constituinte do Império do Brasil a ‘Memória sobre a necessidade de edificar no Brasil uma nova capital’, sugerindo para sede a comarca de Paracatu em Minas Gerais, com os nomes Petrópolis ou Brasília. O Visconde de Porto Seguro foi outro personagem nacional a aderir à causa, fazendo vários manifestos a respeito. Inicialmente, ele preferia São João Del Rei, depois, considerou o Planalto Central mais importante” (IBGE, s/d, Documento s/d. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/brasil/brasil.pdf>. Acesso em 24.11.2012). Documento s/d. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/brasil/brasil.pdf>. Acesso em 24.11.2012

⁴⁷ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Vozes: Petrópolis, 1997. Essa metáfora de maior controle nacional por parte do Poder a partir da centralidade de Brasília também tem como variante o discurso sobre a baixa densidade e descontinuidade física das áreas urbanas no Distrito Federal, que teria empobrecido o poder sinérgico das massas em uma possível reação ao golpe militar de 64. Isso tem fundamento em relação à análise que Foucault faz sobre a transição das instituições disciplinares para modelos de controle microfísico disciplinar panóptico: “A multidão massa compacta, local de múltiplas trocas, individualidades que se fundem, efeito coletivo, é abolida em proveito de uma coleção de individualidades separadas. Do ponto de vista do guardião, é substituída por uma multidão enumerável e controlável; do ponto de vista dos detentos, por uma solidão sequestrada e olhada (ibid., p. 190-191)”.

recorrente em pacotes turísticos, organizados por agências de turismo de todo o Brasil⁴⁸.

No interior, a cidade de Jataí, na qual J.K. foi lembrado em comício sobre a causa da mudança da capital para o interior do Brasil (Centro-Oeste), se tornou uma referência política expressiva no Estado, tendo eleito um governador nascido na cidade chamado Maguito Vilela. A cidade de Jaraguá se tornou referência nacional em matéria de “genéricos” também, a exemplo de Anápolis, só que na produção têxtil de roupas sem etiqueta própria, vendidas por atacado, para revenda em lojas varejistas de todo o país, agora com suas respectivas etiquetas. Algumas cidades mais próximas de Brasília, como Alto Paraíso e Pirenópolis, fincadas sobre regiões tidas como energeticamente favoráveis, por questões minerais e latitudinais se tornaram santuários espirituais de exotéricos, holísticos e místicos de todo o Brasil e de Brasília.

III.1.a - Repercussões na Goiânia contemporânea: dança, música e turismo

Em relação à capital do Estado, Goiânia, tem havido crescimento no âmbito cultural (no sentido de eventos e produção cultural de determinadas áreas). A dança e a música alternativa possuem lugar de destaque neste cenário. Houve o surgimento quase sincrônico do Quasar Companhia de Dança⁴⁹, meses após o EnDança (coletivo de pesquisadores de dança contemporânea menos academicista da UnB), ambos tendo se tornado marcos complementares para a consolidação de uma fase mais original na história dessa modalidade de arte no Brasil. O primeiro, nos anos 80 e 90 e o segundo, nos anos 90 e 00.

O turismo de eventos e de negócios é outro exemplo de investimento em atividades distintas das mais tradicionais da região, como aquelas ligadas à agropecuária. A proximidade em relação à Brasília é um fator importante para tal crescimento. Novos contornos desse perfil turístico local ganham força com investimentos prometidos pelo governo federal, anunciados no início de 2012:

“A capital foi contemplada por possuir um dos maiores acervos arquitetônicos do Brasil e do mundo em *Art Déco*, parques, além do turismo

⁴⁸Esse empreendimento rivaliza, em termos de tamanho e investimento no turismo, com parques como Beto Carrero World (SC), Hopi Hari (SP) e Beach Park (CE), que colaborou também para aquecer o mercado imobiliário da região, que colocou Goiás na rota do turismo internacional, inclusive.

⁴⁹No dia 19/07/2012, conforme o catálogo do evento “X-Tudo Cultural” do SESI/RJ, o diretor de todos os espetáculos do Quasar, o goiano Henrique Rodovalho, foi coreógrafo orientador de 4 dançarinos criadores no espetáculo intitulado “Novos Talentos: residência com Henrique Rodovalho”. O artista, em questão, a partir do trabalho com o seu grupo em Goiás, já foi convidado por vários grupos brasileiros e internacionais para ser coreógrafo, dentre deles: Cidade de São Paulo, Balé de Teatro Guaíra, Cia. de Dança Masculina, Discípulos do Ritmo, Cia de Dança Roda Viva, Rui Moreira, Flávia Tápia, Cia de Dança de Minas Gerais, o extinto Ballet Del Spacio e o Neederlands Dans Theather II, além de projetos com companhias internacionais como Dançando com a Diferença na Ilha da Madeira, e Portugal e a Phoenix Dance Theatre em Leeds, Inglaterra.

de negócios e a gastronomia. A proximidade com Brasília também foi levada em consideração (<http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/01/goiania-recebera-investimentos-para-atrair-turistas-durante-copa-do-mundo.html>, acesso em 26.11.2012)”.

Nota-se que não se deve reduzir a análise a partir apenas do investimento no turismo apenas aos “negócios”. A cidade apresenta atributos reconhecidos, como seu conjunto arquitetônico *Art Déco*, datado dos anos 1940 e 1950, patrimônio tombado pelo IPHAN, conforme visto no primeiro capítulo. Tais características dão base ao estatuto de “lugar turístico”, capaz de receber fluxos intensos de visitantes.

III.2 O espaço polifônico da UNB e os impactos nos jovens goianos

Na Asa Norte do Plano Piloto, na UnB, em meio à paisagem de descampados e clarões compostos por árvores do Cerrado, ocorrem pesquisas de ponta nas áreas artísticas, científicas, tecnológicas e holísticas. Ali circularam meus informantes, provenientes de Goiânia.

O fato de o *campus* da UnB estar localizado integralmente dentro da cidade, na Asa Norte, talvez explique esse vertiginoso crescimento tecno-industrial da região. Uma espécie de epicentro do qual reverberam catalisações e bolsões de crescimento no Estado de Goiás, como um todo. Um exemplo disso é o curso de Engenharia Mecatrônica, oferecido pela UnB, aberto em 1997, que permitiu formar mão-de-obra qualificada para as montadoras de veículos e aviação, que tiveram neste atrativo, entre outros, um diferencial competitivo para trazer o investimento para Goiás nas décadas de 90.

No âmbito cultural, a presença da UnB na cidade permite a sedimentação de um epicentro de excelência intelectual de nível internacional⁵⁰, bem como possibilita trocas interdisciplinares, até porque todos os cursos estão no mesmo *campus*, que está localizado no centro da cidade, bem como compartilhamentos (e conflitos) entre jovens (em sua maioria) provenientes de diferentes lugares.

Essa diversidade polifônica (cf. CANEVACCI, 2004) parece ter um sentido fundante para a cidade, e o mesmo pode ser dito em relação à UnB (cujo nome do *campus* é o do antropólogo, brasileiro, educador e ex-senador Darcy Ribeiro, um dos responsáveis pelo projeto da Universidade de Brasília), que surge, ao mesmo tempo, em que Brasília se consolida como a nova capital:

⁵⁰ Informação postada Quinta-feira, 26 de Julho de 2012 “UnB bate recorde de publicações online”. (http://www.unbciencia.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=426:unb-bate-recorde-de-publicacoes-online&catid=56:politica-cientifica)”

“O momento fundador da UnB – 1959 a 1962 – ficou na memória de intelectuais brasileiros recrutados do país inteiro: uma nova universidade, um projeto aberto, grande espaço para pesquisa, ensino e invenções científicas (BOTELHO; SCHWARCZ, 2009, p. 344)”.

Esse “espaço aberto” característico do projeto universitário reuniu docentes de todos os lugares do país e do exterior, assim como passou a ser um centro de convergência de estudantes, em busca de qualificação. Nesse espaço polifônico há lugar tanto para um curso de Engenharia Mecatrônica, pautado na matemática, quanto para manifestações que, a princípio, estariam distantes da racionalidade academicista. Aqui emerge um dado interessante: a realização de eventos místicos e holísticos na universidade. Segundo Laraia (1996), os brasilienses são místicos⁵¹. Essa percepção antropológica pode ser corroborada, inclusive, pela “pré-pré-história” de Brasília. Lembro aqui que ao utilizar o termo “pré-pré-história”, ao contrário do que este pode sugerir, busco me referir ao caráter continuado e microfísico da história, no caso, de Brasília. Sabemos que alguns termos-autores se eternizaram em uma sacralidade semântica intocável, em função de um consenso apriorístico, que dificulta um debate franco multissonante⁵².

Os mitos de origem da cidade, idealizada inicialmente a partir da visão onírica de Dom Bosco a respeito da nação promissora que se erigiria exatamente no paralelo, onde Brasília está latitudinalmente localizada (SILVA, 1997), como vimos anteriormente, podem exemplificar a relação – e continuidade – da cidade com a mística. Não cabe aqui aprofundá-la. No entanto, o caráter polifônico inclui esta dimensão. Não foi à toa que alguns eventos realizados no contexto da UNB geraram repercussão social e, também, na pesquisa.

Observei a realização de seminários, palestras e projetos emblemáticos, que possibilitam

⁵¹ Vide também: <http://www.scribd.com/doc/76427159/4/Capitulo-I>.

⁵² A respeito do caráter transitório da História e da dessacralização de termos clássicos, Márcio Goldman comenta: “(...) só faz sentido empregar o prefixo “pós” quando ele é sinônimo de “pré”. Ou seja, só vale a pena falar em “pós-social” quando já se está pensando em algo ainda por vir, mas que não sabemos e não podemos saber o que é. Este ponto é crucial porque só assim podemos nos livrar dos fantasmas evolucionistas que espreitam expressões como essas: apostamos em um futuro, mas não sabemos e não podemos saber que futuro é esse (...). O primeiro passo na direção desse futuro que não podemos saber qual é consiste em esboçar linguagens conceituais alternativas, capazes de substituir noções tidas por adquiridas. Por quê? Porque já faz algum tempo que noções como sociedade, identidade e história (entre outras) começaram a se assemelhar a esses remédios que perderam seu prazo de validade (LATOUR, 2005: 160) e que, em um primeiro momento, se tornam inócuos para, mais tarde, passarem a produzir efeitos essencialmente negativos (...). Claro que a elaboração de linguagens alternativas nunca foi coisa fácil, nem consensual — e nem haveria porque sê-lo. (...) A criação ou ativação de novas ideias e conceitos pode ser efetuada por meio de um procedimento que eu denominaria “arrebatoamento” (ideias, conceitos, ou mesmo teorias, podem ser desterritorializados de seu solo original e enxertados em novos contextos, onde se articularão com distintos problemas, levantarão novas questões e apontarão outras respostas) ou por “confrontação” (quando buscamos opor a ideias, conceitos e teorias bem consagrados, a outras formas de pensar). Nesse último caso, o efeito de desterritorialização é obtido pela desestruturação de um território aparentemente seguro e bem protegido (<http://n-a-u.org/pontourbe03/Goldman.html>)”.

exemplificar o panorama multifacetado que os jovens estudantes (marcadamente os goianos, aqui estudados) encontram ao entrarem na UNB. Foram observados dois momentos: 1) I Seminário Nacional de Astrologia, que ocorreu no Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares; e 2) As palestras: “Reconhecendo as Bionergias” e “Aspectos Cosmoéticos Energéticos Espirituais em Saúde (<http://vsites.unb.br/ceam/webceam/docs/relatorioanual2005.pdf>)”. Outros acontecimentos importantes ligados à realização de projetos de pesquisa no Núcleo de Estudos de Fenômenos Paranormais: “Criação de Software de Astrologia para Cálculo de Mapas Natais” e “Pesquisa Astrológica na Relação de Dados Astronômicos com dados astrológicos”. A atuação desse núcleo de pesquisa está longe de ser um consenso na UNB. Em 2010 houve uma séria controvérsia acerca de sua legitimidade, principalmente deflagrada pelos físicos (docentes da universidade), que pediram a extinção das atividades do NEFP junto ao Conselho Universitário⁵³. Tais exemplos evidenciam o caráter polifônico da universidade. Vale ressaltar que a isto se soma a própria formação de Brasília, constituída por migrantes das mais variadas origens, assim como ocorre também na UNB. Esse encontro produz complexas relações sociais. O impacto é sentido nas trajetórias de jovens goianos, que se deslocam para Brasília para estudar na universidade.

O chamado encontro com a alteridade, em relação ao caso aqui abordado, ocorre nesses termos: experimentam dinâmicas socioculturais distintas das que predominam em Goiás, calcadas em valores tradicionais, menos receptivos à polifonia. Nesse processo de estranhamento pela via da alteridade valores e comportamentos são transformados, embora sejam mantidas as bases identitárias. Esta dinâmica acontece entre os estudantes goianos pesquisados. Estes retornavam todos os finais de semana, em direção à casa dos pais em Goiânia. Esse constante caminho de volta permitia a manutenção dos vínculos afetivos (e identitários), que a experiência na moderna Brasília e na UNB poderia afetar. Assim, retorno seria uma forma de resistência. Mas a sensação é de se estar sempre no meio do caminho, como aponta Simmel, (2005, 265) aquele “que vem hoje e amanhã pode permanecer – porque era possível se mover e, embora não siga adiante, ainda não superou completamente o movimento do ir e vir”.

Apesar de as obras arquitetônicas (assinadas pelo arquiteto comunista Oscar Niemayer) serem associadas à topografia sinuosa da cidade do Rio de Janeiro e a do corpo da mulher carioca (ou seria aos OVNI's?), a padronização relativa dos prédios residenciais e comerciais do Plano Piloto poderia nos remeter à imagem de um conjunto habitacional soviético. Porém, apesar de toda essa roupagem influenciada por ideologias modernas (comunistas como consumistas, afinal o plano cartesiano em alto-relevo do Plano Piloto, bem como o sistema de endereços por números estão associados à matemática, ao produtivismo, à fragmentação das esferas da vida e ao mecanicismo) ela não está tão descolada do chão

⁵³Conferir no site: <http://www.nefp.unb.br/>. Este grupo foi fundado ainda nos anos 1960, praticamente junto com a própria universidade. (informação disponível no site: <http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=3798>, acesso em 25.11.2012)

mátrio goiano. Por sua vez, este é composto por um vasto repertório ancestral de manifestações folclóricas, patrimônios culturais, como as Congadas de Catalão e Cavalhadas de Pirenópolis, a procissão do Fogaréu, na cidade de Goiás, a procissão do Divino Pai Eterno, em Trindade ou as folias de reis, que ocorrem em diversas cidades.

Levamos em conta, a partir de relato arqueológico da pré-pré-história da construção de Brasília, que o sistema social e produtivo da região em que foi ocupada, se tornou gradativamente “reliquia cultural” (ARAGÃO, 1988, p. 1). Ou seja, funciona “virtualmente apenas como testemunho desse antigo universo de regras, de crenças, de cultura material e de técnicas, das antigas populações do cerrado” (ibid., p.2). Após décadas de transformações, há que se inventariar socialmente o que está explícito ou oculto na região (bem como nas cidades de Goiânia e Goiás) após a suposta “dose cavalari” de modernidade, com as mudanças de capital estadual e nacional.

A relação dicotômica entre campo-tradição e cidade-modernidade (termos, ao mesmo tempo, viciados pelo uso e desvirtuados pela prática que representam) necessita ser relativizada. Em face às dinâmicas culturais, econômicas e sociais em Goiânia e Brasília, que refletem panoramas mais gerais, são percebidas influências mútuas.

III.3 – Da agricultura ao agribusiness: impactos econômicos e sociais

É importante aqui considerar Goiânia e Brasília como integrantes do Centro-Oeste, no sentido de compreender os impactos da transferência da capital federal para a região. Os avanços de infraestrutura e investimentos para o Centro-Oeste, a partir de 1945, que culminaram na construção de Brasília, certamente passaram pela modernização da zona rural e da agricultura. Nisso tiveram importante papel a classe empresarial de migrantes gaúchos que se deslocaram para todo o Centro-Oeste em busca de terras desocupadas para serem lavadas. Como exemplo, citamos o caso do Mato Grosso, que foi o último Estado a ser ocupado pelos mesmos:

“Em seguida, nos anos 60, houve a entrada de gaúchos e paranaenses que se dedicavam à cultura do trigo e da soja (IPEA e FJN, 1997). A dinâmica socioeconômica e a configuração espacial observadas no caso de Mato Grosso assemelham-se bastante a “fases” já verificadas em outros Estados da região Centro-Oeste – como Goiás ou Mato Grosso do Sul –, que tiveram a ocupação de seus territórios anteriormente (CUNHA, 2006, p. 87-107)”.

Esse tipo de migração se relaciona com o que Haesbaert (1998, 57) chama de diáspora gaúcha, principalmente para o Nordeste, mas que pode ser utilizado para pensarmos sobre outros tipos de migração, como no caso dos nossos estudantes goianos em Brasília, devido ao conjunto de variáveis inerentes ao processo de deslocamento espacial, social e afetivo. Além disto, é necessário frisar o caráter heterogêneo e polifônico da ocupação de Brasília, considerando esta característica como fundamental para compreender as dinâmicas sociais neste contexto. Este termo não se relaciona, segundo o autor, com a definição original, marcada pelo sentido de êxodo e expulsão. No caso específico abordado, a migração possui “antes de tudo uma base econômica, pela pressão e a expansão da dinâmica capitalista, embora também carregue, de forma indissociável, o mito "imigrante" de dominação e difusão de inovações em outras terras”. Vale dizer que o autor não restringe essa questão ao aspecto econômico, considerando que “trama geográfica desenhada entre os múltiplos segmentos da migração sulista demonstrou que entram outras "variáveis", especialmente de ordem político-cultural, conectadas de diversas formas aos processos de natureza econômica” (idem, 57-58). As relações políticas com os “coronéis”, detentores da terra e do poder político, são ressaltadas aqui, como estratégias de inserção social.

Havia dito anteriormente que o *agribusiness* é a principal característica da economia regional, o que está em tensão com o modelo tradicional de agricultura. A categoria política *agribusiness* (BRUNO, 2009), diferentemente do latifúndio, percebe o campo como negócio e se torna um importante mecanismo de expropriação do homem do campo, que elevará o número de excedente populacional na cidade. O termo obriga a superação do significado mais usual de “rural” que, no entanto, sempre foi uma questão em aberto: “(...) são rurais aqueles grupos que, numa dada sociedade ou setor dela, estão diretamente ligados à produção agrícola, (em que) se define o rural pela natureza da produção”. Isso por si só já nos obrigaria a repensar a relação binomial cidade-modernidade X campo-tradição. Para os camponeses resistentes (seja posseiro, pequeno proprietário, indígena ou integrante de grupos de ocupação da terra), independentemente da pressão acirrada no campo com entrada de novos *players* de multinacionais ao cultivo de soja e criação de gado, o paradigma da modernidade se torna patente.

Segundo Regina Bruno, a palavra “agronegócio” pode ser uma armadilha polifônica para reproduzir velhos valores coronelistas, ao contrário do que supunha Sérgio Buarque de Holanda (2006), que com a abolição, teríamos destruído a espinha dorsal desse sistema relação patronal hierárquico no campo, mas que resplandece retumbante até hoje:

“i) O agronegócio como sinônimo de união, de sucesso e de geração de riqueza; ii) O agronegócio como expressão da modernidade e de um novo modelo de desenvolvimento que atende os interesses e as necessidades de todos; iii) A crença na ausência de alternativas históricas outras além do

agronegócio, iv) O princípio da valorização de si e desqualificação do outro.
v) O imperativo de uma maior institucionalidade e da construção de novos espaços de representação, mediação de interesses (<http://www.alasru.org/wp-content/uploads/2011/09/GT19-Regina-Bruno.pdf>)”.

Ao contrário desta percepção, campanhas são realizadas para que o agronegócio ganhe legitimidade. Desta maneira, para além dos já consolidados movimentos sindicalistas dos trabalhadores do campo (inclusive o MST) e bancada ruralista que sempre defendeu e atribuiu um determinado “valor” ao campo (seja econômico-financeiro ou político-cultural), a utilização da tecnologia de comunicação permitiu ressignificar a ideia que se tem do campo, com os óculos da cidade. Um exemplo disso é a campanha “Sou Agro”, com ampla divulgação em todo Brasil:

“O movimento visa ampliar a percepção da sociedade, de maneira a esclarecer e reduzir o descompasso entre a realidade produtiva atual e as percepções equivocadas sobre o universo agrícola. O objetivo é reposicionar a imagem do agronegócio nacional na sociedade brasileira, destacando suas contribuições econômicas, construídas com respeito as agendas social e ambiental. Diversas empresas, entidades representativas do agronegócio brasileiro e produtores rurais se uniram em uma iniciativa de grande amplitude, sustentado por uma agenda positiva e ações focadas na valorização de uma atividade que envolve toda a sociedade brasileira (http://www.agro.basf.com.br/agr/ms/apbrazil/pt_br/content/apbrazil/news_room/sou_agro/sou_agro)”.

Com esse tipo de campanha se tenta pontuar como o cidadão é oriundo do campo ou, pelo menos, o é alimento para seu regozijo. O discurso também discorre sobre como o homem do campo é moderno, por conservar acesas suas tradições. Ou seja, há uma modernização do campo, como citamos antes, e uma modernização da visão que se tem do tradicionalismo que se vive no campo, tanto no campo como na cidade.

Interessante notar que esse último ponto é bem parecido com o que percebi a respeito do brasileiro que tenta negar Goiás a maior parte do ano (e até resquícios materiais e ancestrais de uma goianidade evidente que resvala sob seus pés), por sua vinculação com a tradição agrária e pecuarista. Como há uma supervalorização da mudança e da diversidade em Brasília, o silenciamento e/ou a

picardização da figura do goiano são naturalizados, encobrendo a origem de todo aquele empreendimento moderno, que é a cidade e a vida em Brasília. A questão que tenho apresentado a partir deste quadro no D.F., no entanto, é que se Brasília se apresenta como capital da diversidade deveria haver mais coerência nisso, inclusive em relação às tradições culturais enraizadas em sua terra de origem e adjacências, que é a goiana. Isto vem ocorrendo em relação à valorização do migrante nordestino que, apelidado de “candango”, vem sendo exaltado nas feiras, festividades e no Museu Vivo da História Candanga (<http://www.brasil.gov.br/brasil/conteudo/guia-turistico/turismo-cultural/museu-vivo-da-memoria-candanga>).

A pesquisa aponta que o brasileiro tende a ser tão preso ao chão como o goiano ou “candagiano” (migrantes goianos em Brasília) e também apresenta dificuldades de adaptabilidade em outras cidades. Só que o chão dele é o da moderna Brasília, mas que é feita de terra. E, talvez, nenhuma outra região brasileira apresente as demarcações fronteiriças tão semelhantes ao que costuma ser feito em relação à divisão de quinhões de terras como no distrito federal. Paralelo a isso, nos anos 90 e 2000, observamos justamente a iniciativa de reposicionamento da cidade (e sua razão predominantemente lógico-científica) à luz do campo, agora que a qualidade de vida (principalmente em relação a temas como saúde e violência) nas grandes cidades tem se mostrado comprometida.

“a substituição de tecnologia pesada (poluidora) por tecnologia suave (“soft” e não poluidora); a revalorização do tradicional; a proposição de um lugar mais modesto da ciência ao lado da poesia e da ética, considerada a ciência apenas como parte de uma cultura e não como seu fator predominante e força poderosa; o respeito às minorias e aos valores indígenas e autóctones (FUKAI, 1978)”.

Há uma tendência de ruralização da vida na cidade com o surgimento de condomínios fechados, cercas elétricas, lojas de produtos *in natura* e/ou orgânicos (como a rede de franquias Mundo Verde e Via Verde) ou mesmo os produtos verdes ou ecologicamente corretos, bem como o surgimento de diversos eventos (“Brasil Rural Contemporâneo”, “Cúpula dos Povos”, “Gari Universo”, etc..) e ong’s destinadas a questões ecológicas, urbanísticas, sociais, humanitárias, que trabalham em prol de causas que fundamentalmente, de alguma maneira, estão conectadas com a natureza (ou uma espécie de verdadeira natureza do ser humano) e a proteção da vida no planeta⁵⁴.

⁵⁴O exemplo que permitiu conhecer vários outros foi a ECO 92 e o Rio + 20, como as entidades que organiza zonas rurais dentro cidade do Rio de Janeiro: Rede de Agricultura Urbana, Univerde, Associação de Marapicu e Coopagé (http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2011/11/Cartilha_Semeando-Agroecologia.pdf). Há também o crescimento de fazendas

Os atores políticos, representantes de proprietários rurais, sobretudo do Centro-Oeste, onde a concentração de terras é gritante, atuam na moderna Brasília para defender uma modernidade para o campo que não contemple o trabalhador rural e o pequeno proprietário rural, mas sim, os grandes, bem como as empresas multinacionais de transgênicos. De tal, forma, se evidencia uma resistência do aprofundamento da modernidade que Brasília e Goiânia pretendiam apontar política e ideologicamente com seus projetos pilotos de urbanismo e cidade e a descentralização do poder político no Brasil por intermédio da transferência da capital federal (e estadual, no caso, específico de Goiás) para o Centro por parte das elites sociais locais. No caso de Goiás, a situação é ainda mais emblemática, visto que Ronaldo Caiado é justamente parente da mesma família oligárquica da situação em Goiás, que se opôs ao movimento contracultural anticoronelista que ecoava em todo o Brasil e confluía para Revolução de 30. Pedro Ludovico, em função de enfraquecer a memória de relacionamento dessa família com o poder no Estado, criou a nova capital, também com o sentido de ocupar espaços demograficamente vazios (pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Ludovico_Teixeira). Mas assim, como J.K., parece ter fracassado, em parte, em seu intento visionário.

Porém, não podemos ser tão maniqueístas em relação à questão da terra e à expansão da modernidade modernista no Brasil. Tendo em vista que o problema do latifúndio se repete em relação ao acesso à informação, cultura, consumo e poder. O jornalista Alceu Castilho (2012) percebeu que não é somente a bancada ruralista que luta pela sua terra (diferente de lutar pela terra) no Brasil, mas sim, vários outros políticos não diretamente associados ao tema. O que autor (ibid.) revela é que há um pensamento político ruralista que perpassa o congresso e a sociedade como um todo de que terra é sinônimo de poder, político sinônimo de proprietário de terras e o que reforça a noção de poder com as bases políticas do meio rural: o que é bem exemplificado pelo arquétipo ainda verificável no campo da figura do coronel, misto de político de região e grande proprietário de terras. Aqui temos que confrontar o exposto com a literatura sociológica sob a égide da tônica de uma inter-relação e interdependência entre rural e urbano, que defendia diametralmente o oposto:

“(...) o mundo rural tem na sociedade global uma posição social subordinada” e que (...) a interdependência do rural e do urbano em todos os aspectos da vida social pressupõe uma dominação do urbano sobre o rural e as alterações nas relações de trabalho no campo pressupõem também esta dominação (FUKUI, 1978, p. 146)”.

e chácaras ecológicas (agrovilas) em cidades, feiras de trocas e de produtos orgânicos, bem como tem se tornado comum pessoas que fazem o caminho de volta para o campo mesmo que passada muitas gerações de seus antepassados já nas cidades.

Na verdade, o que está em xeque é que há um modelo de coronelismo ainda vigente, travestido no discurso modernizante do chamado *agribusiness*, bem aos moldes do chamado modernização conservadora. Segundo Domingues (2002, 460),

“De forma resumida, pode-se compreender o conceito de "modernização conservadora" a partir das seguintes coordenadas. Primeiramente, a recusa a mudanças fundamentais na propriedade da terra. Os grandes proprietários manteriam, destarte, controle também sobre a força de trabalho rural, que não seria capaz, portanto, de se libertar de relações de subordinação pessoal e de extração do "excedente" econômico por meios mais diretos. Foi isso que teve lugar na Alemanha e no Brasil, ao contrário, por exemplo, do que se passou na Inglaterra, com a transição para uma mercantilização do trabalho agrícola, ou na França e no México, com a revolução camponesa levando ao fim ou ao menos a um profundo enfraquecimento da grande propriedade rural e ao parcelamento da terra. Na modernização conservadora, as tradicionais elites agrárias forçaram uma burguesia relutante e avessa aos processos de democratização a um compromisso: a modernização fazia-se, sob a liderança e levando muito em conta os interesses dos proprietários agrários, conformando-se uma "subjetividade coletiva" centrada em um bloco transformista, cauteloso e autoritário em suas perspectivas e estratégias”.

O estudo sobre os impactos gerados pela criação de Brasília, em termos materiais e imateriais, abre novas perspectivas e possibilidades de análise. Um desdobramento possível para a discussão sobre modernidade e tradição, considerando os conflitos de identidade e memória entre brasilienses – os moradores do distrito federal se intitulam brasilienses (HOLANDA, 2010) – e goianos, talvez, passe pelos estudos dos sistemas de relações inter-regionais identitários na região, composta por cidades de Goiás, do entorno do Distrito Federal e de Cidades Satélites, como: Águas Lindas de Goiás, Cristalina, Valparaíso de Goiás, Novo Gama, Santo Antônio do Descoberto, Luziânia, Cidade Ocidental e Planaltina apresentam os maiores índices de violência de Goiás (<http://www.aredacao.com.br/negocio.php?noticias=6291>). Cidades satélites e Cidade do Entorno são colônias morais (PARK, 1967), que não são nem, D.F., nem Goiás⁵⁵.

⁵⁵ “A Prefeitura de Águas Lindas de Goiás, cidade do Entorno do DF, fará, em parceria com a CODEPLAN (Companhia de Planejamento do Distrito Federal) e o GDF, uma pesquisa socioeconômica na cidade, a partir de segunda-feira (1) (<http://noticias.r7.com/distrito-federal/noticias/prefeitura-de-aguas-lindas-de-goias-inicia-pesquisa-socioeconomica-nesta->

gênero para os 246 municípios. Além de faltar estrutura para a denúncia, as mulheres goianas encontram dificuldades de proteção contra agressões. Em todo o estado, existe apenas um juizado especializado, que fica em Goiânia. O único abrigo para resguardar essas mulheres também está na capital de Goiás e é gerenciado pelo Centro de Valorização à Mulher (Cevam), uma organização não governamental. Existe uma casa abrigo no DF, mas, normalmente, não acolhe vítimas que registraram ocorrência no Entorno. Em todo o Centro-Oeste, são seis casas, sendo três só em Mato Grosso. No Brasil, são 87 casas desse tipo. “Goiás não tem casa abrigo de responsabilidade do governo. Também não tem delegacias suficientes, juizado especializado, e falta qualificação às equipes. É preciso responsabilizar o Estado pela falta de cumprimento da legislação”, denuncia Maria de Fátima Veloso, coordenadora do Fórum Goiano de Mulheres. O desespero das vítimas goianas é tão grande que muitas procuram auxílio em Brasília. “Elas ligam e vêm até aqui pedindo ajuda. Nós registramos as ocorrências, mas enviamos para as delegacias responsáveis no Entorno. Não podemos interferir no trabalho de outro estado”, afirma Mônica Loureiro, delegada-chefe da Delegacia Especial de Atendimento à Mulher do DF. Pelo menos seis registros de violência contra a mulher são denunciados diariamente na DEAM da capital federal (http://www.direitoshumanos.etc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12219:duas-cidades-do-entorno-estao-entre-as-10-onde-mais-mulheres-sao-mortas-&catid=35:direitos-humanos&Itemid=170)”.

De acordo com o mesmo jornal, as cidades do “entorno de Brasília” incharam e tiveram um crescimento populacional de 29% em dez anos, conforme dados do Censo 2010 (IBGE). Este é composto por 19 municípios, que são caracterizados por terem indicadores sociais baixos, e recebem o fluxo de migrantes que chegam para trabalhar no Distrito Federal. Essa mão-de-obra, embora sirva à cidade, não se beneficia das políticas públicas de Brasília, já que estão fora de seu território. Como exemplo, cita-se que no último mapa da violência, cinco das dez cidades goianas com maiores índices de homicídios se concentravam no entorno de Brasília⁵⁶. Esta questão parece estar associada ao significado de território,

⁵⁶“Há dois anos, a Força Nacional de Segurança atuou na região para conter uma onda de violência. O caso mais emblemático é Águas Lindas de Goiás, cidade goiana a 35 km do plano piloto da capital federal. Fundado há 15 anos, o município cresceu 51%

aqui ligado às questões políticas. Conforme Haesbaert (2002, 121) avalia, território é um “produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados”.

Além dessa linha de pesquisa ligada à Violência Urbana, há a possibilidade de um recorte interessante sobre Desenvolvimento Regional a partir da cidade de Anápolis (GO) que é praticamente equidistante entre Goiânia (GO) e Brasília (DF). A previsão do término da ferrovia de passageiros para 2017 (<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-pode-ganhar-21-linhas-de-trens-de-passageiro,944959,0.htm>) ligando as duas cidades torna urgente pesquisas acadêmicas ou públicas sobre o tema à medida que a consolidação do eixo Goiânia-Brasília aponta para o surgimento de uma megalópole no final do século XXI. Da minha parte, pelo menos, imaginariamente, a partir do alcance que a obra intelectual tem de quebrar fronteiras de preconceitos e *apartheids*, essa linha de trem já está pronta, pois uma obra intelectual são trilhos de palavras para chegar ao outro, o diferente.



desde 2000 e está com 159 mil habitantes. Em 1996, tinha pouco mais de 6.000 eleitores. Parte da cidade está sobre uma área de proteção ambiental e milhares moram em condição irregular. Mais da metade da população, diz a prefeitura, pega um ônibus interestadual todo dia para trabalhar na capital federal. Para ligações telefônicas a Brasília, os moradores fazem interurbano. Criminosos, diz o município, vão à cidade como forma de escapar da polícia do DF, que não pode ir ao local”. (disponível no site <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/845266-populacao-de-cidades-do-entorno-de-brasilia-cresce-29.shtml>, acesso em 20.10.2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Tecidos sociais em mobilidade constante ou “muito pano pra manga” de mais memórias entrelaçadas

“A base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste na intensificação dos estímulos nervosos, que resultam da alteração brusca e ininterrupta entre estímulos exteriores e interiores. O homem é uma criatura que procede a diferenciações. Sua mente é estimulada pela diferença entre a impressão de um dado momento e a que a procedeu. (...) Com cada atravessar de rua, como o ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade fez um contraste profundo com a vida de cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica. (...) É precisamente nesta conexão que o caráter sofisticado da vida psíquica metropolitana se torna compreensível enquanto oposição à vida de pequena cidade, que descansa mais sobre relacionamentos profundamente sentidos e emocionais (...) Assim, o tipo metropolitano de homem que, naturalmente, existe em mil variantes individuais desenvolve um órgão que o protege das correntes de discrepâncias ameaçadoras de sua ambientação externa, as quais, do contrário, o desenraizariam. Ele reage com a cabeça, ao invés de com o coração (SIMMEL, 1979, 12)”.

Ao pensar os sistemas de interações e conflitos interidentitários entre a minoria regional goiana e a sociedade envolvente brasiliense insisti em atrelar o conceito de relativismo cultural, presente na obra de DaMatta, ao caráter identidade contrastiva, elaborado por Cardoso de Oliveira. Ambos são importantes para analisarmos as relações estabelecidas no processo de migração (deslocamento) de jovens goianos em direção às experiências proporcionadas pelo vínculo com a UNB e com Brasília. Apesar de a capital de Goiás distar pouco mais de 200 km da Capital Federal, o choque antropológico é agudo em grande parte das trajetórias. Ao serem colocados no labirinto arquitetônico da UNB e de Brasília se defrontam com diferentes emoções em seus percursos. Os jovens goianos são confrontados com o que Simmel chama de indivíduo quantitativo (2005), aquele “reage com a cabeça, ao invés do coração”, marcado pelo anonimato e pela atitude blasé, produzidos pela metrópole. Tal encontro gera perdas ou, ao menos, põem em questão referências sociais atribuídas. Valores, comportamentos, tradições são ressignificados nesse novo contexto, em que goianos e brasilienses, Goiânia e Brasília, se comunicam, se confrontam e se transformam.

No cenário da UnB observei que os estudantes goianos, principalmente no curso de Mecatrônica, que eram maioria no ano de 2005, são vistos como invasores por ocuparem, nesse mesmo ano, o segundo lugar no quantitativo de estudantes que entraram na Universidade de Brasília (dados do CEPDOC/UnB),

nesse mesmo ano. Esse quadro aumenta a percepção de que essas vagas deveriam ser dos brasilienses, que assumem uma ótica bairrista. Por outro lado, pode-se cogitar a existência de um forte conteúdo ancestral tradicionalista nessa espécie de retomada simbólica do espaço do Cerrado, através da inserção na modernidade brasiliense, em que está compreendido Brasília. Os goianos vencem os brasilienses, com aprovação em cursos da competitiva UnB, invertendo a posição à época do surgimento da Capital Federal. O fato é que dentro desse contexto, os conflitos inter (e micro) regionais já existentes, em que os goianos, vistos com inferioridade dentro do imaginário social brasiliense, têm aguçadas suas manifestações. Fenômeno comparável ao duplo preconceito aos cotistas negros que fica evidente em paredes de banheiros do “Campus Darcy Ribeiro”, com inúmeras acusações surdas e preconceituosas mútuas sobre o assunto. Cabe ressaltar que o goiano, apesar de não entrar na UnB mediante o sistema racial de cotas, é também discriminado no contexto do campus, assim como na cidade, de uma maneira geral.

Como vimos, anteriormente, somente no período das festas juninas, é que ocorre um arrefecimento da negação do passado rural e sertanejo de Brasília (JESUS, 2008), ao qual o estigma mais negativo recai sobre a figura de Goiás e dos goianos (a figura dos retirantes nordestinos, provenientes de onde a cultura de festas juninas também é recorrente e expressiva, apesar de ser alvo de discriminação social, é amiúde, posicionados como heróis míticos da construção cidade, tendo no período junino a consagração dessa relação mitológica com os moradores da cidade). Efetua-se durante a maior parte do ano um efeito de estigmatização social dos goianos em Brasília, que associa Goiás a atraso cultural e cultura caipira nos termos propostos por Goffman (2008). De fato, mesmo que o goiano seja um estudante da capital, aprovado por mérito na UnB no curso de mecatrônica, considerado um curso tecnológico de ponta, ainda sim, há uma querela inconsciente regional identitária-territorial em aberto. Esta, no fundo, revela não haver um distanciamento cultural tão radical, como parece conceber a maioria dos moradores das duas cidades, que não seja somente na forma e intensidade da experiência moderna vivida nas duas cidades. Isto pode decorrer, talvez, das ligações “pré-pré-históricas” do território anteriormente atrelado ao Estado de Goiás, o que revelaria o passado sertanejo, rural e coronelista de Brasília e o passado moderno pioneiro de Goiânia – sem querer, com essas todas essas suposições remeter a famigerada fábula da primogenitude “o ovo ou a galinha” ou ao conceito de estrelas binárias⁵⁷. De outra maneira, mesmo pelo fato de os estudantes goianos não dissolverem seus laços, físicos e afetivos, com sua cultura ancestral como fazem os

⁵⁷ “A maior parte das estrelas que brilham no firmamento são binárias ou múltiplas que orbitam um centro comum. Em casos extremos, a revolução é breve, de apenas 20 minutos, em outros casos levam até 180 anos. Um novo estudo que utilizou o Very Large Telescope (VLT) do ESO mostrou que a maioria das estrelas brilhantes de massa muito elevada, responsáveis pela evolução das galáxias, não vivem isoladas. Quase três quartos destas estrelas têm uma companheira próxima, muito mais do que se acreditava. Na maior parte destes pares ocorre transferência de massa de uma estrela para a outra, a estrela de maior massa consome o material da menor. Pensa-se que cerca de um terço destes pares acabará por se fundir, formando uma única estrela. Outro fato curioso é que cerca de 40% dos sistemas binários estudados tinham disco de acreção ao redor, como mostra a imagem (<https://plus.google.com/105262948307435121555/posts/V4mwYTAAGQu>)”.

nordestinos. A diferença é que para os primeiros a proximidade física de Goiás com Brasília corrobora para um *continuum*, no que diz respeito a manutenção dos vínculos pela facilidade do contato. Para os outros, migrantes mais distantes, são os elementos (como festas, sotaque e gastronomia) que acionam memórias do grupo (regional) e reforçam os laços com sua cultura original. Neste sentido, estes consolidam um elo com a cidade de Brasília e com as dinâmicas socioculturais que elas representam enquanto coletividade social.

No período entre junho, julho e começo de agosto - em um movimento parecido, porém inverso, ao que nos mostra DaMatta (1983) em relação ao sentido hierárquico horizontalizante de escapismo social por meio do carnaval carioca, que “máscara” os abismos sociais entre os foliões, por meio do uso de fantasias carnavalescas - ocorre a retirada das máscaras modernas brasilienses e a resignação com o passado rural e sertanejo daquele período que chamamos de “pré-pré-história de Brasília” (com isso não se quer afirmar a não existência da história). No processo de se fantasiar de caipira, com chapéus, bigodes postiços e camisas xadrez, há um reencontro explícito com a cultura rural e caipira e implícito com uma “goianidade perdida”, fortemente associada a esses temas em sua cultura local, apesar de não ser passível essa imagem consensual por grande parte dos moradores das grandes cidades. Descontentamento, no entanto, que não impede esses mesmos indivíduos, incoerentes por sua própria natureza humana, como nos mostrou o pouco romântico Barth (2010) ao aceitar a ambiguidade como praxe social autêntica, de irem a shows de estilos variados na Feira Agropecuária de Goiás, em Nova Vila (Goiânia), a maior festa local da cidade.

Brasília é permeada por um imaginário cultural endógeno e exógeno muito associado ao tema da modernidade (SILVA, 1997), o que influencia na teia de redes sociais e nos “comportamentos aceitáveis” das mesmas. Em Goiânia, por ter tido suas associações com o mesmo tema ofuscadas pela capitalidade de Brasília, ficou relegada a estigmas pouco condizentes com a sua especificidade nacional e regional. O desastre radioativo do Césio 137, em 1987, contribuiu para potencializar mitos negativos sobre a cidade (como o de atraso cultural), que, talvez, concorra hoje, com a atual associação pejorativa, mais recorrente com a música e cultura sertaneja, apesar de ser também capital da música *underground* (o que só é senso comum no *underground* das grandes capitais do Brasil). Dessa forma, ela sofre com um efeito de bipolaridade imagética, pois é a mais moderna das modernas para poucos e mais “urbanejas” das “urbanejas” para muitos. O fato de o imaginário cultural midiático nacional e regional predominante acerca de Goiás, o que é bem diferente do verdadeiro inconsciente coletivo, ser assim posicionado, torna premente discutir o jogo de operações semiópticas e identitárias em constante trânsito, que a situa nesse nível de compreensão, este sim, tacanho e provinciano, que coíbe o surgimento (e/ou consolidação) de protagonismo político, cultural, social e econômico na região a nível nacional.

Essa imagem de provincianismo patriarcal em Goiás é constructo social, que influencia e é

influenciado pela cultura local e nacional, que retroalimenta o estereótipo como lugar seguro pedagógico de pertencimento. Negar a existência de um choque cultural profundo em relação aos goianos (eu, inclusive) que vão viver em Brasília seria desconsiderar as dinâmicas sociais de identificação entre esses atores, suas histórias-memórias (tempo) em relação com o espaço.

Nestes termos, é possível dizer os goianos migrantes (sobre)viventes em Brasília, em função do “pertencimento cruzado” (BARTH, 2000, 1999) a duas matrizes culturais aparentemente distintas, tem campo de visão privilegiado para desenvolver interpretações “centradas” sobre interfaces entre sentimento de pertença à Brasília, à Goiás, ao Cerrado, ao Brasil Central e ao Brasil. Em casos de vínculos ou laços de lealdade (FOOTE WHYTE, 2005) essa visibilidade intercultural, que sublinho se torna somente um potencial latente. Transitei por toda essa longa faixa de “dégradés” sociais, o que permitiu me afastar de uma afetação mais leal e local aos conflitos inter-regionais identitários entre brasilienses e meus conterrâneos goianos. Conflitos semiótico-comunicacionais entre a ideia consagrada de Brasil e estigmatizada de Brasília parecem não se encontrar, às vezes, em função de Brasília ter recebido um estigma negativo e contrastivo em relação à antiga capital, sobretudo no imaginário midiático-carioca. Talvez, por causa do planejamento desenvolvimentista anti-lusotropicalista, que ao criar uma capital, e permitir um efeito de anulação relativa da memória colonial imperial imperiosa, ainda sobressalentes na cidade do Rio de Janeiro, por ter sido muito acalentada com benesses da coroa portuguesa à época da vinda da família real.

Lancei-me em uma nova significação dos valores a partir da relativização dos mesmos face à cultura que estava sendo iniciado em Brasília. O que não significa dizer que outros goianos não possam ter percepção parecida com a que desenvolvi de maneira mais formal e acadêmica, e que eu tenha me adaptado, no íntimo, à cidade plenamente com encaixe chave-fechadura de uma enzima e proteína. Digo isso, pois evito colocar minha experiência de mobilidade pessoal e desconstrução etnológica de minha própria sociedade em um sentido de individualidade determinada por um dom de conceber único e raro, cuja “qualidade da consciência” (SCHOPENHAUER, 2002, p. 6) prevaleceria em algum momento independente do “papel desempenhado” (ibid.), desta maneira:

“A metade objetiva do presente e da realidade está na mão do destino e, por isso, é alterável. A subjetiva somos nós mesmos. Por conseguinte, ela é essência inalterável. Em conformidade com isso, a vida de cada homem, apesar de todas as mudanças exteriores, carrega sempre o mesmo caráter, e pode ser comparada a uma série de variações sobre *um* mesmo tema. Ninguém pode fugir de sua espiritualidade. E assim como o animal seja quais forem as situações em que o colocamos, permanece limitado ao círculo

estreito que a natureza traçou irrevogavelmente para seu ser, por conta do qual, por exemplo, nossos esforços para tornar feliz um animal de estimação têm sempre de esbarrar em limites estreitos, justamente devidos àquelas fronteiras do seu ser e da sua consciência: assim também é com o homem. Sua individualidade determina de antemão o grau de sua felicidade possível. Em especial, o limites de suas forças intelectuais estabeleceram, de uma vez por todas, sua capacidade para os deleites elevados. Se eles são estreitos, então todos os esforços do exterior, tudo o que os homens e a sorte fizeram por ele não podem conduzi-lo para além do grau de contentamento e felicidade humana ordinária e animalesca. Ele fica dependente do deleite sensual, da vida familiar cômoda e alegre, da sociabilidade reles e de distrações vulgares. Mesmo a educação, embora consiga alguma coisa, não pode contribuir, no todo, para a ampliação daquele círculo. Pois os deleites mais elevados, mais variados e mais duradouros são espirituais, por mais que na juventude possamos nos enganar a esse respeito, eles, todavia, dependem principalmente das faculdades inatas. Portanto, a partir disso fica claro o quanto nossa felicidade depende daquilo que somos, de nossa individualidade; enquanto, na maior parte das vezes, levamos em conta apenas a nossa sorte, apenas aquilo que *temos* ou *representamos*. Além do mais, quando há riqueza interior, não se lhe pedirá muito. Em contrapartida, um simplório permanecerá sempre um simplório, um bruto, obtuso, sempre um obtuso até o fim, mesmo que estivesse no paraíso e cercado de húrís (ibid. p. 7-8)”.

Afirmo que a mudança para Brasília e a utilização das ciências sociais tiveram total importância o desenvolvimento de minha trajetória intelectualidade e ter me colocado em papéis sociais bem diferentes. Tal fato permitiu que eu me visse cenicamente, com o olhar da alteridade sobre mim mesmo e minha trajetória histórico-pessoal. Sem negar por completo o determinismo individual (da vontade metafísica) afirmado pelo filósofo alemão, considero, no entanto, que não haveria sequer existido esta pesquisa sem esse deslocamento físico de cidade e mudanças de papéis sociais, sem, no entanto, querer situar meu pensamento com tributário único e exclusivamente ao determinismo social da sociologia *durkeimiana* que desequilibra a balança do nós-eu (que envolve as ciências sociais aplicadas e as disciplinas “psi’s”) proposta por Elias (1984).

Interessante notar como, a partir de exemplo dos impactos sociais ocorridos com estudantes de

Direito em Olinda e São Paulo, Buarque de Holanda (2012), comenta que as crises estruturais de adaptação do indivíduo ocorrem quando há passagem de uma orientação familiar (lei particular) para uma legal (lei geral), o que obrigaria o indivíduo estar em constante confronto de valores da virtude familiar e da prosperidade social (isso quando a família é patriarcal e não o prepara para ser um *player* na sociedade competitiva). O que nos remete aos conceitos de Bergman e Luckmann (2010) de socialização de primeira ordem e de segunda ordem, já apresentados. Diferentemente de Schopenhauer, Buarque de Holanda não comenta sobre características inatas ou espirituais (apesar de quase sugerir isso quando fala do homem da família, do cordado *cordialis* brasileiro), mas, afirma que a mudança de ambiente (da casa para a universidade, como no caso dos goianos em Brasília) pode suscitar um sentimento de responsabilidade no indivíduo, mesmo que não exorcize os “velhos laços caseiros” (BUARQUE, 2012, p. 49). Neste sentido, acontecimentos trágicos, como ter sido abandonado na infância, podem catalisar as adaptações a novas orientações sociais anti-familiares propostas pela modernidade capitalista. Tendência esta que parece ser a moeda cultural recorrente nas dinâmicas socioculturais predominantes em Brasília – a associação com Goiás em relação à história da sociedade excessivamente patriarcal é inevitável aqui, apesar de nunca dever ser automática, já que Brasília, sempre vai incluir laços de parentesco com esse Estado:

“Com efeito, onde quer que prospere e assente em bases muito sólidas a ideia de família – e principalmente onde predomina a família de tipo patriarcal – tende a ser precária e a lutar contra fortes restrições à formação e evolução da sociedade segundo conceitos atuais. A crise de adaptação dos indivíduos ao mecanismo social é, assim, especialmente sensível no nosso tempo devido ao decisivo triunfo de certas virtudes *anti-familiares*, por excelência, como o são, sem dúvida, aquelas que repousam no espírito de iniciativa pessoal e concorrência entre os cidadãos. (...). A personalidade do estudante (estudantes de direito de Olinda e São Paulo), moldada em tradições acentuadamente particularistas, tradições que, como se sabe, costumam ser decisivas e imperativas durante os primeiros quatro ou cinco anos de vida de uma criança, era forçada a ajustar-se, nesses casos, a novas situações e a novas relações sociais que importavam na necessidade de uma revisão, por vezes radical, dos interesses, atividades, valores, sentimentos, atitudes e crenças adquiridos no convívio da família. Transplantados para longe dos pais, muitos jovens, os “filhos aterrados” de que falava Capistrano de Abreu, só por essa forma conseguiam alcançar um senso de responsabilidade que lhes fora até então vedado. Nem sempre, é certo, as novas experiências

bastavam para apagar neles o vinco doméstico, a mentalidade criada ao contato de um meio patriarcal, tão oposto às exigências de uma sociedade de homens livres e de inclinação cada vez mais igualitária. Por isso mesmo Joaquim Nabuco pôde dizer que, “em nossa política e em nossa sociedade [...], são os órfãos e abandonados, que vence a luta, sobem e governam (ibid., 48-49)”.

Independente de terem se inserido na cultura brasiliense por curto, médio ou longo prazo, e se adaptado a ela, bem como incorporado pouco ou muitos valores por ela difundidos ao longo da vida, em detrimento do abandono parcial de valores patriarcais, os goianos estudantes da UnB, em Brasília, até o presente momento, podem ser compreendidos à luz do conceito de “mobilidade sobremoderna” proposto pelo antropólogo Marc Augé (2010). O que é didático-elucidativo para pensar essa interface temático-epistemológico a que me empenho em tornar menos opaca, em relação a outros estudos acerca das populações moventes efetuados por pesquisadores de outros lugares e tempos. Vejamos o significado do termo segundo o próprio autor:

“Os nômades classicamente estudados pelos etnólogos têm o sentido do lugar e território, o sentido do tempo e do retorno. Esse nomadismo é, então, diferente do que chamamos metaforicamente de nomadismo para falar da mobilidade atual, mobilidade “sobremoderna”. O sentido de “sobre” no adjetivo “sobremoderno” deve ser entendido no sentido que ele possui em Freud e Althusser, na expressão “sobredeterminação”, o sentido inglês “over”; ele designa a superabundância de causas que complica a análise dos efeitos. A mobilidade sobremoderna exprime-se nos movimentos de população (migrações, turismo, mobilidade profissional), na comunicação geral instantânea e na circulação dos produtos, das imagens e das informações. Ele corresponde ao paradoxo de um mundo onde podemos teoricamente tudo fazer sem deslocarmo-nos e onde, nos entanto, deslocamo-nos. Essa mobilidade sobremoderna corresponde a certo número de valores (desterritorialização e individualismo) que, hoje, grandes desportistas, grandes artistas e outros nos dão imagem. Mas nosso mundo está cheio de contra-exemplos: exemplos de sedentarismo forçado, de uma parte, exemplos de territorialidade reivindicada, de outra. Nosso mundo está cheio de

“abcessos de fixação” territoriais e ideológicos. É preciso dizer que a mobilidade sobremoderna corresponde muito largamente à ideologia do sistema da globalização, uma ideologia da aparência, da evidência e do presente que está pronta para recuperar todos os que tentam analisá-la ou criticá-la (AUGÉ, 2010, p. 15-16)”.

Incontestável seria após tantas explicações históricas sobre o caráter não somente simbólico, mas também integrativo e democrático de Goiânia e Brasília, no tocante ao crescimento de divisas culturais, sociais e econômicos no Cerrado brasileiro, negar a urgência de atenções da presença do Estado na primeira metade do século XX. Houve na região do Cerrado, onde Brasília foi plantada, a formação de “um modelo social e produtivo e, em seguida, (...) um congelamento do mesmo nesse segmento territorial do país (ARAGÃO, 1988, p. 5)”. A estagnação social era sintomática de um quadro histórico de opressão social de uma região que nos seus primórdios “esteve sob jurisdição e tirocínio dos antigos habitantes – bandeirantes, garimpeiros, índios e negros (ibid.)”.

Por outro lado, é matéria controversa as formas de ocupação e os impactos sociais e culturais trazidos por surtos megalomaniacos e faraônicos de modernidade. Há que se considerar que havia hábitos sociais e tradições centenárias que foram desprezadas em prol do prometido progresso que a nação inteira pagou (principalmente às populações que cederam suas vidas, terras e memórias para a União).

“De repente, e muitas vezes de forma abrupta, a ação coordenadora do poder central, através de seus representantes-delegados, provocou a dissolução das estruturas que fundamentavam uma visão de mundo própria, e onde as grandes transformações havidas na agricultura e na indústria, no país, repercutiam neste sertão de forma tênue, mais como noticiário de jornais do que propriamente como premência a novo compasso de vida, e muito menos como uma inevitabilidade inscrita nos destinos da região. Israel Pinheiro, a quem se reconhece os feitos em lápide plantada em plena praça dos três poderes, em Brasília, deixou marcas indelévels de sua passagem, nem sempre cordata e amigável, entre os velhos habitantes da região. Mais de um deles, nos revelaram pormenores da forma como se revestiam as negociações em torno às desapropriações para construção de Brasília. Aquilo prenunciava para muitos deles o “fim do mundo”; como de fato iria “ocorrer” mais quinze anos passados, com a substituição dos antigos padrões pelos novos; a incerteza do clima, e as lutas de “clãs” tradicionais (Caiados X Borges),

traduzidos diga-se de passagem em dois grandes romances pelo escritor da região (Bernardo Élis, único goiano membro da Academia Brasileira de Letras), cedendo lugar agora à incerteza do seu próprio futuro, como grupo humano diferenciado e consciente do seu isolamento em relação ao restante do país (ARAGÃO, 1988, p. 2-3)”.

Mesmo que tenha havido uma dramatização excessiva, quase milenarista-apocalíptica, no tom confessional desses que foram “deserdados com indenização”, os avanços básicos iniciais como a vinda de “máquinas, estradas, luz elétrica, televisão, telefone, dinheiro novo (ibid., p. 3)” não foram suficientes para anular os danos no sistema de valores e relações. De certa forma, as teias de relações sociais e parentais imbricadas dos sujeitos históricos foram comprometidas na microrregião mais diretamente afetada pela construção de Brasília e suas repercussões, em prol de uma contrapartida social, regional e nacional mais auto-sustentável (como o aumento da participação de Goiás e Distrito Federal no PIB brasileiro e no imaginário cultural brasileiro, a vinda ou surgimento de indústrias de bens de consumo duráveis e não duráveis), que talvez, eles próprios não puderam estar vivos para usufruir. Mesmo que se tenha recebido lotes na Asa Sul, há que se considerar que não houve um estudo de viabilidade da preservação da cultura rústica, que a própria ideia de modernidade e de Brasília pareciam negar. Nesse sentido, há que se considerar que, para muitos, o processo foi vivido como morte, como muitos, de fato, vieram a fazê-lo após a venda de suas terras (ARAGÃO, 1988):

Nesse sentido, invisíveis sociais como esses caipiras que foram forçados a vender suas roças férteis e os candangos obrigados a abandonar suas vidas secas, são verdadeiros heróis dessa odisséia “científica-ficcional”. Nota-se que, de certa maneira, as passagens, a plasticidade e as interações entre pessoas e cidades estão presentes não como A versus B. Assim, esta dissertação levou em consideração um duplo movimento, marcado pela dinâmica Goiânia face Brasília e Brasília face Goiânia, incluindo goianos e brasilienses. Buscou-se perceber o movimento migratório de estudantes goianos em direção à Brasília, marcadamente, à UnB, em sua dificuldade de adaptação às dinâmicas socioculturais, relativa e relacionalmente, mais individualistas e menos contemplativas, observadas no cotidiano do Plano Piloto. Assim como as vividas por mim enquanto morador de Brasília e estudante de Antropologia e admirador das Artes⁵⁸, estes vivenciavam uma dinâmica (Cerrado/Goiás/Goiânia/Brasília) a partir das ideias de e em Brasília. A sensação de nostalgia de Goiás, ao viver em Brasília, em relação à minha memória coletiva, individual e familiar e ancestral (relativa a fatos e eventos anteriores ao meu nascimento, como a

⁵⁸ Bateson (1972) considera a Arte vital para harmonizar a mente ecologicamente na vida em sociedade, pois permite retroalimentar os traumas no sistema psíquico de forma criativa, o que contribui também para o resgate da graça nos movimentos corporais, tal qual como se comportam os animais (como, por exemplo, o fenômeno dos pássaros migrantes).

existência de um parente, o “Tuniquinho”, que contribui para a construção de Brasília com uma simples pergunta a causa de capital federal no interior e a existência de um sertão pouco habitado no cerrado goiano, que suscitou o surgimento na época do império do debate sobre a necessidade proteger a capital federal de ataques militares e integrar regiões consideradas atrasadas culturalmente), ocorre porque Brasília não é uma ilha isolada do tempo-espaço de uma tribo não contatada em condições anormais de temperatura e pressão. Brasília também é Goiás (até porque mais do que simplesmente ser receptáculo passivo da capital, Goiânia funcionou como catalisador da mudança da capital em escala federal). Mas como não poderia deixar de ser, e não é difícil de ver, Goiânia e muitas cidades de Goiás, foram também tomadas pela apoteose artística e ideológica que é Brasília. Desde então, Goiás virou coração do Brasil.

“Hoje enxerguei
Tudo é bem relativo, essa frase também
E que ceguei
Quando a fé eu perdi não dizendo amém
Pra ilusão da ilusão de ver
Ilusão de ver ilusão...”

(Fragmento da última parte de “Ilusão Real”
composta em 27/12/05)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, F. (Le Blue). *Corpo sem Alma: O desvelamento do efeito mágico da publicidade*. Goiânia, UFG, 2004.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: um herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1997.

ARAGÃO, Luiz Tarlei de. *Perspectivas de ocupação do cerrado ou notas para uma antropologia do sertão*. Brasília, UnB, 1988.

AUGÉ, Michel. *Antropologia da Mobilidade*. Maceió: Editora UNESP/UFAL, 2010.

BARTH, Frederick. Os grupos étnicos e suas fronteiras; A Análise da cultura nas sociedades complexas. In: TOMKE, L. *O Guru, o Iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro, Contra-capa, 2000.

BARTH, F. *Balinese Worlds*. Chicago, Univesity of Chigago, 1993.

BERGER, P. e T. LUCKANN. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis, Vozes, 1985.

BATESON, Gregory. *Steps to an Ecology of Mind*. Nova York, 1972.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, p. 197-221, 1994.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

BERGER, P. e T. LUCKANN. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis, Vozes, 1985.

BORGES, Márcio. *Os Sonhos não Envelhecem: histórias do Clube da Esquina*. São Paulo, Geração Editorial, 2004.

BOURDIEU, P. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1974.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BRUNO, Regina et al. *Um Brasil Ambivalente. Agronegócio, ruralismo e relações de poder*. Rio de Janeiro: Mauad X Ed. /EdUR-UFRRJ, 2009.

BUARQUE, Sérgio de Holanda. *O Homem Cordial*. São Paulo: Penguin-Cia das Letras, 2012.

BUARQUE, Sérgio de Holanda. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004 (reimpresso em 2011).

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo, Pioneira, 1976.

CASTILHO, Alceu. *Partido da Terra: como os políticos conquistam o território brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

CONNERTON, P. *Como as sociedades recordam*. Celta, Oeiras, 1999.

CUNHA, R. *bras. Est. Pop.*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 87-107, jan./jun., 2006.

DAMATTA, Roberto. *A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATA, Roberto. *Carnaval, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

DAMATTA, Roberto. *O que faz brasil, Brasil?* Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução a Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DOMINGUES, José Maurício. A dialética da modernização conservadora e a nova história do Brasil. *Dados* [online]. 2002, vol.45, n.3, pp. 459-482. ISSN 0011-5258. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52582002000300005>

DRUMMOND, C. *Alguma Poesia*. Record, Rio de Janeiro, 2001.

DUMONT, Luis. *Homo Hierarchicus. O sistema de castas e suas implicações*. São Paulo, EDUSP, 1992.

ELIAS, N. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1984.

ELIAS, Norbert; e SCOTSON, John. L.; *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade*; tradução Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Sússekind – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FAVRET-SAADA, Jeanne. *Ser Afetado*. In: Cadernos de Campo 13, Ano 14. São Paulo, USP, 2005.

FONSECA, Cláudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, 2ed.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões*. 16 ed. (RAMALHETE R., Trad.). Petrópolis: Vozes, 1997.

FUKAI, Lia. Educação e meio rural: breve contribuição visando a proposição de temas para a pesquisa sócio-educacional In: *Revista Ciência e Cultura*. SBPC, São Paulo, 1978.

GALVÃO, Eduardo. *Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

GEERTZ, Clifford. (1989). “Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa” In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. Pp. 278-321.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*.

Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Edlaine de C. & MENEZES, Rachel A. *Etnografias possíveis: “estar” ou “ser” de dentro*. Ponto.urbe, Ano 2, Versão 3.0, julho de 2008.

JESUS, Thadeu de. *Festa junina em Brasília: que relação é essa?* In: PÓS, ano 2, nº 1. Brasília, Catacumba, 1998.

HAESBAERT, R.. *Território e Multiterritorialidade: um debate*. GEOgraphia (UFF), v. 17, p. 19-45, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Centauro, São Paulo, 2004.

HANNERZ, ULF. *Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da Antropologia transnacional*. Mana [online]. 1997, vol.3, n.1, pp. 7-39

HOLANDA, Frederico. *Brasília: cidade moderna, cidade eterna*. Ed. UnB: Brasília, 2010.

KUBITSCHECK, J. *Por que construí Brasília?* Rio de Janeiro: Ed. Bloch, 1975.

LARAIA, Roque de Barros. *Candangos e Pioneiros*. Brasília, UnB, 1996.

LAPLANTINE, F. *Aprender a antropologia*. São Paulo, Brasiliense, 2003.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estruturalista Vol. I*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.

LOUREIRO, Ana Claudia N. *Rio de Janeiro: uma análise da perda recente de centralidade*. Dissertação de mestrado do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso de. *Existe violência sem agressão moral?*. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 23, n. 67, Junho, 2008.

MAGNANI, José Guilherme C. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista

Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, n. 49 – São Paulo, junho de 2002 (disponível em http://n-a-u.org/novo/wp-content/uploads/2011/11/de_perto_de_dentro.pdf).

_____. “Quando o Campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In: MAGNANI, J. G. C. & TORRES, L.L. (Orgs.). MANNHEIM, K. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.

PARK, Robert E. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano” [1916]. In: VELHO, Otávio G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

POLLAK, M. “Memória, esquecimento, silêncio” In: *Estudos Históricos* n. 3. São Paulo, Vértice, 1989.

POLLAK, M. “Memória e Identidade Social” In: *Estudos Históricos* 10. São Paulo, Vértice, 1989.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *Cultura e Política no mundo contemporâneo*. Brasília, UnB, 2000.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Arqueologia de uma cidade satélite: Brasília e suas Cidades-Satélites. In: WOORTMANN, Ellen. *Respeito à diferença: uma introdução à Antropologia*. Brasília, UnB, 1999.

ROSA PIRES, Jacira. Goiânia – Cidade Pré-Moderna do Cerrado 1922-1938. Ed. PUC/GO: Goiânia, 2007.

WOORTMANN, Ellen. *Japoneses no Brasil, brasileiros no Japão: tradição e modernidade*. Brasília, UnB, 1995.

WOORTMANN, Ellen. “Identidades e Memória entre Teuto-Brasileiros”. In: *Horizontes Antropológicos* 14. Porto Alegre, UFRGS, 2001.

RICOUER, Paul. *História, Esquecimento e Silêncio*. Campinas: Papyrus, 1998.

RILKE, M. *Carta a um jovem poeta e A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke*. São Paulo, Globo, 2003.

RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Combatentes da Paz*. Rio de Janeiro: Ed 7 Letras, 2012.

ROCHA, Everardo. *Magia e capitalismo: um estudo antropológico da publicidade*. São Paulo, Brasiliense, 1995.

SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a Sabedoria de Vida*. São Paulo: Martins Claret, 2002.

SIMMEL, G., A Metrópole e a Vida Mental, in Velho, Otávio Guilherme (org.), *O Fenômeno Urbano*, 4ª Edição da Zahar Editores, Biblioteca de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Brasil, 1979.

SIMMEL, G. “Metrópole e a Vida Mental” In *Mana 11 (2) 577-91*, Rio de Janeiro, 2005.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.) *Simmel – Sociologia*. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 34.1983. p.182-188.SIMMEL, 1973 (1979).

SIMMEL, G., A Metrópole e a Vida Mental, in Velho, Otávio Guilherme (org.), *O Fenômeno Urbano*, 4ª Edição da Zahar Editores, Biblioteca de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Brasil, 1973.

SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. *A construção de Brasília: modernidade e periferia*. Goiânia, UFG, 1997.

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas*. Ação simbólica na sociedade humana. Niterói, RJ: Eduff, 2008.

VELHO, G. *Projeto Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*; apresentação de Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Documentos acessados pela Internet

AGÊNCIA BRASIL. Disponível em http://stream.agenciabrasil.gov.br/estatico/tv_nacional.htm. Acesso em 01/04/12.

ASPTA. Disponível em http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2011/11/Cartilha_Semeando-Agroecologia.pdf. Acesso em 19/10/2012.

ALASRU. Disponível em <http://www.alasru.org/wp-content/uploads/2011/09/GT19-Regina-Bruno.pdf>. Acesso em 19/10/2012.

ASTRONOMIA AMADORA. Disponível em <https://plus.google.com/105262948307435121555/posts/V4mwYTAAGQu>. Acesso em 06/03/2013.

BASF. Disponível em http://www.agro.basf.com.br/agr/ms/apbrazil/pt_BR/content/APBrazil/news_room/Sou_Agro/Sou_Agro. Acesso em 25/09/2012.

BRASIL.GOV.BR. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/brasil/conteudo/guia-turistico/turismo-cultural/museu-vivo-da-memoria-candanga>. Acesso em 01/04/2012.

CÂMARA FEDERAL. Disponível em <http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/revista-50-anos-de-brasil>. Acesso 28/08/2012.

CORREIO BRASILIENSE. Disponível em http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2009/09/20/interna_cidadesdf,143232/index.shtml. Acesso em 01/08/2012.

CPD/UnB – Central de Processamento de Dados da Universidade de Brasília. Disponível *in locu*. Acesso em 20/06/2005.

DIREITOS HUMANOS. Disponível em: http://www.direitoshumanos.etc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12219:duas-cidades-do-entorno-estao-entre-as-10-onde-mais-mulheres-sao-mortas-&catid=35:direitos-humanos&Itemid=170. Acesso em 16/11/2012.

ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-pode-ganhar-21-linhas-de-trens-de-passageiro,944959,0.htm>. Acesso em: 23/11/2012.

FUNDAÇÃO RAUMOSÓLICA DE LOGOSOFIA. Disponível em <http://www.logosofia.com.br/Conceitos.php>. Acesso em 27/02/2012.

FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/845266-populacao-de-cidades-do-entorno-de-brasilia-cresce-29.shtml>. Acesso em 20/10/2012.

GLOBO. Disponível em <http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/01/goiania-recebera-investimentos-para-atrair-turistas-durante-copa-do-mundo.html>. Acesso em 26/11/2012.

GLOBO. Disponível em <http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/09/maior-acidente-radiologico-do-mundo-completa-25-anos-nesta-semana.html>. Acesso em 14/08/2012.

IBGE. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/brasilia/brasilia.pdf>. Acesso em 12/10/2012.

IBGE. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2031&id_pagina=1. Acesso em 22/07/2012.

ISTO É. Disponível em http://www.istoe.com.br/reportagens/32318_A+MALA+DA+ENCOL, acesso em 24/11/2012.

NAU. Disponível em <http://n-a-u.org/pontourbe03/Goldman.html>. Acesso em 01/10/2012.

R7. Disponível em <http://noticias.r7.com/distrito-federal/noticias/prefeitura-de-aguas-lindas-de-goias-inicia-pesquisa-socioeconomica-nesta-segunda-feira-20130401.html>. Acesso em 01/04/2012.

SCRIBD. Disponível em <http://www.scribd.com/doc/76427159/4/Capitulo-I>. Acesso em 15/10/2012.

SEPLAN. Disponível em <http://www.seplan.go.gov.br/sepin/pub/microreg/012.jpg>. Acesso em 04/09/2012.

SENADO FEDERAL. Disponível em <http://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasil50anos/not08.asp>. Acesso em 28/08/2012.

SENADO FEDERAL. Disponível em <http://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasil50anos/not04.asp>. Acesso em 01/04/2013.

ÚLTIMO SEGUNDO. Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2012-04-27/censo-2010-separacoes-crescem-cerca-de-20-em-dez-anos-no-brasil.html>. Acesso em 27/07/2012.

UNB. Disponível em http://www.unbciencia.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=426:unb-bate-recorde-de-publicacoes-online&catid=56:politica-cientifica. Acesso em 11/09/2012.

UNB. Disponível em <http://www.nefp.unb.br/>. Acesso em 18/09/2012.

UNB. Disponível em http://vsites.unb.br/ceam/webceam/docs/relatorio_anual2005.pdf. Acesso em 11/10/2012.

UNB. Disponível em <http://www.unb.br/noticias/unbagencia>. Acesso em 25/11/2012.

UNB. Disponível em <http://www.unbagencia.php?id=3798>. Acesso em 25/11/2012.